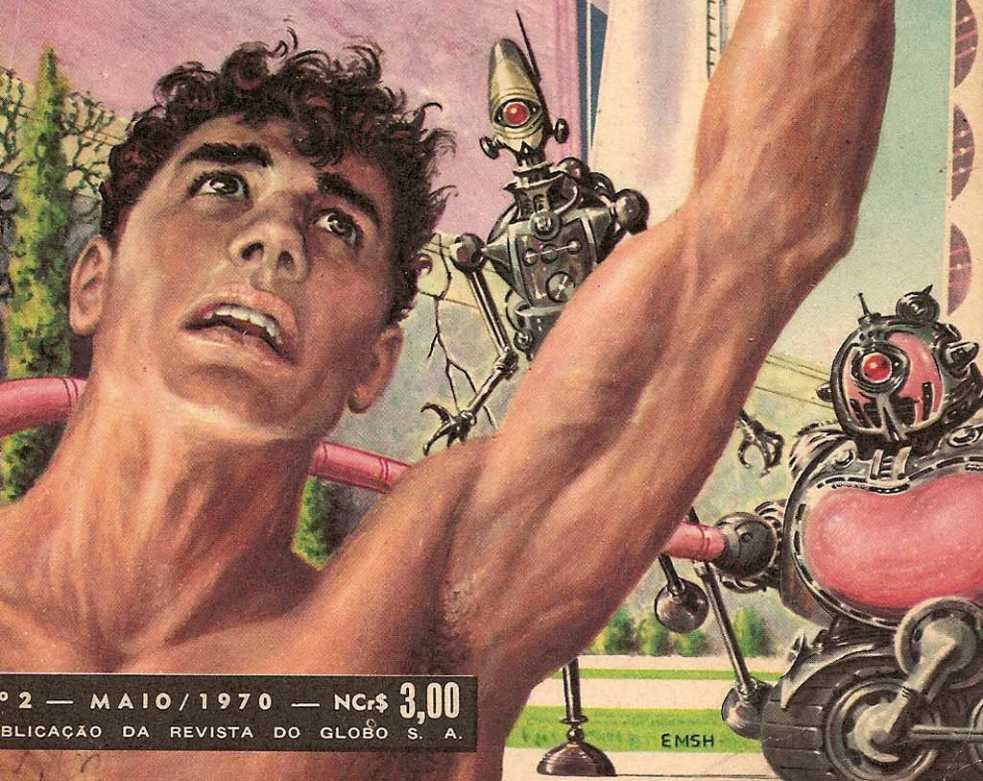
MAGAZINE DE
Ficção Científica
ISAAC ASIMOV
JOHN BRUNNER
HARRY HARRISON
DIRCEU BORGES
º 2 — MAIO/1970 — NCr$ 3,00
BLICAÇÃO DA REVISTA DO GLOBO S. A.
EMSH

ames hadley
chase
COM O MUNDO NO BÔLSO
TROUXA COMO QUALQUER OUTRO
O INFRATOR CAUTELOSO
JORNADA PARA A MORTE
MORTE VEM DE HONG-KONG
NÃO ENVIEM ORQUÍDEAS PARA MISS BLANDISH
OBJETIVO: ASSASSINAR
CONFIDENCIAL
esta série de livros policiais na COLEÇÃO AMARELA
À VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS
PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA GLOBO

Magazine de Ficção Científica

Nº 3 JUNHO DE 1970

Capa de Emsh

José Bertaso Filho, DIRETOR
Jeronymo Monteiro, DIRETOR DE REDAÇÃO
João Freire, GERENTE
Associação Brasileira de Ficção Científica, CONSULTOR CIENTÍFICO

EDITORIAL

Este segundo número do MAGAZINE DE FICÇÃO CIENTÍFICA está em nível tão alto como o primeiro, nível que pretendemos manter, mesmo incluindo em cada um, contos de FC menos avançados, em atenção aos leitores ainda não familiarizados com o gênero. Porque a FC evoluiu e os autores modernos chegaram a um ponto em que, às vezes, os "Não-iniciados" têm certa dificuldade em acompanhar a trama e o pensamento do escritor. Especialmente entre os autores americanos, verifica-se que eles se utilizam, em seus trabalhos, de idéias, expressões e estilos de velhos autores, para "gozá-los", o que escaparia ao leitor brasileiro. Sempre que se der esse caso, esclareceremos os nossos leitores em notas ao pé da página.

Temos aqui mais um artigo de Isaac Asimov, da série científica, "O primeiro metal", no qual o famoso escritor para tratar do seu assunto, o que faz de maneira fascinante, nos dá uma descrição histórica ideal das conquistas do homem desde os velhos tempos. É o primeiro de uma série de três, que aparecerão seguidamente.

O conto de autor brasileiro é de Dirceu Borges (autor do romance "O ídolo de Cedro", considerado um marco da literatura brasileira). É uma honra para nós tê-lo em nossas páginas. "Baby" é uma peça literária e é FC, dentro das normas mais modernas.

Como já dissemos anteriormente, acolheremos com satisfação contos de FC de autores nacionais: fazemos empenho em publicar um por número, e os meses vêm vindo aí, rapidamente, uns atrás dos outros.

Do mesmo modo desejamos manter uma seção de correspondência com os leitores. Eles poderão perguntar, criticar, observar, aconselhar, divergir, aplaudir,— todos serão bem-vindos. Como os primeiros números da revista estão sendo preparados com antecedência bastante grande, é evidente que esta seção não poderá começar a funcionar senão do 5.° número em diante. Mas podem, mandar suas cartas desde já. O endereço para a correspondência é: Avenida Vieira de Carvalho 197 — Apto. 9-D — São Paulo. Z.P. 2.

J. Monteiro

VOLTA À TERRA

Fritz Leiber

Trad. de Talma de Alencar

Eu não sabia como havia chegado àquele lugar maluco. Poderia ter vindo de foguete, ou através de deslocamento de espaço, torção no tempo ou mesmo a pé, pois estava cansadíssimo. Não me lembrava de nada. Quando acordei só havia o deserto em todas as direções, e, em cima, o céu cinzento e pesado.

O deserto... e a grande parada. Aquilo era suficiente para me fazer esquecer a perda de memória e olhei rápido para minhas calças procurando ter certeza de ser homem. Aqueles, digamos assim, animais, estavam passando em fila de quatro, numa coluna sinuosa que vinha não sei de onde e se perdia no nada, desfilando bem próximo do lugar onde eu me escondera.

Não importa onde eles fossem, pelo seu aspecto pareciam vindos de todos os lugares, e talvez de todos os tempos. Uns eram grandes, outros pequenos, outros novos, como crianças, e outros de porte delicado. Alguns andavam com dois pés, porém era maior o número dos que andavam com seis ou oito. Havia os que rastejavam, os que rolavam, os que fluíam, os que esvoaçavam, os que saltavam; não consegui saber se os que voavam baixo eram mascotes ou companheiros de jornada. Alguns tinham escamas, outros penas; outros couraças brilhantes como as dos besouros, e outros, peles caprichosas como as das zebras, Vários usavam roupas transparentes contendo ar ou outros gases, água ou outros líquidos, embora algumas destas roupas fossem feitas para doze tentáculos e

outras para nenhuma perna. E, raios, o seu rebolado (para resumir numa palavra todos os tipos de locomoção) parecia mais uma dança.

Eles eram muito diferentes entre si para formarem um exército, e não pareciam refugiados ou fugitivos, pois estes não dançam nem fazem música, mesmo que sejam refugiados com mais de dois ou quatro pés e com vozes e instrumentos tão estranhos que não se distinguiam uns dos outros, pelo menos para mim. Sua extrema variedade sugeria retirada frenética de um terrível desastre, ou fuga de alguma arca de sobreviventes. Mas, eu não sentia neles nenhum pânico — nem mesmo um propósito solene. Apenas se arrastavam alegremente por ali. E se constituíssem a parada de algum circo, (como se poderia deduzir do fato de ser composta de animais e ainda por cima alguns deles estando vestidos de maneira fantasista) quem estaria dirigindo o espetáculo? E onde estavam os guardas e, além de mim, onde estava o público?

Um!a horda de monstros daquele tamanho deveria me deixar com medo, mas isto não aconteceu. Por isso, saí de trás da rocha de onde estivera espiando, olhei mais uma vez em torno, procurando pegadas, ou queimadura causada por detonação, ou espiral produzida por torção de tempo, ou outro sinal qualquer de minha chegada ali. Nada encontrando encolhi os ombros e me dirigi para eles.

Eles não pararam nem correram, não atiraram, nem gritaram, não se moveram para me apanhar ou me acompanhar. Continuaram a se arrastar sem quebrar o ritmo de sua marcha. Enquanto isso voltaram-se para mim milhares de olhos calmos, do alto de hastes móveis ou do fundo de cavidades ósseas. Quando me aproximei, um ser escuro, de olhos verdes, que rolava como pneu vazio, apressou o passo e um octopus opalino de roupa completamente cheia de água deu uma paradinha, abrindo lugar para mim.

Logo em seguida eu estava também me arrastando calmamente e imaginando como aquele ser que rolava evitava as batidas, e porque o octopus caminhava com três pernas de cada vez, e ainda como poderiam maneiras tão diferentes de se movimentar harmonizarem-se como instrumentos numa banda. Ao redor ouvia-se o murmúrio variado de línguas que eu não podia entender, e via-se o arco-íris das mudanças de côr verificadas em placas apropriadas e que deveriam ser linguagem para os olhos — o octopus vestido de água de tempos em tempos tremulava.

Experimentei falar com eles na língua de uma dúzia de planetas,

das quais me lembrava. Ninguém me respondeu — e quase tentei falar com eles a linguagem da Terra, mas algo me impediu de fazê-lo. Um ser de aparência fofa, semelhante a um pássaro e que voava debaixo de uma bolsa de gás (parte de seu corpo) pousou levemente em meu ombro, murmurou gentilmente a meu ouvido e deixou cair umas bolinhas pretas de aparência muito suspeita. Um outro ser, este de duas pernas, veio dançando lá da frente da parada até onde eu estava e me ofereceu um pedaço de alimento, seco e de côr leitosa. Parecia fêmea, pois era de constituição delicada e tinha uma crista de penas lilazes. Sua face não tinha nariz nem boca: terminava em ponta, com um anel rosado. No lugar do busto havia um tufo de penas côr-de-rosa. Tentei usar as línguas não-terrenas outra vez. Ela esperou que eu me calasse e então me ofereceu outro pedaço de alimento. Provei, era como um requeijão folheado. Comi. Acenei para ela e sorri. Ela estufou as penas, traçou um círculo com a cabeça, virou-se e partiu. Quase que eu disse "Obrigado, franguinha" porque me pareceu conveniente, mas, outra vez, algo me impediu.

Decidi que havia sido aceito pela grande parada, mas, à medida que o dia ia avançando (se houvesse dias aqui, pensei) o sentimento de aceitação deixou de me dar segurança. Não mais me satisfez o fato de haver sido alimentado em vez de comido, nem o de fazer parte de uma harmonia e não de uma discordância. Acho que estava esperando demais ou talvez estivesse descobrindo uma parte de mim mesmo que me assustava. Além disso não é tranqüilizante deslizar no meio de animais inteligentes com os quais não se pode falar, mesmo que eles se comportem amistosamente, dancem, cantem e, de vez em quando, dêem coisas estranhas. Não me acalmava nem mesmo sentir que o lugar era familiar, embora fosse ao mesmo tempo solitário como as estrelas. Os monstros em torno de mim começariam a parecer cada vez mais estranhos e eu deixei de ver os pequenos aspectos de suas personalidades para me concentrar em suas aparências. Virei a cabeça procurando a criatura das penas rosadas, mas não a encontrei. Depois de certo tempo não suportei mais. Haviam surgido algumas ruínas momentos antes, parecendo arranha-céus mutilados, e agora elas estavam mais próximas. Por isso, apesar do céu baixo estar ainda mais pesado e escuro e haver ao longe ruído de trovão e clarões de relâmpago (ou pelo menos pareciam), afastei-me da parada.

Ninguém me impediu e pouco tempo depois escondi-me nas ruínas. A princípio aquelas pequenas ruínas foram confortadoras, e senti que

elas haviam sido construídas por meus antepassados. Mas quando fui até às maiores, que eram realmente arranha-céus mutilados, embora alguns fossem tão altos que atingiam o céu baixo e escuro, por um momento imaginei ouvir um guincho distante. Era como giz riscando um quadro-negro gigante e me fêz cerrar os dentes. Comecei a imaginar o que teria atingido os arranha-céus e o que teria acontecido às pessoas. Depois comecei a ver vultos negros vagando perto das ruínas, como eu. Eram quase de minha altura mas andavam de quatro. Começaram a me seguir cada vez mais de perto, movendo-se como lobos. Pude vê-los melhor. Suas faces eram cobertas de cabelos, como seus corpos, e estavam movendo os queixos. Comecei a correr e então ouvi os sons que eles produziam. O mal é que eu os entendia, apesar de serem metade rosnados e metade latidos.

"Alô, Joe."

"Você sabe, Joe?"

"É isso, Joe."

"Vamos Joe, vamos!!!"

Compreendi então o êrro que cometera vindo até às ruínas. Voltei-me e comecei a correr por onde viera, mas eles se lançaram atrás de mim, pulando e tentando me derrubar. E o pior é que eu sabia que eles não queriam me matar: queriam que ficasse de quatro, corresse, latisse e rosnasse como eles.

As ruínas foram ficando pequenas mas agora estava muito escuro e eu estava com medo de me perder. Depois fiquei com medo de que o fim da parada houvesse me ultrapassado, mas nesse momento uma luz como a que resta do poente iluminou o céu baixo, a grande parada apareceu à distância e corri em sua direção. Os seres cabeludos deixaram de me seguir.

Não entrei no mesmo setor da parada, naturalmente, mas noutro bastante parecido. Havia um outro ser escuro que rolava, mas era menor e tinha olhos azuis. Por ser menor tinha de rolar mais depressa. Havia também outra criatura envolta n'água e com muitas pernas, e outra franga, esta com uma crista vermelha e um tufo de penas alaranjadas. Mas as diferenças não me preocuparam.

A parada foi diminuindo a marcha: a mudança de ritmo se propagou pela coluna até meu lugar. Olhei para a frente. No céu baixo havia uma grande abertura circular e eu podia ver as estrelas através dela. Por ela a parada estava voando, cada criatura se lançando na direção dos pon-

tos de luz que brilhavam na escuridão.

Continuei me arrastando para a frente, contente, embora mais devagar. Vi trajes espaciais empilhados no chão do deserto, de cada lado da parada. Eram apropriados para as formas de todas as criaturas que se possa imaginar, e também capazes de transportá-las a salvo através do Vazio lá de cima. Depois de algum tempo chegou minha vez. Encontrei um traje, vesti-o, fechei-o confortàvelmente e localizei os botões de controle nas palmas das luvas. Nesse momento senti em meus dedos algo mais que os botões de controle. Olhando para o lado vi que estava de mãos dadas com um octopus cujo traje espacial cobria sua outra roupa cheia d’água e com uma franga de crista preta e penas cinzas, também com traje espacial.

Ela traçou um círculo com a cabeça, eu fiz o mesmo, o octopus traçou um círculo menor com um tentáculo livre. Então fiquei sabendo uma das razões pelas quais eu não usara a língua da Terra: deveria ficar calado até aprender ou lembrar a língua deles. Outra razão: os cabeludos de quatro pés lá em baixo nas ruínas haviam sido homens como eu e no entanto eu os odiava. Estas criaturas a meu lado, porém, eram da minha espécie, e tínhamos vindo mais uma vez olhar a Terra que se havia autodestruído e os homens que haviam permanecido nela. Voltar, e perder a memória com o choque de estar outra vez no meu planeta ancestral tão rebaixado.

Então apertamos as mãos com força, o que acionou os botões em nossas palmas. Nossos jatos dispararam atrás de nós e voamos juntos para longe deste mundo, através daquela abertura redonda e lisa como uma rôsca, na direção das estrelas. Compreendi enfim que o espaço não estava vazio, que aquêles pontos de luz na escuridão não eram solitários.

UMA ESTÓRIA NA 4ª DIMENSÃO

O conto “Depois do Enfer”, de Philip Latham é muito humano, vivido por um homem comum, de vida comum mas que de repente se vê atirado a extraorrinária aventura na Quarta Dimensão. Ao ler este conto no próximo número do MFC vocês viverão com Sam sua mediocridade, sua aventura e, depois, sua vida feliz.

OS VITANULS

John Brunner

Trad. de Renato J. Ribeiro

Diante da janela de vidro duplo, à prova de som e de germes, da sala de parto, a supervisora parou.

— E ali está nosso santo patrono — disse ao jovem americano alto, da Organização Mundial de Saúde.

Barry Chance teve um sobressalto. Ela era uma dinâmica quarentona de Cachemira, com uma aura de eficiência, e não parecia do tipo de pessoa de quem se espera que faça piadas com o trabalho de toda a sua vida. E de fato não houve nenhum indício de brincadeira no seu tom de voz. Mas neste superpopuloso subcontinente da Índia um estrangeiro nunca podia ter certeza.

Êle procurou um compromisso.

— Sinto muito — mentiu. — Não entendi direito...

Com o canto do olho, estudou o homem que a supervisora tinha apontado. Era idoso e estava se tornando calvo; o pouco cabelo que lhe restava tinha branqueado até se tornar uma espécie de halo em torno do rosto de linhas marcadas. Muitos indianos, tinha observado o americano, tendiam a engordar com a idade, mas este homem se tornara esquelético, como Gandhi. Certamente, porém, a aparência ascética e o halo de cabelo não bastavam para justificar uma reivindicação à santidade.

— Nosso santo patrono — repetiu a supervisora, sublimemente alheia ao espanto do seu visitante. — Dr. Ananda Kotiwala. O senhor tem, muita sorte de vê-lo trabalhando. É o último dia que passa aqui, antes de

aposentar-se.

Tentando com dificuldade dar um sentido às palavras dela, Chance olhou desembaraçadamente o velho.. Achou que a sua indelicadeza ficava desculpada porque êste corredor que dava para a sala de parto era uma espécie de galeria pública. Em todos os lados, estavam parentes e amigos das gestantes, até mesmo criancinhas bem pequenas que tinham de ficar na ponta dos pés para enxergarem pela janela de vidro duplo. Não havia nenhum tipo de isolamento na Índia, a não ser para os ricos, e em qualquer país superpopuloso e subdesenvolvido uma fração mínima da população gozava daquele luxo que êle considerava garantido desde a infância.

O fato de crianças ainda aprendendo a andar poderem assistir, fascinadas, à chegada de seus novos irmãos e irmãs era aceito aqui como uma parte do seu crescimento. Chance advertiu-se severamente de que era estrangeiro, e — ainda por cima — médico, educado numa das raras faculdades que ainda exigia dos formandos o Juramento Hipocrático, na sua forma completa. Empurrou os preconceitos para o fundo da mente e concentrou-se em desvendar a curiosa observação da supervisora.

A cena à sua frente não oferecia qualquer pista para sua compreensão. Tudo o que podia ver era a típica sala de parto de um hospital indiano, com trinta e seis mães nos trabalhos do parto, das quais duas sofriam dores fortes e gritavam — era pelo menos o que parecia, devido às suas bocas abertas; a vedação de som era extremamente boa.

Imaginou rapidamente quais seriam os sentimentos dos indianos sobre a entrada de seus filhos no mundo em tais circunstâncias. O que isto lhe sugeria era uma linha de produção em série, as mães reduzidas a máquinas produzindo sua cota de crianças de acordo com um programa predeterminado. E tudo isso tão desagradavelmente público!

Mais uma vez, porém, êle estava caindo na armadilha de pensar provincianamente, como americano moderno. Por gerações sem conta a esmagadora maioria da humanidade tinha nascido em público. Embora se tivesse estimado que a população atual viva do mundo fosse mais ou menos igual em número a todos os seres humanos que já tinham existido antes do século XXI, a maioria da população da Terra continuava aquela tradição antiga, e um nascimento era um acontecimento social: nas aldeias, um pretexto para festa, ou, como aqui, motivo de excursão da família ao hospital.

Era fácil contar os aspectos modernos do acontecimento. As ati-

tudes das mães, por exemplo: podia-se ver de uma só olhada quais delas haviam recebido instrução moderna pré-natal, pois seus olhos estavam fechados e em seus rostos havia expressão de determinação. Sabiam do milagre que estava acontecendo em seus corpos, pretendiam ajudá-lo, e não resistir-lhe. Bom. Chance balançou a cabeça em sinal de aprovação. Mas permaneciam as mães que estavam gritando, tanto de terror quanto de dor, provavelmente...

Desviou com esforço a atenção. Afinal, sua missão era proceder ao levantamento dos métodos usados neste país.

As últimas recomendações dos especialistas pareciam estar sendo aplicadas corretamente — era de esperar-se, aliás, numa grande cidade, onde a maior parte da equipe médica tivera a sorte de especializar-se no exterior. Dentro de pouco tempo, êle deveria visitar as aldeias do interior e então as coisas seriam diferentes, mas pensaria nisto quando chegasse a hora.

O médico idoso que tinha sido chamado “nosso santo patrono” estava justamente terminando o parto de um menino. A mão enluvada ergueu o último recruta do exército da humanidade, resplandecendo. Um tapa — correção: uma pancadinha levemente reprimida, com a palma aberta, suficiente para provocar uma comoção e a primeira respiração profunda, mas não forte demais para agravar o trauma do nascimento. E passou-o à enfermeira que aguardava, para colocá-lo no bercinho ao lado da cama, um pouco mais baixo do que a mãe, para que as últimas preciosas gramas de sangue materno pudessem verter da placenta, antes de se cortar o cordão umbilical. j .

Excelente. Tudo conforme à melhor prática moderna. Uma pergunta, porém — por que o médico tinha que explicar tantas coisas tão pacientemente à garota desajeitada que segurava o bebê?

A perplexidade de Chance durou pouco; logo se lembrou. É claro. Não havia enfermeiras treinadas, neste país, em número suficiente para destinar uma para cada nova mãe. Por isso, estas garotas asseadas e assustadas em aventais de plástico, cabelos pretos lisos e grudados à cabeça, presos com inúteis fitas plásticas, deviam ser filhas mais novas ou irmãs mais velhas, fazendo o possível para ajudar.

Então o velho, com um sorriso final de confiança, largou a garota nervosa e foi segurar a mão de uma das mulheres que gritavam.

Chance olhou com satisfação enquanto o velho a confortava, fa-

zendo-a relaxar completamente em poucos instantes, e — tanto quanto se podia adivinhar, através da dupla barreira do vidro à prova de som e de uma língua incompreensível — instruindo-a como apressar o parto. Contudo, isto ainda não era nada mais do que já tinha visto em uma centena de hospitais.

Virou-se para a supervisora e perguntou-lhe à queima-roupa:

— Por que a senhora o chama de "santo patrono"?

— O Dr. Kotiwala — disse a supervisora — é o mais... com se diz isto em inglês? Existe a palavra "empático"?

— De "empatia" ? — Chance franziu as sobrancelhas. — Acho que não. Mas eu entendi o que quer dizer.

— Sim — disse a supervisora. — O senhor não viu como êle acalmou aquela mulher que estava gritando ?

Chance fêz um sinal afirmativo com a cabeça. "Sim, lembrou-se, isto deve ser olhado como um dom especial num país como este — ser capaz de abrir caminho pelo medo supersticioso de uma mulher pouco superior ao nível dos camponeses e fazê-la compreender o que custara a outras mulheres em tôrno dela nove meses de gravidez e muita instrução especializada para entender. Agora, só havia uma mulher gritando de boca aberta, e o médico a estava acalmando. A outra, a quem êle acabava de falar, estava fazendo a maior força para encorajar as contrações.

— O Dr. Kotiwala é formidável — continuou a supervisora. — Todos o veneram. Conheci pais que consultavam astrólogos, não para determinar o mais feliz nascimento para o filho, mas apenas para ter certeza de que ia nascer durante o turno do Dr. Kotiwala.

Turno? Ah! sim: eles operavam em turnos de três dias. Mais uma vez lhe veio a imagem de uma linha de produção em série. Mas isto era um conceito muito avançado para conciliar-se com a idéia de consultar astrólogos. Que país maluco! Chance reprimiu um arrepio e confessou a si mesmo que ficaria contente quando fosse autorizado a regressar à sua terra.

Durante compridos minutos depois disto, ficou calado, observando algo que não tinha notado antes: como, quando as dores do parto permitiam, as mães abriam os olhos e acompanhavam cheias de fé o caminho do Dr. Kotiwala pela sala, como se quisessem convidá-lo a passar um minuto ou dois ao seu lado.

Desta vez não foram satisfeitas as esperanças delas. Um bebê es-

tava nascendo, apresentando-se pelas nádegas, no fundo da sala, e seria necessário agir com muito cuidado para mudar a sua posição. Vestida de plástico, uma bonita garota morena de uns quinze anos foi observar o que o médico fazia, colocando a mão direita de modo que a mãe, tensa e ansiosa, pudesse segurá-la para conforto.

Segundo seus próprios padrões, pensou Chance, não havia nada de excepcional em Kotiwala. Era competente, sem dúvida, e era visível que as pacientes gostavam dele, mas era velho e mesmo vagaroso, e podia-se ver como andava lentamente, agora que se aproximava o fim do seu turno e estava ficando cansado.

Por outro lado, era admirável encontrar o toque humano numa fábrica de bebês como esta. Tinha perguntado à supervisora, poucos minutos depois da sua chegada, qual era o tempo médio de permanência de uma paciente, e ela respondera, com um sorriso amarelo: — Qh! — vinte e quatro horas para os casos fáceis e talvez trinta e seis para os casos complicados.

Olhando o Dr. Kotiwala, poderia supor-se que aquele era todo o tempo do mundo.

Do ponto de vista americano, nem mesmo isto justificava uma pretensão à santidade, mas através de olhos indianos as coisas, sem dúvida, pareciam diferentes. A supervisora tinha-o prevenido de que havia chegado numa época difícil, nove meses depois de um grande festival religioso da primavera, que era considerado ocasião propícia para se aumentar a família. A advertência não o tinha preparado para a realidade; o hospital estava lotado.

Contudo, podia ter sido pior. Ele estremeceu um pouco. O outro lado da questão estava solucionado, mas havia ainda o problema de 180.000 novas bocas para alimentar a cada dia que passava. No auge da explosão populacional, chegara-se a quase um quarto de milhão por dia; então, o impacto dos modernos produtos médicos fêz-se sentir, e mesmo na Índia, na China e na África começou-se a reconhecer a necessidade de planejar o número de crianças que poderiam ser alimentadas, vestidas e educadas, e a crise diminuíra.

Todavia, passariam anos antes que as crianças daquele período de explosão pudessem tornar-se professores, operários, médicos, para lutar contra a tremenda pressão. Pensando nesta linha de idéias, chegou a um assunto que vinha atraindo muito a sua atenção ultimamente, e falou em

voz alta, sem querer.

— Pessoas como este homem, *nesta* profissão — eis o que elas deviam escolher!

— Perdão? — disse a supervisora com formalidade positivamente britânica. Os ingleses tinham deixado marcas inextirpáveis nos intelectuais deste país.

— Nada — murmurou Chance.

— Mas o senhor não disse alguma coisa, que alguém devia escolher o Dr. Kotiwala para algo?

Aborrecido consigo mesmo, e contudo — assim que se lembrou do dilema a ser divulgado brevemente por todo o mundo — incapaz de controlar a língua, Chance cedeu terreno.

— A senhora disse que este era o último dia do Dr. Kotiwala no hospital, não era?

— Era, sim. Ele se aposenta amanhã.

— Existe alguém em condições para substituí-lo?

A supervisora sacudiu vigorosamente a cabeça.

— Ah! não! Fisicamente, sim, outro médico vai assumir os seus turnos, mas homens como o Dr. Kotiwala são raros em qualquer geração e principalmente nos tempos modernos. Estamos muito tristes por perdê-lo.

— Ele... ah... ultrapassou o limite de idade para aposentadoria compulsória?

A supervisora sorriu levemente.

— Como, na Índia? Não podemos dar-nos aos seus luxos americanos, e isto inclui jogar num monte de lixo material usável — humano ou não — antes de estar totalmente aproveitado.

Com os olhos no idoso médico, que tinha sucessivamente solucionado o problema do bebê em má posição e passado à mulher da cama ao lado, Chance disse:

— Êle está se aposentando voluntariamente, então.

— Está.

— Por quê? Perdeu o interesse pelo trabalho?

A supervisora ficou chocada.

— Claro que não! Mas não tenho certeza de poder explicar direito as razões dele. — Mordeu o lábio. — Bom, êle está bem velho e tem medo de distrair-se um dia desses e uma criança morrer por sua culpa. Se isto

acontecesse, êle recuaria muitos passos no caminho para a iluminação.

Chance também sentiu uma onda de iluminação. Acreditando que tinha entendido completamente o que a supervisora queria dizer, falou:

— Neste caso, êle merece completamente. ...

E parou, porque havia estrita proibição de pensar ou falar sobre este assunto.

— O quê ? — perguntou a supervisora, e quando Chance sacudiu a cabeça, prosseguiu: — Sabe? quando era bem jovem, o Dr. Kotiwala foi muito influenciado pelos ensinamentos dos Jainos para quem é repugnante tirar qualquer vida. Quando o seu desejo de fazer o máximo para proteger a vida o levou a estudar medicina, teve que reconhecer que é necessário matar certas vidas — de bactérias, por exemplo — para assegurar a sobrevivência humana. A sua benevolência se baseia em princípios religiosos. E seria mais do que pode suportar o pensamento, que sua arrogância em continuar trabalhando, quando já não tem mais segurança, custasse a vida a um bebê inocente.

— Ele dificilmente será um Jaino agora — disse Chance, sem saber o que mais poderia observar. Dentro de si mesmo estava pensando que, se era verdade o que a supervisora tinha falado, havia alguns velhos fósseis em seu país que poderiam ter um pouco da humildade de Kotiwala, ao invés de permanecerem no trabalho até serem, praticamente senis.

— É um hindu, como á maior parte de nosso povo — explicou a supervisora. — Contudo, êle me diz muitas vezes que sua maneira de pensar foi muito influenciada pelos ensinamentos do Budismo — que começou, afinal de contas, como uma heresia do hinduísmo. — Ela não parecia muito interessada no que estava dizendo. — Mas receio que ainda não entendi aquilo a que o senhor se referia há um momento — acrescentou.

Chance pensou nas gigantescas fábricas, pertencentes à Du Pont, Bayer, Glaxo e só Deus sabe a quem mais, trabalhando dia e noite e gastando mais energia do que um milhão de mães que dão à luz seres humanos comuns, considerou que os fatos seriam do domínio público daí a bem pouco tempo, e por isso não fazia mal que êle erguesse um canto da cortina de segredo. Estava-o deprimindo ter que ficar calado o tempo todo.

— Bem, o que eu estava pensando é que, se tivesse alguma influência no assunto, as pessoas como êle teriam prioridade quando se chegasse a... hum... às formas mais avançadas de tratamento médico. Parece

melhor conservar alguém que é amado e admirado, do que manter vivo alguém que é quase apenas temido.

Houve um silêncio.

— Acho que o estou entendendo — disse com ar esperto a supervisora. — O senhor quer dizer que a pílula antimorte surte efeito? — Ela lhe dirigiu outro dos seus sorrisos amarelos. — Ah! nós temos dificuldade em acompanhar a literatura especializada quando trabalhamos sob uma pressão destas, mas houve algumas "deixas", não é? Os senhores dos países ricos, como os Estados Unidos e a Rússia, tentaram durante anos encontrar um preparado de espectro amplo contra o envelhecimento, e eu penso, conhecendo seus países somente pelo que me contaram, que deve ter havido uma longa discussão irritada sobre quem deveria beneficiar-se primeiro.

Chance rendeu-se completamente e abaixou miseravelmente a cabeça, em confirmação.

— Sim — disse êle — há um preparado contra a senilidade. Não é perfeito, mas a pressão dos laboratórios farmacêuticos para iniciar a sua produção comercial cresceu tanto que, imediatamente antes de eu deixar a sede da OMS para vir aqui, ouvi dizer que os contratos estavam sendo preparados. O tratamento de uma pessoa custará quinhentos ou seiscentos dólares e durará de oito a dez anos. Não preciso explicar-lhe o que isto significa. Mas, se eu tivesse autoridade, escolheria alguém como o Dr. Kotiwala para beneficiar-se dos resultados, antes de todos os velhos imbecis que têm poder e dinheiro e vão ter suas idéias obsoletas transportadas para o futuro, graças a esta descoberta!

Parou logo, assustado com sua própria veemência e esperando que nenhum dos espectadores curiosos em torno deles soubesse inglês.

— Sua atitude faz-lhe justiça — disse a supervisora. — Mas, num certo sentido, não é exato dizer que o Dr. Kotiwala está se aposentando. Ele preferiria dizer que está mudando de carreira. E, se o senhor lhe oferecesse um tratamento anti-senilidade, eu acredito que êle sorriria e recusaria.

— Por que razão ?

— É difícil de explicar em inglês. — A supervisora franziu as sobrancelhas. — Talvez saiba o que é um *saniási*?

Espantado, Chance disse: — Um daqueles homens santos que vi pela praça, vestindo somente uma tanga e levando uma tigela de pedinte?

— E um bastão também, geralmente.

— É uma espécie de faquir?

— De forma alguma. O *saniási* é um homem no estágio final do trabalho de sua vida. Pode ter sido qualquer coisa anteriormente, homem de negócios, muitas vezes, ou funcionário público, ou advogado, ou mesmo médico.

— A senhora quer dizer que o Dr. Kotiwala vai jogar fora todos os seus conhecimentos médicos, todo o serviço que ainda pode fazer neste país superpopuloso, mesmo arriscando a vida de um bebê algum dia desses, e vai sair por aí pedindo esmolas, vestido de tanga, somente pela sua própria salvação?

— É por isso que nós o chamamos de nosso santo patrono — disse a supervisora com um sorriso afetuoso, na direção do Dr. Kotiwala. — Quando tiver ido embora daqui, e alcançado tanta virtude, será um amigo para nós que permanecemos atrás.

Chance estava consternado. Um momento antes, a supervisora estava dizendo que a Índia não podia dar-se ao luxo de jogar fora pessoas com bom trabalho ainda à frente; agora, ela parecia aprovar um plano que o chocava, pois lhe parecia composto em iguais partes de egoísmo e de superstição.

— A senhora está-me dizendo que êle acredita nesta tolice de empilhar virtude para uma existência futura?

A supervisora dirigiu-lhe um olhar frio.

— Acho que isto é indelicado de sua parte. O ensinamento do Budismo diz que a alma renasce, num ciclo eterno, até atingir a unidade como o Todo. O senhor não pode avaliar como uma vida de trabalho entre os recém-nascidos torna tudo isso real para nós.

— A senhora também acredita nisso?’

— Isto é irrelevante. Mas... eu assisto a milagres toda vez que aceito uma mãe neste hospital. Vejo como um ato animal, um processo com associações repugnantes, de promiscuidade, de sangue mesmo, vem a dar no desenvolvimento de um ser racional. Eu nasci, e o senhor também, uma criança totalmente desprotegida, e aqui estamos, conversando sobre conceitos abstratos. Talvez isto seja somente uma função de complexidade química; não sei. Já lhe disse que acho difícil seguir toda a literatura.

Chance olhou pela janela da sala de parto com um franzir perplexo

de sobrancelhas. Sentiu-se algo desapontado — mesmo fraudado — depois de ter manifestado sua aceitação total do Dr. Kotiwala nos termos de admiração da supervisora. Finalmente murmurou: — Suponho que talvez seja melhor a gente passar adiante.

A sensação de que o Dr. Kotiwala tinha maior consciência era o cansaço. Percorria o seu corpo todo, até a medula dos ossos.

Não havia nenhum indício disto na sua conduta exterior — nenhuma sugestão de que agia mecanicamente, por uma sucessão de movimentos. As mães que confiavam a si mesmas e seus rebentos ao cuidado dele, teriam detectado qualquer deslize como este, com percepções mais profundas do que as ordinárias, e êle próprio teria sabido a verdade e sentido que traía a confiança dos outros.

Mas êle estava indescritível e inacreditavelmente cansado.

Tinham passado mais de sessenta anos de sua formatura na Faculdade de Medicina. Não houvera mudanças na forma em que são criados os seres humanos. Ah! os enfeites tinham mudado, enquanto a medicina fizera seus impactos sucessivos; lembrava-se das absurdas catástrofes causadas por remédios como a thalidomida, e pelas bênçãos espalhadas às cegas pelos antibióticos, que inundaram países como o seu com mais bocas do que seria possível alimentar, e agora êle lidava com técnicas que significavam que nove em cada dez crianças nascidas sob sua supervisão eram desejadas, amadas pelos pais, ao invés de serem um fardo ou estarem condenadas à meia vida da ilegitimidade.

As vezes as coisas saíam bem, às vezes mal. No curso de sua longa e valiosa carreira, o Dr. Kotiwala tinha concluído por não depositar confiança em nenhum outro princípio.

Amanhã...

Sua mente ameaçava escapar para longe do que êle estava fazendo: trazendo à vida independente o último de todos aqueles que tinha ajudado a nascer. Quantos milhares de mães tinham gemido na cama diante dele? Não ousava contar. E quantos milhares de vidas novas tinha ajudado a surgir ? Estas êle ousava menos ainda contar. Talvez tivesse trazido à vida um ladrão, um ingrato, um assassino, um fratricida...

Não importa. Amanhã — na verdade, hoje, porque seu turno tinha terminado e este bebê que estava erguendo pelo pé era o último que êle jamais ajudaria a nascer num hospital, embora, se alguém lhe pedisse

para ajudar em alguma aldeia miserável, êle não se recusaria... Amanhã chegariam ao fim todas as amarras mundanas. Êle se entregaria à vida do espírito, e então...

Êle examinou o bebê. A mulher ao lado da mãe, sua cunhada, muito agitada pelas coisas que tinha sido forçada a fazer, como esterelizar as mãos com desinfetante e despir seu melhor sari em troca de um repugnante avental plástico, formulou uma pergunta medrosa.

Hesitou na resposta. A um olhar superficial, não aparecia nenhum defeito no bebê. Era um menino, fisicamente inteiro, a côr sangüínea normal pós-natal, soltando um grito satisfatório de saudação ao mundo. Tudo estava como devia estar. E contudo...

Ninou o bebê no braço esquerdo, enquanto abria habilmente uma pálpebra, e depois a outra. Sessenta anos de prática lhe haviam dado suavidade. Olhou fundo nos olhos vazios e brilhantes, que contrastavam quase espantosamente com a pele em torno.

Além, para além dos olhos havia... havia...

Mas que podia dizer de uma criança tão nova como esta ? Suspirou e passou-a aos cuidados da cunhada, e o relógio na parede marcou os poucos segundos finais do seu turno.

Entretanto, sua mente permanecia com o mesmo impulso indefinível que o levara a dar uma segunda olhada ao bebê. Quando chegou o médico do turno seguinte, o Dr. Kotiwala terminou o seu curto relato, dizendo: — Há algo errado com o recém-nascido da cama 32. Não consigo descobrir o que é. Mas, se tiver tempo, faça um exame completo nele, por favor.

— Pois não — disse o médico, um jovem gordo de Benares, de rosto moreno brilhante e mãos macias.

O assunto continuou a intrigar o Dr. Kotiwala mesmo depois de ter falado a respeito. Depois de trocar de roupa, tomar um banho de chuveiro, já pronto para partir, ainda permaneceu no corredor, observando o colega que examinava o bebê como lhe tinha pedido, fazendo uma inspeção meticulosa da cabeça aos pés. Não achou nada errado e, vendo o Dr. Kotiwala quando se voltou, abriu as mãos e sacudiu os ombros, como se quisesse dizer: "Tanto barulho a troco de nada!".

E contudo, quando olhei nestes olhos, algo atrás deles sugeria...

Não, era absurdo. Que poderia um adulto esperar encontrar nos olhos de um bebê novinho em folha? Não era arrogância o que o fazia

pensar que o colega não estava percebendo algo de importância vital? Num dilema, pensou em voltar à sala de parto e dar outra olhada.

— Não é o seu santo patrono que está parado aí? — murmurou Chance, em tom cínico, para a supervisora.

— Como ? É mesmo! Que sorte o senhor tem! Agora, pode ficar conhecendo o doutor — se quiser.

— A senhora o pintou em cores tão brilhantes — disse secamente Chance — que sinto que estaria perdendo uma grande ocasião se não o conhecesse, antes de êle tirar as roupas e virar um nativo.

A ironia escapou quase totalmente à supervisora. Ela se lançou para a frente com exclamações de júbilo, mas se interrompeu no momento em que percebeu a expressão abatida de Kotiwala.

— Doutor! Há algo errado?

— Não sei — suspirou Kotiwala. Seu inglês era bom, mas tinha forte sotaque, no ritmo cantado que os antigos senhores ingleses da Índia tinham chamado "o galés de Bombaim".

— É o recém-nascido da cama 32, um menino — prosseguiu. — tenho *certeza* de que alguma coisa está errada, mas não faço a menor idéia de quê.

— Neste caso, precisamos dar uma olhada nele — disse vigorosamente a supervisora. Era óbvio que ela tinha fé implícita nas opiniões de Kotiwala.

— O Dr. Banerji examinou-o e não concorda comigo — respondeu Kotiwala.

No juízo da supervisora, Kotiwala era Kotiwala e Banerji era um ninguém; sua expressão o dizia, mais alto do que palavras. Chance percebeu que era a sua oportunidade de verificar se a confiança da supervisora tinha algum fundamento real, e opinou:

— Olhe, ao invés de gastarmos o tempo do Dr. Banerji — êle tem muita coisa para fazer lá dentro — por que não trazemos a criança para fora e não damos uma olhada nela?

— O Dr. Chance, da Organização Mundial de Saúde — explicou a supervisora. Ausente, o Dr. Kotiwala apertou-lhe a mão.

— Certo, é uma boa idéia. Uma segunda opinião, não seria?

No fundo da mente, Chance tinha pensado que o seu treinamento relativamente recente o capacitaria a aplicar alguns testes que Kotiwa-

la não estava acostumado a empregar. De fato, porém, foi o contrário; o apalpar lento, meticuloso, do corpo e dos membros da criança por onde começou o velho indiano não estava de forma alguma na linha dos métodos que Chance usava. Era claro que tinha as suas vantagens, desde que se soubesse a localização normal de cada osso e músculo importante, no esqueleto infantil. De qualquer forma, não revelou nada.

Coração normal, pressão de sangue média, tôdas as aparências exteriores saudáveis, reflexos presentes e vigorosos, fontanela um pouco grande mas dentro da escala normal de variações...

Depois de uns três quartos de hora, Chance estava convencido de que o velho fazia isto para impressioná-lo, e em conseqüência estava perdendo gradativamente a paciência. Percebeu que Kotiwala abria, toda hora, as pálpebras do bebê e observava longamente os olhos, como se quisesse ler no cérebro colocado por trás deles. Depois de muitas repetições do mesmo ato, explodiu:

— Diga-me, doutor! O que o senhor vê nos olhos dele, hem?

— O que o *senhor* vê? — contrapôs Kotiwala, e passou o bebê para que Chance também o observasse. ...

— Nada — resmungou um instante depois. Já tinham examinado os olhos, como todo o resto.

— É o que eu também vejo — disse Kotiwala. — Nada.

Ah! pelo amor de Deus! Chance rodou nos calcanhares e foi para um canto da sala, tirando as luvas para depois guardá-las no armário. Falou por cima dos ombros: — Francamente, não vejo nada errado no bebê. Do que o senhor pensa que se trata? Da alma de uma minhoca, que entrou neste corpo por um engano, ou alguma coisa assim ?

Kotiwala dificilmente não teria notado o desprezo com que foram pronunciadas estas palavras, mas sua resposta foi perfeitamente calma e cortês.

— Não, Dr. Chance, acho isto pouco provável. Depois de muito tempo de contemplação, cheguei à conclusão de que as idéias tradicionais são imprecisas. A condição humana é assunto humano. Envolve o imbecil e o gênio, mas não inclui, mesmo em parte, nenhuma outra espécie. Quem poderia pretender que a alma de um macaco, ou de um cão, fosse inferior à que transparece nas janelas sujas dos olhos de um débil mental ?

— Certamente eu não — disse sarcasticamente Chance, e começou a despir o avental. Kotiwala suspirou, e sacudiu os ombros, calando-se.

Tempos depois...

O *saniási* Ananda Bhagat só vestia uma tanga, e possuía apenas a tigeja de pedinte e o bastão que levava. Em torno dele — pois fazia frio na terra das colinas, neste dezembro desolado — as pessoas da aldeia tremiam em suas roupas grosseiras e baratas, passando todo o seu tempo livre amontoadas junto a fogueiras minúsculas. Queimavam lascas de madeira, raramente carvão vegetal, e bastante esterco de vaca. Os especialistas estrangeiros os haviam aconselhado a utilizar como adubo o esterco, mas o calor de um fogo estava mais perto do presente do que o mistério do nitrogênio e as colheitas do ano seguinte.

Ignorando a frieza, ignorando também a forte fumaceira do fogo que se elevava e enchia a palhoça escura, Ananda Bhagat falava, consolando-a, a uma medrosa moça de uns dezessete anos, a cujo peito uma criança mamava. Tinha observado os olhos do bebê, e tinha enxergado — nada.

Não era o primeiro caso destes nesta aldeia; não era a primeira aldeia em que o tinha visto. Aceitava-o como um fato da existência. Com o abandono do nome Kotiwala, foram-se os preconceitos do Doutor em Medicina, Trinity College, Dublin, que seguira os preceitos do intelectualismo, nas esterilizadas enfermarias do hospital da cidade grande. Com oitenta e cinco anos, sentira uma realidade maior, que aparecia, mais ou menos indistinta diante dele, e sua decisão final tinha sido render-se a ela.

Agora, enquanto olhava pensativo o rosto vazio da criança, ouviu um ruído. A jovem mãe também o ouviu, e ficou com medo, porque era um ruído alto e aumentava cada vez mais. Tanto se tinha distanciado Ananda Bhagat do seu antigo mundo, que precisou fazer um esforço consciente antes de identificá-lo. Um zumbido no céu. Um helicóptero, uma raridade por aqui; por que viria um helicóptero a determinada aldeia entre as setenta mil aldeias da Índia?

A jovem mãe lamentou-se.

— Tenha calma, filha — disse o *saniási*. — Vou lá e vejo o que é.

Deixou cair a mão, com uma palmadinha final de animação, e saiu pelo portal mal construído, para ficar parado na rua fria, ao vento. A aldeia tinha apenas uma rua. Protegendo os olhos com a mão fina, esquadrinhou o céu.

Sim: um helicóptero, dando voltas e brilhando à luz fraca do sol

de inverno. Estava descendo, mas não havia relação entre isto e o fato de estar visível a olho nu. Antes de se ouvir o seu som, o aparelho já devia estar descendo.

Esperou.

Num instante, as pessoas saíram de suas casas, tagarelando, perguntando-se por que a atenção do mundo exterior, na forma desta máquina barulhenta e curiosa, se teria voltado para eles. Vendo que o seu magnífico visitante, o homem santo, o *saniási* — havia poucos deles nestes dias, e eram venerados — estava firme em seu lugar, tiraram coragem do seu exemplo e igualmente esperaram, audaciosos.

O helicóptero aterrissou num turbilhão de poeira, a pequena distância do caminho batido que era chamado "rua", e um homem pulou para fora; um estrangeiro alto de pele clara. Perscrutou a cena lentamente, localizou o *saniási* e deixou escapar uma exclamação. Gritando alguma coisa aos companheiros, começou a subir a rua. Desceram dois outros, que ficaram atrás do aparelho, conversando em voz baixa: uma moça de-uns vinte anos, de sari azul e verde, e um rapaz de uniforme de vôo, o piloto.

Segurando o bebê apertado contra si mesma, a jovem mãe também saiu para ver o que estava acontecendo. Seu primeiro filho — uma criança ainda aprendendo a andar — seguiu-a a passos vacilantes, com a mão estendida para apoiar-se no sari dela, se escorregasse.

— Dr. Kotiwala! — disse o jovem que descera do helicóptero.

— Fui eu! — aquiesceu o *saniási*, com voz rústica. O vocabulário inteiro de inglês tinha-se varrido de sua mente, como a pele que uma cobra abandona.

— Pelo amor de Deus! — a voz do jovem era áspera. — Já tivemos trabalho suficiente em encontrá-lo, para o senhor fazer jogos de palavras conosco agora que estamos aqui! Tivemos que parar em treze aldeias no caminho, juntando pistas e sendo informados sempre que o senhor tinha estado lá na véspera e ido embora...

Enxugou o rosto com o dorso da mão.

— Meu nome é Barry Chance, no caso de o senhor ter se esquecido. Fomos apresentados no hospital no.....

O *saniási* ihterrompeu-o:

— Lembro-me muito bem, obrigado. Mas quem sou eu, para o senhor desperdiçar tanto tempo e energia à minha procura?

— Tanto quanto pudemos averiguar, o senhor foi a primeira pessoa a reconhecer um Vitanul.

Houve um silêncio. Enquanto isso, Chance quase podia ver a personagem do *saniási* desaparecendo e cedendo lugar à do Dr. Kotiwala. A alteração refletiu-se na voz, que recuperou o ritmo “galés de Bombaim” nas palavras seguintes.

— Meu latim é mínimo, pois, apenas aprendi o que era necessário em medicina, mas suponho que isto deriva de vita, vida, e nullus... O senhor quer dizer: como esta menina?

Fêz um gesto para a mulher ao lado dar um passo à frente, e pousou levemente a mão nas costas do bebê.

Chance observou o bebê e finalmente sacudiu os ombros.

— Se o senhor diz que é — murmurou. — Ela só tem dois meses, não é? Assim; sem testes...

Sua voz extinguiu-se logo.

— Sim, sem testes! — gritou bruscamente. — Isto é o importante! Sabe o que aconteceu ao menino que o senhor disse que tinha algo de errado, o último bebê que ajudou a nascer antes de se... aposentar? — Havia muita violência na sua voz, mas não se dirigia ao velho a quem falava. Era apenas a expressão exterior de que tinha chegado ao fim das suas forças.

— Eu vi muitos outros depois — disse Kotiwala. Seguramente, não era mais o homem santo falando, mas o doutor treinado, com a experiência de uma vida atrás de si. — Posso imaginar, mas diga-me, de qualquer forma.

Chance dirigiu-lhe um olhar que refletia alguma coisa como um temor respeitoso. Os aldeões curiosos, reunidos ali perto, reconheceram a expressão, e deduziram — embora nem mesmo os mais educados entre eles pudessem acompanhar as rápidas palavras em inglês — que o estranho vindo do céu estava encantado pela aura do seu homem santo. Eles se acalmaram visivelmente.

— Bem... sua amiga, a supervisora, continuou insistindo que, se o senhor tinha dito que havia algo de errado, algo devia estar errado, embora eu dissesse que tudo estava bem, embora o Dr. Banerji dissesse que tudo estava bem. Ela insistiu tanto a este respeito que isto acabou interferindo no meu trabalho e atrasando a minha partida. Por isso, mandei o trabalho ao inferno, e enviei o bebê à OMS em Delhi para a mais completa

bateria de testes que pudessem fazer. Pode adivinhar o que eles encontraram?

Kotiwala esfregou cansado a testa.— Supressão total dos ritmos alfa e teta? — sugeriu.

— O senhor sabia! — A acusação na voz de Chance era forte o suficiente para romper a barreira da língua e comunicar-se aos aldeões que escutavam, alguns dos quais avançaram ameaçadoramente para perto do homem santo, como para defendê-lo, se fosse necessário,

Kotiwala tranqüilizou-os com um gesto de confiança. Disse:

— Não, não sabia. Simplesmente imaginei agora o que o senhor devia ter encontrado.

— Então, como, em nome do céu, o senhor...?

— Como eu adivinhei que o menino era anormal? Não posso explicá-lo ao senhor, Dr. Chance. Levaria sessenta anos de trabalho em maternidade, vendo todos os dias fileiras de recém-nascidos, para fazê-lo ver o que vi!

Chance engoliu uma réplica irritada e abaixou os ombros.

— Vou ter que aceitar esta explicação. Mas permanece o fato: o senhor percebeu, poucos minutos depois do nascimento do bebê, apesar de parecer saudável e de nenhum teste ter revelado qualquer deformidade orgânica, que o seu cérebro estava — estava vazio e não havia mente nele! Cristo, o trabalho que tive para convencer: o pessoal da OMS que o senhor tinha feito isso, de verdade, e as semanas de discussão antes que me deixassem voltar à Índia e tentar localizá-lo!

— Seus testes — disse Kotiwala, como se a última sentença não tivesse sido pronunciada. :— Muitos testes?

Chance jogou as mãos para o alto.

— Doutor, onde diabo o senhor passou estes dois anos?

— Andando descalço de aldeia em aldeia — disse Kotiwala, tomando deliberadamente a pergunta ao pé da letra. — Não acompanhei as notícias do mundo exterior. Este é um mundo para estas pessoas. — Apontou a rua cheia de buracos, as choupanas pobres, os campos arados e plantados, e as montanhas azuis que fechavam esta paisagem toda.

Chance respirou fundo, — Então, o senhor não sabe mesmo e não se importa com isso. Deixe-me informá-lo. Poucas semanas depois de sermos apresentados, foi divulgada a notícia que me fêz deixar a Índia: relatórios de um aumento estarrecedor em imbecilidade congênita. Nor-

malmente, uma criança ainda bem pequena já começa a agir em pelo menos um esquema de comportamento humano. Crianças precoces sorriem logo, e qualquer criancinha normal sabe distinguir movimento e côres brilhantes, e estender-se para alcançar coisas...

— Exceto estes que o senhor chamou de Vitanuls ?

— Exatamente. — Chance fechou os punhos, como se tentasse agarrar alguma coisa fora do ar. — Sem vida! Nenhuma das reações normais! Ausência das ondas cerebrais normais quando se aplicava o eletroencefalograma, como se tudo o que faz uma pessoa ser humana tivesse... tivesse sido deixado fora!

Apontou desafiador o peito de Kotiwala. — E o senhor reconheceu o primeiro de todos eles! Conte-me como!

— Paciência. — Sentindo todo o peso dos anos, Kotiwala ainda se mantinha com imensa dignidade. — Este aumento de imbecilidade... isto chegou ao seu conhecimento imediatamente depois que me aposentei do hospital?

— Não, naturalmente não.

— Por que “naturalmente”?

— Estávamos muito ocupados com... Ah! o senhor esteve fora de tudo, não foi ? — Chance falava com sarcasmo amargo. — Um triunfo secundário da medicina estava ocupando as manchetes dos jornais, e dava à OMS mais dores de cabeça do que ela podia suportar. O tratamento anti-senilidade fora divulgado poucos dias depois de nos conhecermos, todo o mundo estava na fila, gritando por isto.

— Vejo — disse Kotiwala, e seus ombros idosos curvaram-se enfim, numa atitude de desespero.

— O senhor vê? Que quer dizer?

— Desculpe a interrupção. Continue, por favor.

Chance estremeceu, aparentemente tanto do que estava recordando, quanto do ar frio de dezembro. — Fizemos o que pudemos, e adiamos a divulgação do tratamento até existirem estoques suficientes para muitos milhões de candidatos. Mas, naturalmente, isso foi tão ruim como se tivéssemos anunciado ainda no estágio experimental, porque parecia que todo o mundo tinha uma vovó que tinha morrido na sexta-feira passada e muita gente nos gritava que tínhamos matado aquelas pessoas por negligência, e... Diabo, o senhor imagina. Qualquer caminho que a gente tomasse, tudo saía errado.

— E então, por sobre toda esta confusão, veio outra confusão. Imbecilidade congênita atinge dez por cento de nascimentos, vinte, trinta! Que está acontecendo? Todos zumbem em torno, em pequenos círculos, porque, no momento exato em que nos estávamos felicitando por escapar da complicação nascida com o tratamento anti-senilidade, chega a mais fantástica crise da história, e ela não pára, vai piorando, piorando, piorando... Nas duas últimas semanas, o índice chegou a oitenta por cento. O senhor está entendendo, ou está tão mergulhado na superstição que isto nem o incomoda mais? De cada dez crianças nascidas na semana passada, não importa em que país ou continente, oito são animais sem mente!

— E o senhor supõe que o primeiro de todos foi aquele que nós vimos juntos? — Kotiwala não deu atenção à aspereza das palavras do rapaz; seus olhos estavam fixos, fora de foco, no espaço azul sobre as montanhas.

— Tanto quanto pudemos averiguar. — Chance abriu as mãos. — De qualquer forma, quando verificamos isto, vimos que as primeiras crianças das quais se relatou a imbecilidade tinham nascido naquele dia, e eu lembro-me de que a hora de nascimento do mais antigo de que fomos informados foi mais ou menos uma hora depois de sermos apresentados.

— O que aconteceu naquele dia?

— Nada qtie pudesse ter relação com isto. Foram colocados em ação todos os recursos das Nações Unidas; pesquisamos até o fundo todos os arquivos do mundo inteiro, e não só os daquele dia, mas ainda de nove meses antes, quando estas crianças deviam ter sido concebidas... mas isto também não deu certo, porque alguns bebês eram prematuros, de até seis semanas, e eram iguais, eram ocos”, vazios, sem nada... Se ainda tivéssemos outros recursos, nunca teria feito a loucura de vir procurá-lo. Porque, afinal de contas, eu suponho que o senhor não pode dar qualquer ajuda, não é isto mesmo?

O fogo e a raiva que queimavam em Chance à chegada estavam reduzidos a cinzas agora, e parecia não ter mais palavras. Kotiwala ficou pensando um minuto ou mais, e os aldeões, cada vez mais inquietos, conversavam entre si.

Finalmente, o velho disse: — O... o preparado anti-senilidade. Deu certo inteiramente?

— Ah! deu. Graças a Deus. Se não tivéssemos algum consolo no meio de toda esta confusão, acho que íamos enlouquecer. Reduzimos

fantàsticamente o índice de mortes e, como tínhamos planejado, tudo direito, podemos alimentar as bocas em excesso, e...

— Acho — interrompeu Kotiwala — que posso explicar-lhe o que aconteceu no dia em que nos encontramos.

Chance olhou-o, aturdido. — Então, diga-me, pelo amor de Deus! O senhor é a minha última esperança ... é a *nossa* última esperança.

— Não posso lhe oferecer esperança, meu amigo. — Um som como o eco das trombetas do Juízo Final coloria as palavras macias. — Mas posso emitir o que se chama “hipótese educada”: acho que li uma vez um cálculo mostrando que estão vivas tantas pessoas, neste século XXI, quantas viveram em toda a evolução da espécie humana, não é ?

— Como ?... É verdade. Eu também vi isto, faz tempo.

— Então, eu digo que o que aconteceu no dia em que fomos apresentados foi isso: o número preciso de todos os seres humanos que já existiram foi ultrapassado pela primeira vez na história.

Chance sacudiu a cabeça, perplexo. — Eu não estou entendendo — ou... ou *estou*?

— E coincide — continuou Kotiwala — que no mesmo instante, ou logo depois, os senhores descobrem e espalham pelo mundo inteiro, um preparado que cura a velhice. Dr. Chance, o senhor não vai aceitar o que vou dizer, porque me lembro de que fêz uma piadinha sobre uma minhoca, mas eu aceito. Digo que o senhor me fêz entender o que vi quando observei os olhos daquele recém-nascido, quando observei os olhos desta menininha aqui. — Tocou o braço da jovem mãe, ao seu lado, e ela lhe deu imediatamente um sorriso tímido. — Não a ausência de mente, como o senhor estava dizendo. Mas a ausência de alma.

Por alguns segundos, Chance imaginou ouvir a risada ôca de demônios no sussurro do vento de inverno. Com um violento esforço, livrou-se da ilusão.

— Não, isto é absurdo! O senhor não pode estar dizendo que esgotamos o estoque de almas, como se elas estivessem guardadas em algum armazém cósmico e fossem tiradas das prateleiras cada vez que nasce uma criança! Ah! concorde comigo, doutor — o senhor é um homem educado, e isto é absurdo.

— Como quiser — disse Kotiwala delicadamente. — Isto é um assunto que não vou me aventurar, a discutir com o senhor. Mas eu lhe devo agradecimentos, de qualquer forma. O senhor me mostrou o que devo

fazer.

— Isto é formidável — disse Chance. — Atravesso metade do mundo, esperando que o senhor me diga o que eu devo fazer, e ao invés o senhor pretende que eu lhe disse... o quê ? O que o senhor deve fazer? — Uma luz final de esperança apareceu no seu rosto.

— Devo morrer — respondeu o homem santo, e tomou o bastão e a tigela, e sem dizer outra palavra a ninguém, nem mesmo à jovem mãe a quem estivera confortando, quando Chance tinha chegado, partiu com lentos passos de velho pela estrada que levava às altas montanhas azuis e ao gelo eterno, meio que lhe permitiria libertar a alma sem pecar.

O MISTÉRIO DE STONEHENGE

Harry Harrison

Trad. de Walter Martins

Nuvens baixas passavam em cima, no início da noite, e havia chuvisco de neve seca no ar. Quando o Dr. Lanning abriu a porta da cabina do caminhão, foi fustigado pelo vento fresco vindo do Ártico que varria desimpedidamente a planície de Salisbury. Enfiou o queixo na gola e foi até às portas traseiras. Barker seguiu-o para fora, foi até um pequeno escritório, ali perto, e bateu à porta.

— Não vai bem — disse Lanning, gentilmente escorregando a volumosa caixa de madeira no chão. Nós não deixamos nossos monumentos abandonados lá nos Estados Unidos.

— Ah, é? — disse Barker, caminhando para o portão na cerca de arame. — Então presumo que aquelas iniciais gravadas na base do monumento de Washington são inscrições monolíticas. Como você vê, eu trouxe a chave.

Abriu o portão que se escancarou com um gemido das dobradiças sem óleo, indo então ajudar Lanning com a caixa.

Ao entardecer, sob o céu baixo — é esse o único jeito de se ver Stonehenge, sem barulho de sorveteiros e sem crianças arteiras. A planície estende-se lisa sobre a Terra, pressionada por fora por um horizonte distante e apenas os pilares cinza de blocos de arenito têm o vigor de romper para os céus.

Lanning caminhou à frente, curvando-se sob o vento, até o caminho da larga avenida.

— São sempre maiores do que a gente espera que sejam — disse êle, e Barker não respondeu, talvez porque fosse verdade. Pararam junto à Pedra do Altar e baixaram a caixa. — Breve saberemos — continuou Lanning, abrindo os fechos.

— Outra teoria? — perguntou Barker, interessado apesar de tudo. — Nossos megalitos parecem ter um certo fascínio para você e seus colegas americanos.

— Nós resolvemos nossos problemas onde quer que os encontremos — respondeu Lanning, abrindo a tampa e descobrindo um aparelho, maciço e complicado, montado sobre tripé de alumínio.

— Não tenho teoria alguma sobre essas coisas. Estou aqui para achar a verdade, razão por que isto aqui foi construído.

— Admirável — disse Barker e a frieza de seu comentário perdeu-se no vento ainda mais frio.

— Poderia perguntar apenas que invento é esse?

— Um gravador temporal-cronostático. — Abriu as pernas e colocou a máquina de pé junto à Pedra do Altar. — Meu grupo no MIT construiu-o. Descobrimos que o movimento no Tempo (a não ser o que fazemos em 24 horas todos os dias, em direção ao futuro) representa morte instantânea para qualquer coisa viva. Pelo menos matamos baratas, ratos e galinhas; não houve voluntários humanos. No entanto objetos inanimados podem ser movidos sem dano.

— Viagem no Tempo? — perguntou Barker com voz que tentou tornar algo diferente.

— Não na verdade; parada do Tempo, seria descrição melhor. A máquina permanece parada e deixa tudo o mais prosseguir. Nós conseguimos penetrar uns bons dez mil anos no passado dessa maneira.

— Se a máquina fica estacionaria, isso significa que o Tempo corre para trás?

— Talvez seja assim; conseguiria você dizer a diferença? Pronto, acho que já podemos começar.

Lanning ajustou os controles no lado da máquina, apertou uma chave, e afastou-se. De dentro do aparelho veio um ruído de rápida rotação; Barker elevou indagadoramente as sobrancelhas.

— Um marcador de tempo — explicou Lanning. — Não é seguro estar próximo à coisa quando em operação.

O ruído cessou e foi seguido de um agudo clique, imediatamente

depois do qual o aparelho desapareceu completamente.

— Isto não levará muito tempo — disse Lanning, e a máquina reapareceu enquanto êle ainda falava. Uma fotografia brilhante, vinda da abertura, caiu-lhe na mão quando êle tocou a máquina. Mostrou-a a Barquer.

— É só uma tentativa de teste, mandei a máquina há uns vinte minutos atrás.

Conquanto a câmera apontasse para eles, os dois homens não estavam na foto. E em vez disso, num esmaecido escuro, devido à falta de luz, a fotografia mostrava uma vista da Avenida, com o caminhão parado aparecendo apenas como um quadradinho na distância. Junto às portas traseiras do veículo, podia-se ver os dois homens removendo a caixa amarela.

— Isso é... impressionante — disse Barker, chocado por ter de admitir a verdade. — A que distância no passado pode enviá-la?

— Parece não haver limite, depende apenas da fonte de energia. Esse modelo tem baterias de nicad e é bom até uns 10 000 anos A. C.

— E para o futuro?

— Um livro fechado, sinto muito, mas talvez ainda solvamos esse problema. — Retirou um pequeno livro de notas do bolso de cima, consultou-o e acertou os controles uma vez mais.

— Essas são as datas mais prováveis, sobre a época em que nós imaginamos que Stonehenge tenha sido construído. Vou fazer agora uma tomada múltipla. Essa barra registra os valores, de modo que agora eu posso colocar outro mais.

Havia cerca de vinte registros a fazer, o que necessitou uma série de manipulações nos controles. Quando finalmente terminou, Lanning apertou o marcador de tempo e voltou para junto de Barker.

Dessa vez a saída do gravador temporal-cronostático foi muito mais impressionante. Desapareceu prontamente, mas deixou atrás de si, luzindo, uma duplicata brilhante de si mesmo; uma silhueta em brilho dourado, facilmente visível na escuridão que aumentava.

— É assim mesmo? — perguntou Barker.

— Sim, mas só nos grandes saltos no Tempo. Ninguém sabe com certeza o que é, mas nós chamamos de eco temporal, dentro da teoria de que existe algo como uma ressonância no tempo, causada pela súbita saída da máquina. Vai desaparecer em poucos minutos.

Antes que o brilho dourado desaparecesse completamente, já o instrumento verdadeiro retornava, aparecendo solidamente no lugar de seu eco espectral. Lanning esfregou as mãos e apertou o botão a seguir. A máquina matraqueou em resposta e expeliu uma longa série de fotografias.

— Não tão bom quanto eu esperava — disse Lanning. — Nós acertamos em pleno dia, mas não está acontecendo muita coisa. — Havia o suficiente contudo para quase fazer parar o coração de arqueólogo de Barker. Foto após foto, o megalito aprumavá-se forte e inteiro, os ídolos se elevavam e as traves sobre os blocos de arenito estavam no lugar.

— Montes de pedras — disse Lanning — mas nem sinal do povo que construiu a coisa. Parece que as teorias de alguém estavam erradas Você tem alguma idéia de quando isso aí foi montado?

— Sir J. Norman Lockyer acreditava que foi erigido a 24 de junho de 1680 a. C., — disse o outro distraidamente, ainda petrificado pelas fotografias.

— Isso soa bem.

Os controles foram rodados de novo, e a máquina desapareceu novamente. A fotografia desta vez era bem mais impressionante. Um grupo de homens, em trajes rústicos, ajoelhava-se, braços estendidos, olhando-em direção à câmera.

— Conseguimos agora — bradou Lanning, e girou a máquina ao redor de si mesma um meio círculo, de modo a fixar agora a direção contrária. — O que quer que eles estejam adorando está atrás da câmera. Eu tirarei uma chapa do que fôr, e nós teremos uma boa idéia do por que eles construíram essa coisa.

A segunda chapa foi quase igual a primeira, bem como duas outras tiradas em ângulos retos com relação às primeiras.

— Isso é absurdo _— disse Lanning — eles estão todos olhando a câmera e se curvando. Ora... a máquina deve estar em cima daquilo que eles estão olhando.

— Não. O ângulo mostra que o tripé está no mesmo nível em que eles estão. — Súbita tomada de consciência sacudiu Barker e seu queixo caiu. — Poderia seu eco temporal ser visível no passado também?

— Bem. . . não vejo por que não. Você quer dizer. . .?

— Certo. O brilho dourado da máquina, causado por todas essas paradas deve ter sido visível ora sim, ora não, por muitos anos. Deu-me

um sobressalto quando o vi pela primeira vez, e deve ter sido muito mais impressionante para o povo de então.

— Isso explica tudo — disse Lanning sorrindo feliz e começando a desmontar a máquina. — Eles construíram Stonehenge em volta da imagem do instrumento ali enviado para determinar por que eles construíram Stonehenge. Logo, está tudo resolvido.

— Resolvido! O problema está apenas começando. É um paradoxo. Qual deles, a máquina ou o monumento, *surgiu* primeiro?

Vagarosamente, o sorriso foi desaparecendo do rosto do Dr. Lanning.

O COLECIONADOR

Robert Taylor

Trad. de Nilson D. Martello

Seu corpo moreno constrastava com a brancura candente dos lençóis, mas não era tão trigueiro que sua pele perdesse a incandescência própria do marfim translucente. O luar estava escondido pelas pesadas cortinas da janela, mas ainda assim suas unhas cintilavam como raros fragmentos de pérolas. Ela estava deitada, respirando suavemente, quase imóvel, molhada por vagalhões de um mar de escuridão.

Bem longe, lá fora, o verdadeiro oceano arremessava-se contra os penhascos, em ritmo incessante, dilacerando a terra com dedos sinuosos movidos pela energia guardada em suas entranhas escuras e imensas, desde bilhões de anos. Se você escutasse com toda atenção, quase poderia ouvir o atrito cruel de trilhões de partículas que as ondas atiravam contra os penedos, quase poderia ouvir a rocha sólida começar a trincar-se e separar-se do continente, quase ouviria todo o mundo escorregando para dentro do mar.

Kurt recostou-se contra a brancura álgida que se inflamara com o calor de seus corpos e agora ameaçava explodir em chamas. Êle tentou deixar sua mente flutuar no mundo de cores redemoinhantes e sons agradáveis que separam o sono da vigília, porém alguma coisa continuava pulsando em sua mente, como uma mão dolorida, quase no limiar de realizar-se à luz do dia.

A estranheza deste lugar tombou doloridamente sobre êle e, uma vez mais, ansiou com um sentimento indizível, pelas altas cidades, e as

areias palpitantes, e os enormes e múltiplos reservatórios de água de seu próprio lar. E de novo sofreu com outro sentimento indizível de que deveria abandonar este local, a garota que jazia tão suave a seu lado, não adormecida mas profundamente mergulhada naquela fímbria entre o sono e a vigília que não toca nem a um, nem a outro.

Sentiu os dedos da moça rastejarem em seu braço como um enorme inseto de cinco pernas e imobilizarem-se em seu pulso. Ela começou a apertar, massageando delicadamente, movimentando-se devagar, como se buscasse alguma coisa.

Algo o incomodou, alguma coisa sobre a moça. Os olhos dela pareciam de alguma forma muito abertos para o mundo que a cercava. Ela parecia anotar tudo e colocar de lado para futura consulta. Mesmo quando não o encarava, sempre parecia estar a examiná-lo. Ela era uma vontade de conhecer, pensou êle, tão intensa a ponto de devorar tudo. Todos os primitivos são assim.

Êle sentiu a pele arrepiar-se quando uma onda de escuridão tocou-o e deixou atrás um orvalho de gotas brilhantes.

"Que coisa!" — era como se ela fosse capaz de ver através dele!

Os dedos da garota se imobilizaram. Ficaram envolvendo firmemente seu pulso. Eram suaves e quentes de encontro à sua pele.

Bem longe, o oceano rugia, batendo ritmicamente como um gigantesco coração. Havia o ruído de rocha arranhando rocha, renunciando a alcançar o céu e por fim retrocedendo num chapinhar que era perdido entre as ondas revoltas. O continente, então, ficara um pouco menor.

A moça movimentou-se com um murmúrio.

— Kurt?

A voz agitou-se na noite, fazendo-o tremer em medo irracional. A tensão que ardia dentro dele começou a movimentar seus dedos.

— Sim? — Suavemente na noite, êle percebeu o que estava para vir, antes mesmo de saber o que era.

— Kurt — disse, afastando os dedos de seu pulso — você não é daqui, não é mesmo?

Kurt buscou um cigarro em cima do criado-mudo, ao lado da cama. Tragou profundamente e a ponta inflamou-se. Deitado na escuridão, olhou para cima, para o teto invisível, a fumaça ainda exótica para seus sentidos voluteando por dentro de si, o peculiar calor acomodando-se agradavelmente em seu peito. Um oceano inteiro estava arrebentando

sobre si, apesar da aparente tranqüilidade, e êle receou que, de um instante para outro, começasse a tremer violentamente.

— Quero dizer — ela virou-se no escuro para encará-ío, apoiando-se em um cotovelo — você veio de outro planeta, de outro sistema solar.

Êle escorregou suavemente para fora da cama, vestindo um robe e dirigindo-se em largas passadas para a janela, sentindo o ar suave e frio bater de encontro a si. Afastou as cortinas para deixar a luz da Lua penetrar no quarto.

Ali estava ela, a Lua, tão enorme e tão brilhante, com aquela peculiar luz prateada. E como se movia rápida por detras das nuvens! Mas não, êle havia se esquecido novamente. Não era a Lua, porém as nuvens que se moviam.

Lembrou-se de como as três pequenas luas de seu mundo cintilavam por vezes juntas no céu, rutilando as areias com seus raios luminosos. "Oh! Senhor, com que oceano de luz esta Lua inundaria aquele deserto! Um homem ficaria cego com ela."

Na distância o mar incandescia sob o luar, movendo-se suavemente.

— Como esta Lua é brilhante! Jamais vi coisa tão grande — e, então, suavemente: — Como você descobriu ?

— Não sei. Creio que suspeitei de alguma coisa desde o início, pela maneira como você falava, como você andava, como me tocava. Existia qualquer coisa estranha a seu respeito. Você olhava as coisas de maneira diferente, reagia peculiarmente. O modo como combinava as palavras era estranho. Você era quase perfeito, mas ainda assim havia alguma coisa errada. Não era capaz de colocar meu dedo no problema, mas podia dizer que havia algo errado. E então senti seu pulso, e êle não estava no lugar certo, e batia muito devagar, muito forte.

Êle voltou-se para olhá-la, seu corpo branco prateado pelo luar, seus olhos e lábios brilhando úmidos., Desviou os olhos para uma pintura acima da cabeça dela, um selvagem embate de cores, uma cópia, mas não existiria maneira de diferenciá-la do original.

— Acho que preciso de um drinque — e precipitou-se para a cozinha.

A garrafa era alta, azul-prateada pelo conteúdo. Êle colocou o líquido num copo como se fora metal liqüefeito saindo de um cadinho de fundição. Bebericando-o, um frio tomou seu corpo. A tensão que estivera

crescendo momentos atrás, subitamente desapareceu, dispersa.

A moça surgiu do escuro, um peignoir leve e transparente sobre sua nudez. Os cabelos longos e negros caíam sobre os ombros e fluíam por entre os seios como um rio entre dois pequenos montes. — Desculpe-me — disse ela — não era minha intenção transtorná-lo.

Êle voltou-se:

— Por que você disse uma coisa daquelas? É contra toda lógica fazer semelhante acusação!

Ela sorriu.

— Creio que nós, humanos, não somos muito lógicos.

— Quer dizer, eu não sou humano ?

O choque transtornou sua face delicada:

— Oh! eu não quis...

— Mas fê-lo, inconscientemente. O que deveria ter afirmado é: “nós, primitivos, não somos muito lógicos”.

Ela voltou a sorrir:

— Desculpe, realmente.

Êle buscou atrás de si e pegou outro copo.

— Tome, não creio que lhe fará mal prová-lo. Será a primeira pessoa deste planeta a experimentar um licor de outro mundo...

Olhou-a enquanto ela levantou o copo com lentidão até os lábios e deixou o líquido álgido e azul penetrar em sua boca quente e vermelha. Saboreou-o por momentos e então engoliu. Seus lábios tremeram de nojo mas, de súbito, abriram-se num sorriso.

— É tão frio!

— Você devia esperar algo diferente... Tem gosto de quê?

— Não posso... estranho... Só consigo pensar no espaço negro, em sóis abrasadores, em poeira caindo em planícies sem vida.

— Êle sempre me faz pensar em meu planeta, em ar seco e areias como verdadeiros oceanos de jóias, em estrelas nuas brilhando sobre tudo.

Êle escancarou as portas do terraço, sobre o mar.

— Saiamos um pouco.

Ela seguiu-o até à sacada baixa na beirada do terraço, onde o terreno caía abruptamente até o mar, lá em baixo. As ondas rugiam e rugiam, raivosas com a existência da terra contra a qual batiam. Kurt olhou para baixo, para a fosforescência das ondas, os cotovelos pousados sobre a ba-

laustrada — a madeira estava corroída, alguém teria de consertá-la algum dia. — o copo brilhando na mão, ao luar.

— Tudo o que é estranho e belo enche a alma com uma maravilha estranha, uma paz imensa. O oceano, oh! como é estranho e maravilhoso este oceano. Conte-me algo sobre êle...

— Ela se aproximou, o copo brilhando numa mão, o cabelo correndo como as águas de um rio negro, fulgurando em prata pelo luar. As ondas do cabelo tocaram nele, tão suaves e fofas como a mais antiga lembrança infantil, como gavinhas de um sonho. Emanava um cheiro dela, o cheiro de um povo primitivo, alimentado a leite e carne. Mas não era um cheiro desagradável era apenas estranho, peculiar.

Ela virou-se para encará-lo, um sorriso curioso nos lábios, um estranho brilho nos olhos profundos.

— O mar... — começou ela, sua voz como um poema na noite. — O oceano é a mãe de todos nós.

— Mesmo?

— Claro! — ela quase riu. -— Você tem de saber ao menos isso!

— Mas... — êle se imobilizou por longos segundos num silêncio, e quando por fim falou foi numa voz que quase soluçava: — Meu mundo perdeu seus oceanos há milhões de anos. Meus ancestrais ficaram presos nele há vinte e cinco mil anos depois do Êxodo do Centro.

— Oh! então você não poderia saber. Desculpe...

— Nada pode ser feito agora. Devem existir povos que ainda saibam disso, mas os talentos de meu povo não são nesse sentido. Continue.

— Quais são os talentos de seu povo?

— A apreciação, mas continue, por favor.

— Que mais posso dizer ? O oceano é a Mãe de toda vida, corre até em nosso sangue, bate em nosso próprio coração. Êle é profundo e eterno. Pulsa mesmo em nossas almas, chama-nos continuamente. Ainda estará aqui quando todos nós tivermos desaparecido. Continuará aqui quando as chamas de nosso sol se apagarem...

Kurt tomou outro gole de seu copo. Êle sabia o que se seguiria; sentia-o tão nitidamente quanto podia ouvir o bater das ondas.

— Suponho que ainda deva existir alguma coisa do oceano no meu próprio povo, embora estejamos muito distantes do mar que originalmente nos deu vida. Alguma coisa fêz-me alugar esta casa aqui, alguma coisa além da solidão. Talvez eu tenha escutado seu apelo.

Acima deles a única lua contemplava-os como havia feito há milhares de anos com milhões e milhões de casais.

— Que foi o Êxodo do Centro, de que você falava?

— Vinte e cinco séculos atrás o Império no núcleo central da galáxia se dissolveu numa onda de anarquia e caos. Todos os que puderam fugiram para a noite pacífica dos Braços, ou mesmo além, para a noite intergaláctica. Sem dúvida foi assim que este mundo foi povoado. Somos, provavelmente, primos distantes, primos muito distantes.

Êle quisera ter falado mais, porém não conseguiu. Quisera ter contado a respeito de botes de corrida sobre as areias, sobre três minúsculas luas brilhando no alto, mas não pôde. De súbito percebeu que enorme fosso os separava. Ela era muito mais emocionalmente primitiva do que êle. O oceano pulsava mais no sangue dela que em seu próprio; estava mais próxima da fonte. Residia mais chegada à natureza, era mais controlada pelos ciclos naturais.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Há dois anos.

— Tanto tempo?! Suponho,que ainda esteja nos estudando.

— Sim, isso e coletando... — êle se interrompeu com o coração na garganta. Se continuasse ela seguramente suspeitaria, e por algum motivo êle não queria que isso acontecesse.

— Coletando o quê?

— Trabalhos de arte, literatura...

— É claro, estudando a nossa cultura. Quando você vai se revelar a todos?

— Não planejo fazê-lo.

— Por que não ? Se você passou por tudo isto, não pode ir-se simplesmente. Ou nós falhamos em seu teste? Somos muito beligerantes? Se somos, vocês poderiam ajudar-nos.

Êle quereria ter gritado que se calasse, mas era tarde demais. Tinha ido muito longe; ela compreenderia, quisesse ou não. Quando êle falou foi com a entonação raivosa de quem sabe estar errado.

— Por que nós os ajudaríamos? Nós deixaríamos este planeta completamente isolado não fora por uma única coisa!

Ela afastou-se:

— Que coisa?

Êle deu alguns passos em direção à casa:

— O envelope de vida que o cerca. Não há muito tempo pela frente... — êle falava mais para si próprio do que para ela. Então voltou a encará-la: — Dentro de cem anos este sol entrará em novação.

Ela afastou-se violentamente dele, um grito presente em seus olhos.

— Vocês poderiam ajudar-nos, evacuar-nos para outro sistema! Nós devemos ter alguma utilidade para vocês! Não nos podem deixar morrer!

— Por que não? Não temos responsabilidade. O Universo os estará destruindo. É como se a gente jamais os tivesse encontrado.

— Mas você está aqui! Não pode fingir o contrário!

Êle ficou silencioso, algo tétrico pulsando dentro de si.

— Não sou meu próprio senhor. Existem outros. . .

— Então, que está fazendo aqui ?

— Estamos... coletando trabalhos de arte, trabalhos de literatura, para salvá-los das chamas.

— Você coleta nossa arte, mas deixa-nos esperando a morte? Você não tem sentimentos, não sabe amar a nada?

— Tal como vocês entendem essas palavras, não. Eu sinto apenas uma sombra do que vocês sentem, tanto quanto posso entender; ainda assim as emoções de meu povo são milhares de vezes mais poderosas que as emoções de nossos senhores. Meu povo tem uma sensibilidade pelo Belo que nenhum outro povo da galáxia possui, dessa maneira somos os colecionadores de arte de toda a galáxia. — Êle riu-se tristemente. — É qualquer coisa ter um trabalho de arte escolhido por nós, pois então você saberá que é uma verdadeira obra artística, e verdadeiramente bela, mesmo que você não possa senti-la.

Êle encarou-a, a tristeza, tanto quanto podia senti-la, fluindo por detrás de seus olhos.

— Somos os críticos da galáxia e vocês, os primitivos, são os criadores. A realização de sua imortalidade depende de nós. Vocês perecerão, mas seus trabalhos permanecerão. Algum dia nossos senhores cansar-se-ão de nós e não teremos deixado nada atrás.

Ela o encarava com horror:

— Por que você precisou de mim?

— Porque sou um homem, ainda que de um mundo distante, e você é linda. Eu aprecio as coisas belas.

Ela retrocedeu vivamente, apoiando-se com, violência contra a sacada de madeira.

— Você não passa de um monstro!

Êle levantou os braços em sua direção:

— Por favor, eu...

— Não! Afaste-se de mim! Um líquido estava correndo dos olhos dela, brilhando como orvalho em suas faces.

O oceano pulsava lá em baixo, como um gigantesco coração.

Acima, algum pássaro noturno se perdera e piava plangentemente.

Êle deu um passo à frente. — Por favor. Você está segura. Vocês têm ao menos cem anos pela frente. Talvez consigam se salvar por si próprios!

— *Afaste-se de mim*! — ela girou o corpo para fugir e atirou-se contra a sacada, assustando-se com a súbita dureza que seu corpo encontrava. A velha madeira, exposta por anos aos dias quentes e às noites frias, à maresia constante, estalou. Lentamente um pedaço começou a cair.

Êle agarrou-a por uma das mãos, mas com um olhar desgostoso ela se limitou a se libertar num repelão,

Ela não gritou; durante toda a queda ela não gritou.

A lua captou o corpo que caía como uma clara gota de chuva, passando pelas rochas ásperas do penhasco, abaixo ainda atravessando o ar, até atingir as ondas do oceano, escuras, eternas, profundas. Houve um chapisco de água, que depois a tudo encobriu.

Notando acima de si uma estrela que se movimentava por entre as demais, êle virou-se e entrou na casa. Estava quase na hora do encontro.

E abaixo dos penedos as ondas queimavam com fosforescência. Havia sido uma bela morte. Linda.

*

Êle estava de novo na nave, o ar cheirando ainda intensamente à ozona da câmara de resgate.

Queria fazer alguma coisa importante, mas não sabia o quê.

Atrás de si os homens estavam transportando os últimos equipamentos da câmara de resgate para o depósito da nave, enquanto outros removiam os últimos cristais de gravação para a sala especial onde estariam melhor acondicionados. Êle havia desempenhado bem sua função,

gravando todos os trabalhos de arte que julgara magníficos em sua área. Esperava que os outros, nesta e em outras naves, tivessem se saído tão bem.

Seu oficial executivo aproximou-se lentamente:

— O senhor é o último. Podemos seguir a qualquer momento para a área de encontro.

— Então, vamos.

Houve um discreto latejar quando a força foi aplicada, e êle voltou-se para o painel de instrumentos com um doloroso vazio dentro de si.

Na tela estava visível o sol abrazador fugindo no espaço, muito distante agora, e lentamente desaparecendo na distância. Um dia êle se expandiria num processo ainda não completamente explicado e cobraria o débito devido por suas quatro filhas mais próximas.

E outro planeta que havia produzido Beleza estaria perdido.

Somente então percebeu desejar que seus próprios olhos sangrassem em lágrimas, tal como a garota fizera antes daquele final majestoso, porém seu povo esquecera como fazê-lo, vinte e cinco mil anos atrás.

Um bramido começou a crescer e encher o Universo até o âmago mais profundo. De início êle pensou ser a lembrança de um oceano que seu povo perdera de há muito. Entretanto percebeu que o bramido era de seu próprio sangue, tumultuoso em suas veias, melancólico, eterno.

HOMEM FORA DO TEMPO

Outra estória de um jovem autor, o inglês George Collyn, que levará os leitores do n.° 5 desta revista aos mais estranhos porões da mente humana. “Fora de Tempo e de Lugar” é uma narrativa emocionante e trágica de um astronauta que não devia ter voltado à Terra.

UMA ESTÓRIA DE BICHOS

Muitas vezes os autores de FC se apoderam do mundo dos insetos para medi-lo com o mundo dos homens. “Fuga para Parte Alguma”, de Jeronymo Monteiro, é uma estória de formigas. . . Mas leiam o conto “Bichos”, de Charles Harness, que aparecerá no próximo número e sintam o arrepio que sentimos.

O SÉTIMO METAL

É o artigo científico de Isaac Asimov. No primeiro artigo da série de três, que sai no presente número, Asimov começa a falar dos metais conhecidos dos antigos, da maneira deliciosa que êle sabe escrever sobre ciência (e Asimov é cientista). Em “O Sétimo Metal”, que aparecerá no número 3 do MFC, Asimov continua a fascinante história da descoberta dos metais.

À SUA PRÓPRIA IMAGEM

Lloyd Biggle Jr.

Trad. de Maria Helena Shayer

O reduzido disco do sol parecia pendurado acima do horizonte como um inflamado olho mau, mas a luz que delineava as construções era a radiação pura e clara de um milhão de estrelas conglomeradas.

Gorton Effro saiu da porta do galpão de comunicações e olhou curiosamente à sua volta. Fazia vinte anos que servia em Espaço-linhas sem nunca ter visto uma estação espacial de emergência — ou ter querido vê-la. De algum modo, ele tinha noção de que eram feitas pelo homem mas esta havia sido construída na superfície aplainada de um inóspito pedaço de rocha. Uma plataforma para pouso projetava-se acima da cúpula transparente, qual uma aranha, estendendo os braços, suficientemente longos para abarcar a maior nave estelar. Seus suportes eram molas gigantescas ancoradas em concreto. Em virtude da baixa gravidade, o perigo não era o de um colapso mas de que o choque de um pouso inábil pudesse jogar a estação no espaço.

Galpões de manutenção e armazenamento formavam em oval ao redor das âncoras. Além, num oval maior, localizavam-se as hospedarias circulares. O manual de emergência prometia acomodações amplas para mil ou mesmo para dois mil refugiados se estes não se importassem em ficar um pouco apertados. Effro olhou as construções ceticamente e resmungou — “Os mentirosos” — apesar de não poder dizer porque isso lhe fazia diferença. Êle era um só.

O diário da estação assinalava dez pousos anteriores no período

de cento e sete anos, todos de tripulações de manutenção e suprimento. Não havia sido tocada pelo tempo, ou perturbada pelo homem, a não ser por inspeções rápidas, a longos intervalos, desnecessárias e inúteis. Toda a incalculável despesa e cuidadoso planejamento usados na construção da estação, haviam sido esbanjados para este fim: que um módulo salva-vidas pudesse seguir o farol de salvamento e eventualmente deixar, nesse ambiente com condições de vida, um passageiro: Gorton Effro.

O barco salva-vidas, empoleirado no fim da platafroma de pouso, parecia um pequeno parasita preso a gigantesco inseto abstrato. O passageiro solitário passou irritadamente o dedo pelo colarinho apertado, saboreando seu desapontamento. Êle sabia de antemão o que encontraria aqui — o manual de emergência o descrevia em detalhes maçantes — mas nos dias de solidão estéril, tinha começado a pensar neste lugar não como uma parada no caminho, à espera de salvamento, porém como uma destinação, um refúgio, que lhe daria as boas-vindas calorosa e hospitaleiramente.

Era só uma solidão maior.

O pouso do módulo salva-vidas havia provocado a saída da estação do seu estado congelante de hibernação. O ar, fora do galpão de comunicações, estava decididamente mais quente do que quando ali entrara, e um robô faxineiro passou farejando, à procura de impurezas que pudesse ter trazido consigo. Gorton movia-se a passos vagarosos em direção da hospedaria mais próxima, ainda lançando olhares curiosos em torno. Um movimento à sua esquerda lhe chamou a atenção: era apenas mais um robô-faxineiro, mas Effro olhou-o por um momento e, quando virou a cabeça...

O choque fêz com que parasse no meio do caminho: um homem estava perto da entrada da hospedaria. Antes que seu cérebro surpreso pudesse compreender bem o que seus olhos viam, a figura estranha se atirou para a frente num ruído esquisito das vestimentas rasgadas. Effro deu um passo para trás, levantando as mãos trêmulas defensivamente, mas o homem caiu de joelhos na sua frente e disse, com os olhos abaixados, a voz num guincho suplicante:

— Posso ter a sua benção, Excelência?

— Benção? — exclamou Effro. Seu uniforme de comissário de bordo fora tomado pela batina de um padre!

Êle deu mais um passo para trás, encarando o homem e subita-

mente, compreendeu que as roupas rotas deviam ter sido um paramento eclesiástico. O manto eram vestes esgarçadas; trazia na cabeça uma mitra ridícula e estranha; nos pés, sandálias de metal que faziam barulho. Parecia uma caricatura diabólica, o conceito ateísta e irônico de um padre.

Effro conhecia o tipo. O homem era um pregador leigo, apontado por si mesmo, instruído por si mesmo, um religioso vestido às próprias custas, andarilho por definição, pedinte astuto que encontrara na posse de pietista: meio certo de aumentar a sua féria.

Mas a última visita a esta estação remota havia ocorrido quatorze anos antes!

— Que diabos está fazendo aqui? — perguntou Effro.

Ainda de joelhos, o homem esperava silenciosamente.

— Não sou Excelência — continuou Effro. — Era comissário de bordo da espaçonave Cherbilius. Explodiu dezenove dias depois de ter saído de Donardo e, que eu saiba, sou o único sobrevivente. Posso fazer-lhe um brinde ou ensinar-lhe algumas pragas de primeira classe, mas não posso dar-lhe bênção. Não conheço nenhuma.

O pregador levantou lentamente os olhos. Seu rosto era velho, a carne enrrugada e dura. Os olhos, muito dilatados à fraca luz das estrelas, fixavam sem expressão. Conservava o braço esquerdo desajeitadamente dobrado à sua frente. Disse incerto:

— Veio para me instruir, Excelência?

— Vim porque meu módulo salva-vidas seguiu o farol de salvamento. Em outras palavras, por acaso. Se tivesse seguido o farol de outra estação, teria ido para lá.

— Não há acasos, disse o pregador. — Com um gesto largo da mão direita traçou uma cruz. — A vontade de Deus o trouxe aqui.

Effro disse amargamente:

— Então Deus destruiu mais de quatrocentas pessoas para fazer isso: Suponho que seja um preço baixo para tão esplêndido feito: a de juntar um ladrão bêbado e um certo tipo de fugitivo fingindo ser padre. Pare de bobagem e levante-se.

O pregador se pôs de pé num farfalhar de roupas rotas. Effro perguntou:

— Há mais alguém aqui?

— Eu tenho meu rebanho — respondeu o pregador com orgulho.

— Rebanho? Aqui?

Um robô-faxineiro passou por eles, farejando, e o pregador inclinou-se, deteve-o com um gesto carinhoso e levantou-o do chão ainda silvando e roncando.

Largou-o.

— Estes são o meu rebanho — disse baixo.

— Máquinas?

O pregador encarou Effro com coragem. "Só um idiota, pensou Effro, poderia parecer tão divinamente inspirado. Um idiota ou um santo."

— Nosso Senhor disse: "Pois, o que fizerdes pelos mais ínfimos destes meus irmãos, tereis feito por mim". E estes ... — seu gesto inacabado abrangia os robôs-faxineiros e as filas de máquinas silenciosas perto do galpão de manutenção. — Estes, Excelência, são os mais ínfimos de todos. — Caiu de joelhos outra vez. — Posso ter sua, bênção, Excelência?

O êxtase puro e suplicante da voz do homem, a profundidade da veneração estúpida em seus olhos, perturbaram Effro e o comoveram de maneira estranha. Êle sabia que para todo o sempre consideraria este como um ato de covardia, mas deu a sua bênção.

Gesticulou vagamente e fêz ressurgir uma frase meio esquecida das lembranças de sua infância: — "Em nome do Todo Poderoso, possam suas graças ser aumentadas e suas faltas perdoadas".

Passou por trás do pregador e caminhou apressadamente em direção à hospedaria. Não olhou para trás antes de lá chegar. O pregador movia-se vagarosamente na direção oposta, conservando o braço desajeitadamente dobrado à sua frente. Três robôs-faxineiros farejavam atrás dele, em fila indiana.

— Seu rebanho — murmurou Effro com desgosto.

Escolheu o quarto mais perto da entrada e sua primeira providência foi examinar a porta para ver se tinha chave.

A hospedaria era uma unidade auto-suficiente, completa com câmara de compressão para proteger seus habitantes, caso a cúpula fosse danificada. A primeira preocupação de Effro foi um banho. Descansou dentro da água tépida por uma hora, livrando-se do que tinha acumulado durante a longa viagem, enquanto uma máquina massageava-o eficientemente. Um robô-camareiro pegou o uniforme enlameado e devolveu-o limpo e passado. Outro forneceu-lhe três conjuntos completos de roupas novas. Vestiu um deles e carregou os demais e o seu uniforme para o

quarto, com um robô-faxineiro em seus calcanhares. A cama, que experimentara descuidadamente, fora refeita por um robô-doméstico. Ocorreu-lhe que o rebanho do pregador não era uma congregação tão pequena.

Abrindo as gavetas para guardar a roupa, encontrou um livro.

"Tua palavra é a luz que ilumina o meu caminho."

Esta Bíblia foi colocada aqui para o seu consolo espiritual pela Sociedade de Saint Brock.

Levado por um impulso, Effro revistou o quarto contíguo e mais outros dois do outro lado do corredor. Todos tinham uma Bíblia. Provavelmente todos os quartos da estação tinham uma Bíblia, mas só uma teria sido suficiente. E se um homem sozinho, encurralado aqui durante anos, resolvesse se dedicar ao estudo da Bíblia, poderia, com o tempo, se tornar um teólogo bastante competente.

— Por que a Bíblia? — refletiu Effro — se cada hospedaria tem uma biblioteca adequada?

O gosto individual não se discute. A verdadeira questão, contudo, era: por que tinha o homem ficado encurralado? Êle tinha somente que quebrar um lacre e puxar uma alavanca e a estação teria transmitido um pedido de socorro até que este fosse atendido — depois de dias, semanas ou meses. Ninguém se apressaria, porque, paradoxalmente, um pedido de socorro de uma estação espacial de emergência não significava emergência. Todos os passageiros de uma nave estelar poderiam ser aí acomodados por um ano ou mais sem qualquer outro risco senão o tédio. Mais cedo ou mais tarde, provavelmente mais cedo, o socorro viria.

Effro encontrara o lacre intacto. O homem deveria ter vindo na última visita de inspeção, quatorze anos antes e, em todo esse tempo, não realizara o único ato que lhe teria trazido socorro. Fazia tão pouco sentido que Effro retornou ao galpão de comunicações, mas o farol de salvamento ainda emitia regularmente o sinal pedindo socorro.

— O cara é biruta. E nem poderia ser de outro jeito. Se eu tivesse estado aqui por tanto tempo, talvez estivesse fazendo sermões a robôs também — disse Effro a si mesmo.

Uma das salas da hospedaria forneceu mais uma pista: era decorada com quadros religiosos, muitos dos quais mostravam padres em paramentos de cerimônia, nos quais o pregador indubitavelmente se inspirara para fazer suas roupas. O pobre e solitário fanático!

Passou os olhos pela biblioteca, recuando quando encontrava uma

prateleira de livros de teologia. Inspecionou a sala de música, e leu o catálogo do cinema que lhe oferecia a escolha de cem filmes. Havia robôs em toda parte. A hospedaria tinha acomodações e capacidade de atendimento para cinqüenta pessoas, talvez, e todo o atendimento automaticamente se concentrara em Effro. Cada vez que se virava, tropeçava em um robô.

Dirigiu-se à sala de jantar, chamou o robô-copeiro pelo simples aperto de um botão e marcou no teclado sua encomenda para o jantar. O robô afastou-se; o toque de um outro botão fêz com que o robô das bebidas aparecesse ao seu lado e êle contemplou atordoadamente os controles que ofereciam misturas de bebidas em mil combinações. Pediu um copo grande, de uísque sem mistura, e o robô o serviu em um copo de plástico. O robô-faxineiro permanecia por perto, como um animal de estimação, esperando que Effro derrubasse alguma coisa.

O robô-copeiro trouxe-lhe a comida. Depois das rações concentradas do módulo salva-vidas, o gosto da comida era delicioso; mas as rações tinham feito com que seu estômago encolhesse.

Comeu o que agüentou, jogou o resto no chão para dar que fazer ao robo-faxineiro, e pediu mais uma bebida.

Quando, depois de algum tempo, o pregador entrou, Effro sentia-se em paz consigo mesmo e com o universo: banho e massagem, roupa limpa, refeição excelente e o quinto copo de bebida.

Abanou a mão para o pregador e falou:

— Venha para cá. Acompanhe-me numa bebida.

O pregador desconcertou-o ao jogar-se ao chão, de joelhos, aos seus pés.

— Instrua-me, Excelência — suplicou.

— Estou sem uniforme — replicou Effro com certa bondade, pois sentia pena do homem. — Para começar, nunca fui Excelência. Era comissário de bordo do Cherbilius e um dia antes da explosão fui considerado culpado de insubordinação, embriaguez durante o serviço, impertinência para com os passageiros, roubo de bebida da nave e de ter cuspido no sistema de ventilação. Devia ficar preso, confinado nas minhas acomodações. Roubei mais uma garrafa do melhor brandy de Donardo, pois com semelhante ficha, uma garrafa a mais não seria problema. Depois de a beber, subi no módulo salva-vidas na esperança ae que pudesse cozinhar a minha ressaca sem ser interrompido por maiores recriminações. Quando acordei, o salva-vidas estava solto no espaço, cercado por escombros,

inclusive um número incalculável de corpos carbonizados e em vários estágios de desmembramento. E, assim, aqui estou, provavelmente o único sobrevivente. Não me acho competente para dar instrução religiosa a ninguém, mesmo que tivesse algum conhecimento do assunto, o que não é o caso. Qual é a sua história?

O pregador olhou-o sem compreender.

— De onde você vem? — insistiu Effro.

— Eu renasci aqui. O tempo anterior ao renascimento não tem qualquer sentido.

— Você provavelmente abandonou a nave aqui. A última nave de inspeção. Se quer um palpite, viajava clandestino e era fugitivo da justiça. Assim, aqui seria um lugar tão bom quanto qualquer outro para se esconder. Eventualmente, ficou louco (loucura estelar?). Dê a isso o nome de renascimento, se quiser.

Fêz pontaria para jogar o copo de plástico no robô-faxineiro mas não acertou; o robô farejou o seu rastro e recolheu-o. Effro apertou o teclado do robô de bebidas e pegou mais um drinque, dizendo:

— Saúde! O seu rebanho está cuidando bem de mim.

— Eles carregam as aflições dos outros e assim seguem a lei de Cristo.

— São máquinas nojentas e você sabe disso — riu Effro já bêbado.

— Todos nós trabalhamos junto com Deus.

— Todos nós? Nós somos homens e isso são máquinas.

— Ambos são casas de barro cuja fundação é pó.

— Touché — concordou Effro. Êle se considerava um homem razoável, e se este louco queria elevar as máquinas à condição de anjos, o problema não era seu. — O homem evoluiu a partir de uma bolha de lama e, segundo alguns, ainda está em evolução. As máquinas também evoluíram e estão se tornando cada vez mais humanas. Estes robôs antiquados ainda parecem máquinas, mas há alguns que são terrivelmente humanos nas suas ações — o que os faz moralmente suspeitos. De nada adianta discutir teologia com um pregador, mesmo que tenha sido ordenado por si mesmo, mas me parece que tudo que você disse sobre as máquinas pode ser dito sobre os animais também, acrescentando-se que estes são criaturas de Deus — ou pelo menos é o que me contavam quando eu era suficientemente jovem para escutar semelhantes besteiras. E eles são de carne e osso. Máquinas são de metal, de plástico e de eletricidade. Talvez

Deus tenha criado os homens e os animais, mas terá que admitir que o homem criou as máquinas. Se elas têm qualquer coisa de divino em si, é de segunda mão.

— O homem cria somente segundo as ordens de Deus — replicou o pregador. — Metal e plástico estão em pé de igualdade com carne e osso, uma vez que nenhum pode herdar o reino de Deus. No dia do Julgamento todos serão iguais, homens e máquinas. Então o pó retornará à Terra como era no princípio, e o espírito retornará a Deus que o deu.

Effro deu de ombros e esvaziou o copo. — E daí?

— O espírito retornará a Deus que o deu. — O pregador fixou em Effro o olhar de profunda intensidade. — O espírito é o dom de Deus ao homem. Se na sua sabedoria Êle resolveu assim fazê-lo, por que não poderá dar o mesmo dom à máquina?

— Suponho que possa — concedeu Effro ainda sendo razoável.

— Eu rezo para que Êle assim o faça — disse o pregador com simplicidade. — De maneira que estes, que são os mais ínfimos, possam louvá-lo, pois foram maravilhosamente bem-criados. Se Deus abençoa o homem pecador, Excelência, não poderá Êle abençoar estes que não têm pecado?

Effro resmungou inarticuladamente,

— Eu não entendi, Excelência.

— Eu disse que se não estivesse bêbado não teria começado a discutir o assunto. Você quer encher o paraíso, seja lá o que fôr, com máquinas? Não me faz a menor diferença. Eu mesmo sou um dos mais ínfimos, e ainda por cima, um pecador, e se existe paraíso, não o conhecerei. Tudo que peço é que pare de me chamar de Excelência.

O pregador pôs-se de pé com dificuldade. Era mais baixo que a média, mas em relação a Effro, que se conservava sentado, êle dominava de cima das alturas. — Você é... um pecador?

Effro jogou o copo vazio para o lado e apertou o botão para pedir mais uma bebida. — De maneira bastante medíocre. Não acabei de lhe contar que sou ladrão e bêbado?

— Precisamos celebrar um culto e rezar por você. Você virá?

— Um culto? Você e suas máquinas?

— Meu rebanho e eu.

Effro gargalhou. — Técnicos já rezaram por mim sem qualquer resultado que pudesse ser notado, mas se você não se incomoda de traba-

lhar somente para adquirir prática, vá em frente.

— Você assistirá ao culto?

— Não, disse Effro ainda querendo ser razoável, mas também querendo deixar claro que havia limites para tudo. — Mas não deixe que isso seja um empecilho para você. Se as suas rezas têm alguma força, funcionarão, quer eu esteja lá ou não.

O pregador deu um passo para trás. O braço direito apontando o teto; o braço esquerdo dobrado protetoramente sobre a cabeça como se quisesse se esquivar da raiva de alguma divindade ofendida. Disse com incredulidade: — Você não acredita em Deus!

— Não, não acredito. E se existe, não tenho qualquer utilidade para êle. O Cherbilius tinha uma lista de trezentos e setenta e dois passageiros e tripulação de quarenta. Também transportava um carregamento ilegal. Nitratos, acho. A tripulação recebia grossos subornos para ignorar o que estava sendo carregado. Nós aceitávamos o dinheiro e o risco. Os passageiros aceitavam o risco sem o saber. Agora todos estão mortos, menos eu e os proprietários estão alegremente recolhendo o seguro com falsas notas de despacho. Bastardos gananciosos! Se eu voltasse e os denunciasse, eles me processariam por não ter informado antes da viagem, as condições que poriam em perigo a nave. Se você arranjar um lugar para o seu Deus nesse esquema, pode dizer.

Êle levantou o copo numa saudação irônica para as costas do pregador que se afastava.

Engoliu mais quatro drinques, jogando os copos para todos os lados, vendo os robôs-faxineiros correndo para recolhê-los, e finalmente se arrastou para a cama. Não estava suficientemente bêbado, contudo, para se esquecer de trancar a porta, e levantou-se mais duas vezes para se certificar de que estava trancada.

No terceiro dia, convenceu-se de que as máquinas o estavam observando. Um faxineiro ficava espionando no corredor, esperando que êle se virasse; então, saía correndo como para prestar contas. Êle trancou um faxineiro no armário, para ser solto somente quando tivesse bastante sujeira para conservá-lo ocupado; os outros, jogou, um a um, para fora, na medida em que conseguiu pegá-los. Eles não poderiam lidar com a câmara de compressão sem ajuda e, para ter certeza de que o pregador não os ajudaria, arrebentou o trinco que a soltaria. O pregador não podia entrar; êle não podia sair, mas só se preocuparia com o caso quando quisesse sair.

Amaldiçoou a sorte que milagrosamente colocara um companheiro nesta estação solitária ao mesmo tempo que o privara absolutamente de companhia. Se o pregador não tivesse ficado preso à religião, êle e Effro poderiam ter aprontado maratonas de pôquer geniais. Sua presença remota somente aumentava a sensação de solidão. Effro o via, às vezes à distância e uma vez, o encontrou olhando através da câmara de compressão, tentando dizer alguma coisa, mas não se aproximou o bastante para saber do que se tratava. Já tinha ouvido um número suficiente de sermões.

Effro comia e bebia; assistia a filmes; tentou se interessar por livros. Mais do que tudo, bebia. O salvamento poderia vir no dia seguinte — no próximo mês, no próximo ano. Era melhor não pensar no assunto e a maneira mais certa para não pensar era embebedar-se. Êle bebia, dormia, cozinhava a ressaca com mais bebida. O tempo passava, mas se eram dias ou horas êle não o poderia dizer e muito menos isso o preocupava.

Acordou abruptamente de um sono provocado pela bebida e sentou-se na cama. Ouvira um barulho — de vento ou algo parecido — mas neste fragmento morto do mundo não havia vento. Foi até a porta do quarto. Como sempre, ela se abriu para o silêncio profundo.

Silêncio e solidão. Confuso, vestiu-se desajeitadamente e arrastou-se com dificuldade até à sala de jantar. Sentou-se e, eventualmente, suas mãos trêmulas acharam um botão e apertaram-no.

Não houve resposta. Apertou com força uma segunda vez, uma terceira e finalmente voltou o olhar atônito para a armação comprida onde as máquinas copeiras e as máquinas de bebidas ficavam em filas ordenadas, quando não em uso. A armação estava vazia.

Com um rugido raivoso atirou-se à câmara de compressão. Estava aberta.

O espaço entre as hospedarias e os galpões de manutenção e armazenamento estava cheio de máquinas. — Os robôs-copeiros e os que serviam bebidas alinhavam-se numa fila de ídolos atarracados, máquinas de massagem, máquinas camareiras, robôs-domésticos, máquinas gigantescas com funções especializadas relacionadas às necessidades dos maiores motores atômicos. Fornecedores de roupas, projetores de filmes, filas de robôs-faxineiros, máquinas grandes, máquinas pequenas, até filas de relógios automáticos, todos voltados para o púlpito improvisado com latas de café, onde, de pé, se encontrava o pregador com o braço direito

levantado.

— Traga-as de volta, maldito! Quero um drinque! — Gritou Effro.

O pregador conservou-se imóvel. Subitamente Effro escutou o barulho que o havia acordado: o pregador começou a zunir.

O som vibrava docemente, como o zunido de uma máquina à distância, e as máquinas reunidas em filas responderam. O pesado aparelhamento de manutenção emitiu um profundo rugido, os robôs-faxineiros acrescentaram em coro um guincho penetrante, e à medida que as outras máquinas começaram a acompanhar, o tumulto se transformou em pulsação violenta que sacudiu a construção. Effro gritou outra vez mas não pôde ouvir sua própria voz. Cambaleou para frente cheio de raiva.

O pregador pôs as mãos à sua frente, palma com palma. Uma faísca azul surgiu do meio delas e ficou parada no ar. Cascatas de faíscas brilhantes estalaram ao redor das imensas máquinas de manutenção, clarões estonteantes de luz começaram a aparecer rapidamente aqui e ali, de máquina para máquina. O som assustador foi num crescendo até que Effro tapou os ouvidos com as mãos e virou-se para fugir. Era tarde. Êle já estava entre as máquinas e as faíscas intermitentes formavam barreira ao seu redor. Por um momento de suspense, elas chiaram sem causar dano, e então uma tremenda claridade surgiu.

Effro ficou paralizado por um instante e depois caiu na escuridão.

*

Só um?! exclamou o capitão incredulamente.

O imediato assentiu.

— Mas aquele é um. . . módulo, salva-vidas para quarenta passageiros!

— Ora, estou lhe dizendo que viramos a estação de cabeça para baixo. Só há um, e êle está completamente biruta.

— Êle está aqui somente há dois meses.

— Evidentemente dois meses são mais do que suficientes — replicou secamente o imediato:

— Traga-o, então. Já perdemos bastante tempo aqui.

O imediato virou-se, fêz um gesto e dois tripulantes trouxeram Gorton Effro.

— Meu Deus! — exclamou o capitão.

— Êle mesmo deve ter feito suas roupas — disse o imediato. — Numa das salas há uma coleção de quadros religiosos. Copiou a indumentária de um padre.

Effro olhou o capitão sem expressão. Sua mitra estava ligeiramente torta; sua roupa, rasgada em vários lugares. Na mão esquerda, segurava fortemente uma Bíblia da Sociedade de Saint Brock.

— Tropeça continuamente nas roupas e cai, mas parece nem mesmo senti-lo. Sabe o que usa nos pés? Sandálias de metal. Estou lhe dizendo, êle está sofrendo de loucura estelar em último grau.

Subitamente, Effro correu para a frente e ajoelhou-se aos pés do capitão. — Veio para me instruir, Excelência?

— Pare de dizer besteira — retrucou o capitão, — O que aconteceu com o Cherbilius?

— Êle não se lembra — explicou o imediato.

— É melhor lembrar-se. Como é que você conseguiu chegar ao salva-vidas, moço?

Effro não respondeu.

— Como chegou aqui?

— Aqui, eu renasci. O tempo anterior ao renascimento não tem significação.

— Dê esse tipo de resposta para a Comissão e eles o reduzirão a pedacinhos. Houve um dos maiores desastres espaciais e é melhor você estar preparado para dar total cooperação.

Effro olhou-o. — Pode me dar a sua bênção, Excelência?

— Você não conseguiu arrancar nada dele? — perguntou o capitão ao imediato.

— Somente algumas citações bíblicas. Essas êle não esquece.

— Tua palavra é a luz que ilumina o meu caminho — murmurou Gorton.

— Estou vendo o que você quer dizer. Bem, não é problema nosso. Leve-o para bordo e indique alguém para tomar conta dele. Partiremos tão logo o salva-vidas esteja bem acoplado.

Os tripulantes deram um empurrão em Effro para que se pusesse de pé e subisse a rampa. Êle não resistiu, mas sacudiu a Bíblia em protesto.

— Nós teremos que informar a Comissão de Segurança Interestelar — falou o imediato. — Talvez não tenha sido uma idéia muito boa

colocar todas aquelas Bíblias nas estações de emergência.

— Certo — respondeu o capitão. — E podemos aproveitar e informar a Sociedade de Saint Brock de que o seu mais novo convertido acaba de roubar uma delas.

*

O pregador não saiu de seu esconderijo antes que a nave fosse somente um pequeno ponto luminoso nos limites do céu estrelado. Observou-a até que desaparecesse.

Eles ficaram perturbados porque a lembrança de um passado pecaminoso tinha sido obliterada, mas essa era a via do renascimento. Afaste de si todas as suas transgressões e prepare um coração novo e um espírito novo.

Era com pesar que via a partida de Effro pois, purificado, este havia sido um estudante apto e dócil, mas a vontade de Deus tinha que ser cumprida. O sucesso da purificação tinha-o deixado tão orgulhoso que êle havia se aproximado perigosamente do pecado. Quando o orgulho vem, então vem a vergonha; mas com os mais ínfimos está a sabedoria.

E êle havia negligenciado seus deveres para com o seu rebanho.

Dirigiu-se primeiro ao galpão de manutenção. Ligou-se a uma saída de força e, enquanto esperava ser recarregado, administrou algumas gotas de óleo ao seu corroído braço esquerdo.

Então, depois de ter feito o sinal da cruz com humildade, acionou seus passos na direção da casa das máquinas, onde três robôs-faxineiros esperavam para se confessar.

WINNIE, A VEGY

Rog Phillips

Trad. de Aydano Arruda

— Parabéns, meu rapaz — disse Sims. — Você vai ser transferido para Tau Ceti III e não me nego a dizer-lhe que o temos de olho como material para a Diretoria, dentro de vinte ou trinta anos.

Lin Braquet procurou esconder sua consternação.

— Mas eu não quero... — disse impulsivamente. — Gosto aqui de Vênus. — Fêz uma tardia tentativa de psicologia. — Desejo continuar seu subordinado, Sr. Sims.

O presidente da Interstellar Chemical (divisão de Vênus) franziu a testa.

— Escute, Braquet — disse êle. — Você conhece nossa organização, nossa tradição. Você é um homem subsidiado pela I.C. Fomos nós que lhe demos sua educação, nós que o trouxemos para cá. Já gastamos uma importância enorme com você.

— Mas por que não posso ficar aqui? — perguntou Lin.

— Nossos homens precisam continuar subindo a escada, meu rapaz — disse Sims calorosamente. — Outros estão conquistando seus doutorados, prontos para subir. Naturalmente, mais do que realmente precisamos ou desejamos. Devemos subsidiar quarenta por cento a mais do que precisamos para compensar mortes e fracassos. Outras companhias fazem o mesmo. Não há lugar aqui nem em qualquer outra companhia para aquêles que não desejam subir.

— Mas... — começou Lin.

— Você conhece os fatos da vida tanto quanto eu — prossegiu Sims, demonstrando impaciência. — Naturalmente, pode recusar a transferência. Se o fizer, estará de fora. Já temos um homem escolhido para seu cargo atual. Que vai você fazer depois? Nenhuma companhia sequer cogitará de dar emprego de carreira aos fracassados de outra companhia. A única coisa que ficaria aberta para você seriam as fileiras da mão-de-obra não especializada. Não posso compreender por que você hesita. Tem algum problema?

— Sim — confirmou Lin com voz fraca.

— Qual é?

— Uma... uma garota — respondeu Lin.

Sims riu.

— Ora, ora! Pois case-se e leve-a com você. A I.C. pagará também a passagem dela e naturalmente você terá o adicional automático de salário. Meus parabéns de novo. — Sims parou de sorrir. — Mais alguma coisa? — perguntou.

Lin acenou afirmativamente com a cabeça.

— Ela tem uma vegy.

— Ela tem mãe e pai também, não tem? — disse Sims. —E talvez irmãos e irmãs? Quando uma moça se casa deixa tudo para trás. São os fatos da vida.

— Ela não quer deixar a vegy para trás — explicou Lin. — Ela e Winnie cresceram junto.

— Mau — disse Sims, franzindo a testa. — Ela é filha única? Foi o que pensei. É mórbido deixar que uma criança se apegue aos afetos da infância desse jeito. Bem, ela terá de deixá-la. A I.C. certamente não vai desperdiçar vinte mil dólares galácticos em passagem para uma vegy.

— Eu não pensava que o fizesse — disse Lin desesperançado.

— Especialmente para Tau Ceti III. A atmosfera lá é boa. Não há necessidade de vegies, embora eu suponha que já existem muitas lá. Leve uma semente e cultive outra. Experiência interessante, especialmente quando chegam aos dois anos e passam pela transformação.

— Vou ver se consigo convencê-la. — disse Lin sem esperança, virando-se para a porta.

— É o que deve fazer — recomendou Sims energicamente. — Outra coisa, Braquet!

— Sim? — disse Lin, voltando-se.

— Se ela não quiser, classifique-a como um caso de desenvolvimento emocional interrompido e esqueça-a. Creia-me, não valeria a pena estragar sua vida e sua carreira. por uma moça que recusa abandonar uma vegy.

— Sim, senhor — concordou Lin.

A moça na agência de viagens aproximou-se do balcão com um sorriso.

— Às suas ordens — disse ela.

— Eu vou para Tau Ceti III — explicou Lin. — Estive pensando se haveria um meio de levar uma vegy comigo.

— Só pagando passagem integral, mais mil dólares galácticos de frete por quilo de seu vaso. Sinto muito. De fato, as grandes linhas procuram desencorajar viagens de vegies porque elas criam problema no equilíbrio da atmosfera da nave. Para compensar os passageiros humanos cada nave já leva um complemento integral de vegies, treinadas para trabalhar como membros da tripulação.

— Mas não existe um jeito? — perguntou Lin desesperadamente. — Eu não posso arranjar vinte mil dólares galácticos e no plano de pagamento em prestações seria...

A moça sacudiu a cabeça firmemente. Deu a Lin um sorriso de simpatia e virou-se para o homem que estava a alguns passos, diante do. balcão.

— Às suas ordens — disse ela.

Lin hesitou, odiando desistir.

— Alguma notícia da nave "Astra"? — perguntou o homem, sorrindo conquistadoramente para a moça. Era um pouco mais baixo que Lin, de compleição robusta, pele e cabelos escuros.

— Acho que sim — respondeu a moça, voltando-se para consultar um quadro de avisos. — Sim, deixou a Terra ontem no horário e chegará aqui dentro de duas semanas.

Lin virou-se e caminhou desanimado para o metrô que levava ao pátio de estacionamento. Não percebeu que os olhos astutos do homem o acompanhavam e que, tão logo o perdeu de vista, o homem se desculpou e o seguiu.

— É perfeitamente simples! — disse Lin, demonstrando em sua voz

paciência infinita submetida a uma prova além da tolerância mortal.— Em Tau Ceti III você não *precisará* de uma vegy. A companhia pagará passagem para mim e minha esposa... se eu tiver esposa. Mas *não quer pagar passagem* para Winnie. Sabe quanto custaria? Vinte mil dólares galácticos! Mais do que eu vou ganhar em dois anos!

— É perfeitamente simples! — disse Leah, em tom de infinita paciência comparavel ao de Lin. — Onde eu fôr, Winnie também irá...

— Estou cheio de Winnie — queixou-se Lin. — Toda vez que procuro beijá-la, um grande olho amarelo na ponta de um pedúnculo põe-se no meio. — Fitou o único olho da vegy, que estava voltado para êle, e o olho enfrentou seu olhar com amarelo desafio. Os outros três olhos de Winnie baixaram-se com ofendida dignidade nas pontas de seus pedúnculos de vinte e cinco centímetros de comprimento, da grossura de um lápis.

— Se você me ama... *como diz*... — continuou Leah, como se não tivesse sido interrompida — seu amor *descobrirá* um meio.

— Se *você* me ama — replicou Lin — abandonará esse... esse apego infantil por uma vegy e deixará Winnie aqui com seus pais.

— Apego infantil! — gritou Leah, erguendo-se em toda a fúria de seu metro e cinqüenta e dois de altura e cabelos ruivos. — Daqui a pouco você estará dizendo que eu sou um caso de desenvolvimento interrompido.

— Eu não disse isso — falou Lin com voz sufocada. Respirou fundo e explodiu: — Santo Deus! Até parece que vou casar-me com Winnie!

— Ah, ah! —As quatro áreas azuis brilhantes, por onde Winnie emitia sua voz, vibraram. — Você não seria capaz de polinizar sequer um gerânio.

Leah corou e falou energicamente: — Winnie, não diga essas coisas. .

Um som choroso saiu das áreas de vibração de Winnie. Três dos pedúnculos de olhos começaram a baixar-se, com os olhos límpidos cheios de devoção por Leah e de autopiedade, enquanto o quarto olho fitava Lin acusadoramente.

— Oh! minha pobre Winnie — exclamou Leah, abraçando o tronco verde da vegy, que tinha formato de pêra e um metro e vinte de altura. — Virando a cabeça para Lin, disse: — Você fêz Winnie sentir-se mal. Deveria envergonhar-se !

— Bobagem — replicou Lin aborrecido. — Você não me ama, você

só ama esse... esse *vegetal*!

— Você é que não me ama! — exclamou Leah, começando a chorar. — Se me amasse, descobriria um jeito de levarmos Winnie conosco. Você é um egoísta, estúpido, impossível, uma besta, cruel...

E assim, no devido tempo, Lin e Leah se casaram. Mas não antes de Lin ter-se encontrado com Gregor Samsen pela segunda vez.

Depois de seu encontro, com Gregor Samsen, Lin foi diretamente procurar Leah e anunciou com orgulho : — Consegui! Winnie vai conosco!

A todas as perguntas referentes a pormenores, êle se limitava a dizer : — Deixe tudo por minha conta. Não há motivo para se preocupar.

Winnie ficou desconfiada, mas Leah sentia-se tão feliz que as dúvidas de Winnie caíram em ouvidos moucos até o dia do casamento e durante algum tempo depois. Finalmente, porém, Winnie conseguiu fazer com que Leah a ouvisse e Leah, apertou Lin.

— É perfeitamente simples — explicou Lin. — Eu pensei que tinha de haver um jeito e havia. A nave tem seu complemento de vegies e Winnie poderia simplesmente subir a bordo conosco e misturar-se com eles, a não ser por uma coisa.

— Claro — vibrou Winnie — Eu nada sei a respeito de naves e, à primeira coisa que eu dissesse, seria descoberta.

— Não — disse Lin. — Não é isso. Os vegies são marcados a fogo com o emblema da nave.

— Marcados a fogo! — Winnie correu para seu vaso e afundou-se dentro dele, agarrando-se às beiradas com todas as suas quatro mãos. — Eu recuso ser marcada. Eu recuso ir. Eu sabia que era alguma coisa assim. Leah pode anular o casamento. Ainda está em tempo.

— Você não será realmente marcada — disse Lin. — É aí que entra esse comissário de bordo. No minuto em que chegarmos ao camarote, êle entrará e pintará a insígnia da nave em você, de modo a parecer que foi marcada a fogo. Na realidade, nem seria preciso pintá-la, só que alguém poderia vê-la, mas mesmo isso é improvável porque você ficará escondida em um dos pequenos barcos salva-vidas durante as três semanas.

— Escondida! — zumbiu Winnie, erguendo-se um pouco. Apanhando um pano impregnado de glicerina para limpar as manchas de areia, a vegy vibrou, em tom rancoroso: — Uma clandestina vulgar, precisando subir a bordo furtivamente, precisando esconder-se, sendo descoberta e jogada para fora da nave em algum asteróide deserto, enquanto vocês

viajam com todo o conforto. Como conseguirei levar meu vaso até o lugar onde vou ficar escondida? Eu não admitirei que êle seja guardado em algum lugar no porão da nave enquanto eu me escondo cheia de vergonha.

— Êle não vai — disse Lin.

— Meu vaso? — Winnie ergueu-se novamente de uma vez, fazendo alguns grãos de areia saltarem até o teto. — Agora entendo o que você está tramando, Lin Braquet. Você está querendo matar-me. Você sabe que uma vegy sempre dorme no solo em que brotou.

— Calma — disse Lin. — Você sabe muito bem que seus ancestrais em Ripley não tinham vasos. E existem muitas vegies viajantes que dormem cada noite em um vaso diferente. Custaria sete mil e quinhentos dólares galácticos transportar seu vaso. Além disso, embarcar seu vaso sem ter passagem para você seria o mesmo que denunciá-la.

— EU NÃO DEIXAREI MEU VASO! — gritou Winnie tão alto que as quatro áreas azuis de vibração vibraram visivelmente.

A espaçonave "Astra" surgiu da violenta chuva saturada de amoníaco de uma típica tempestade venusina, com seu imenso volume ondulando-se pela refração da água que caía sobre a superfície externa do passeio de observação do espaçoporto.

Winnie agarrava-se à mão de Leah para ganhar coragem e observava o volumoso símbolo de Condenação que pousava vagarosamente no campo, tão gigantesco que a chuva, caindo sobre êle cascateava por suas beiradas formando uma cortina de água que escondia as partes interiores da nave.

Veio depois o pesadelo do Último Quilômetro, o vagaroso movimento da massa de seres humanos e vegies misturados, que se acotovelavam em direção aos metrôs do espaçoporto, amontoando-se nos trens superlotados do metrô, sendo introduzidos em elevadores que subiam para a nave, vendo o primeiro vegy da nave, olhando de relance a insígnia da nave marcada nele e invejando o desembaraço que demonstrava em seu trabalho de polir corrimãos.

O salão central era onde todos tinham de apresentar as passagens, para serem depois encaminhados aos camarotes. No meio do salão central havia uma área isolada por cordas onde várias dúzias de vegies jogavam baralho e xadrez ou liam.

De espaço em espaço em volta da área isolada por cordas havia

uma vitrina de metal com um texto impresso coberto por vidro, que dizia:

"O vegy é a única espécie inteligente de uma grande família de vegetais ambulantes nativos de Ripley, o segundo planeta no Sistema Polaris. O movimento é produzido pela alteração da pressão no interior de milhares de fibras em espiral microscopicamente finas, o que causa uma alteração na tensão de mola dessas fibras, sendo a alteração da pressão produzida por uma corrente iônica transmitida por finas redes de tubos semelhantes dos nervos de animais. O vegy nasce de uma semente. Nos primeiros dois anos suas raízes permanecem no solo enquanto seu corpo e seus apêndices atingem pleno crescimento. Depois, em um período de apenas trinta dias, a metade inferior de seu tronco expande-se ate três vezes o tamanho anterior e vagarosamente se volta para dentro e para cima, puxando a seção de raízes com ela até todas as finas raízes ficarem dentro da cavidade oca interior. Durante essa modificação os quatro membros inferiores viram-se para baixo de modo a poderem servir como pernas.

"Um tubo oco de dois centímetros e meio de diâmetro estendem-se do alto do vegy até a cavidade das raízes. O vegy alimenta-se introduzindo areia fresca, terra e água nesse tubo, formando uma mistura lamacenta grossa que enche a cavidade das raízes e fornece alimento mineral ao organismo vegetal. Durante o período de sono uma parte desse conteúdo do 'estômago' é evacuada através do orifício inferior. Quando acorda, o vegy tem 'fome' e imediatamente torna a encher a cavidade de terra fresca e água.

"O vegy utiliza luz como sua fonte primária de energia, transformando dióxido de carbono e água em oxigênio e açúcares através de um processo de fotossíntese pela clorofila, o pigmento verde que dá ao vegy sua côr característica. O oxigênio é devolvido à atmosfera. O açúcar penetra no processo ' muscular', onde é decomposto em vários álcoois. Em resultado, quanto mais um vegy se movimenta, mais dióxido de carbono precisa e mais oxigênio descarrega como produto residual. Isso faz dele idealmente o complemento natural do homem na equilibrada vida de aquário a bordo de naves e nos numerosos planetas cujas atmosferas impróprias tornam necessária uma existência fechada.

"O vegy em geral vive bem mais de quarenta anos, mas por fim perde a capacidade de movimento devido à deterioração de suas fibras 'musculares', que se transformam em fibras de madeira. Quando isso

acontece, o vegy torna-se incapaz de reencher seu ‘estômago’ e morre.

“O vegy tem quarenta e oito centros cerebrais bem definidos, mas nenhum núcleo centralizado como o cérebro humano. Apesar disso, é igual ao ser humano em inteligência, criatividade e personalidade, sendo talvez superior ao homem por ter uma consciência integrada que não é afetada pela destruição de qualquer de seus numerosos ‘cérebros’. É também superior ao homem no fato de populações futuras inteiras de vegies poderem ser transportadas como sementes.

“A reprodução é efetuada por polinização cruzada quando um vegy está em flor. Durante a polinização cruzada, dois vegies praticam uma lenta dança ritualística, que é sempre igual e inteiramente instintiva, fora do controle ou interferência consciente. Essa dança é extremamente bela.

“Os vegies foram descobertos originariamente pela Expedição Polaris no ano 2348 D.C. Menos de um século depois de sua descoberta, os vegies substituíram todos os aparelhos de conversão de oxigênio. Durante curtos períodos e esforçando-se vigorosamente, um vegy pode fornecer o oxigênio necessário a três seres humanos,

“Você encontrara na biblioteca de microfilme de seu camarote o livro História dos Vegies, assim como mais de cinqüenta romances escritos por vegies e considerados clássicos”.

Winnie leu isso com um sentimento, de orgulho que só serviu para acentuar a humilhação de estar a ponto de tornar-se uma clandestina. Alguns momentos depois, Lin e Leah terminaram de acertar tudo quanto se referia a suas passagens e acomodações.

Winnie não gostou do comissário de bordo que os levou ao camarote. O queixo pontiagudo, o nariz proeminente e afilado, e a cabeça estreita davam-lhe ao rosto um formato de cunha por baixo do quepe. Seus olhos eram muito juntos e astutos.

No camarote o comissário de bordo ocupou-se com várias coisas até que os pais de Leah e os vegies da família fizeram suas chorosas despedidas e se retiraram.

Então êle disse: — Eu sou Antone Brush. Vocês têm o resto do dinheiro? Precisamos trabalhar depressa.

Uma vida latejante e pulsante fluiu através do piso e das paredes do camarote, nada tendo a ver com vibração ou som, pois o silêncio envolvia tudo e parecia agarrar tôda palavra proferida e abafá-la. A força de

vida pulsante era mais uma aura, um fantasma vivo das imensas distâncias que a nave percorrera e que ainda iria percorrer, o latejar de espaços vazios e sem ar entre estrelas onde não havia alto ou baixo, com o fluxo do cosmo em sua corrida do abismo infinito do passado para a escuridão infinita do futuro.

Winnie permaneceu quieta, enquanto o comissário de bordo, Antone Brush, assentava o estêncil no lugar com fita adesiva e, acompanhando seu desenho, trabalhava com o pigmento de secagem rápida.

— Acho que vou morrer — gemeu Winnie.

— Tolice — disse Antone.

— Meus músculos parecem estar se transformando em fibra de madeira — insistiu Winnie em tom miserável.

— Quer dizer que você andou lendo o boletim no salão — comentou Antone jovialmente. — Eu também adquiro algumas doenças quando leio as colunas sobre saúde.

Piscou para Leah e arrancou o estêncil, deixando à mostra a insígnia. Polvilhou-a cuidadosamente com uma esponja de pó para embaçar sua aparência brilhante de coisa nova.

O alto-falante na parede disse:

“Vamos decolar dentro de três minutos. Não haverá outra sensacão além de um ligeiro aumento de peso, quando nos elevarmos através da atmosfera. Se esta é sua primeira viagem espacial, você encontrará comprimidos tranqüilizantes no armário de remédios de seu banheiro. Se se sentir mal, aperte o botão vermelho do lado de dentro da porta que dá para o corredor externo e uma enfermeira comparecerá imediatamente”.

— Há tempo para sair da nave? — perguntou Winnie.

— Nenhuma probabilidade — respondeu Antone jovialmente. — As portinholas já estão fechadas.

Leah fungou alto, quase em lágrimas. Lin tomou-a nos braços. Winnie olhou tom ar feroz para Lin. Antone sorriu alegremente.

— É melhor levarmos você para o barco salva-vidas onde ficará escondida — disse Antone. — Dentro de dez minutos eles estarão fazendo as rondas para ver se todo o mundo está contente e será melhor não a encontrarem aqui quando vierem, Winnie. — Abriu a porta do camarote e olhou para fora. — Depressa! — recomendou.

Os quatro correram pelo corredor de teto baixo até uma portinhola tendo por cima uma inscrição vermelha dizendo: BARCOS SALVA-VIDAS.

Entraram pela portinhola em outro corredor comprido e de repente sentiram ligeiro aumento de peso. Parecia impossível acreditar que estivessem em uma nave que atravessava violenta tempestade rumo ao espaço exterior.

Chegaram a um corredor largo que se curvava à distância. A cada cinqüenta metros havia uma portinhola encimada por um número. Antone parou diante do número 16, olhou dos lados para ter certeza de não haver ninguém à vista e depois ordenou: — Entrem! Depressa!

Não pareciam estar entrando em um barco. Antone explicou isso dizendo que o barco salva-vidas estava encaixado em seu berço de ejeção e que um botão de controle no interior do barco o fecharia e o arremessaria para longe da espaçonave.

Apontou uma dupla fileira de dez vasos cheios de terra.

— À ordem de "Abandonar a Nave", dez dos vegies da nave virão para este barco. Pode escolher à vontade, Winnie, ou dormir quase toda noite em um vaso diferente.

Winnie gemeu.

— Esconda-se caso ouvir barulho de alguém que se aproxima — advertiu Antone. — Você pode esconder-se atrás dos compartimentos de combustível. Não se preocupe com falta de dióxido de carbono. O barco é planejado de modo a ter boa circulação em todas as partes. Se alguém entrar, Winnie, fique escondida. Esses seus olhos amarelos são bastante iridescentes para serem notados no escuro, como você bem sabe.

— Fique comigo, Leah — choramingou Winnie, com dois olhos apelando limpidamente para ela.

Antone sacudiu negativamente a cabeça.

— Ela precisa ficar com seu marido, senão começarão a procurá-la... pelo menos nas próximas vinte e quatro horas.

— Você ficará bem, querida Winnie — disse Leah hesitante, deixando-se arrastar por Lin para a portinhola.

Winnie voltou um de seus olhos restantes para Lin, friamente, e exclamou em tom furioso: — Sovina! — O quarto olho fixou-se desconfiadamente em Antone Brush e Winnie vibrou: — E você, Antone Brush, não é senão um miserável comedor de bola. Um velhaco, é o que você é.

— Winnie! — falou Leah em tom de censura.

Depois Winnie ficou sozinha com o silêncio amortecido, a estéril vacuidade geométrica do barco salva-vidas e os dez vasos, nenhum dos

quais era mais do que um simples vaso...

— Esqueça-se de Winnie e vamos dormir — pediu Lin.

— Pobre Winnie — disse Leah no escuro e no silêncio. — Eu... eu quase gostaria que nunca...

Lin nada disse, mas sentiu-se tentado a repetir em voz alta o desejo dela. Abriu os olhos e procurou em sua mente algo capaz de desviar os pensamentos de Leah para canais mais repousantes.

— Sabe ? — disse animadamente. — Li uma coisa interessante no jornal de microfilme enquanto você estava tomando banho.

Deixou o início de conversa pairando no escuro e, por fim, de maneira hesitante, Leah perguntou: — Que foi? Lin virou-se de um lado e ergueu-se sobre o cotovelo.

— Você sabia — perguntou — que esta nave leva a bordo vinte milhões de dólares de grandes diamantes e sessenta milhões em moeda galáctica? A partida de diamantes é para Tau Ceti III, a fim de que o governo local possa emitir sua própria moeda. Todas as moedas locais são baseadas no padrão diamante, sabe? Isso porque o transporte de qualquer outra coisa custa mais do que seu valor. — Lin entusiasmava-se com seu assunto. — Ora, você sabe...

— Eu vou ver como está Winnie — disse Leah abruptamente, sentando-se e ligando a luz da cama.

— Winnie está bem! — disse Lin zangado. — Não podemos arriscar-nos a que alguém nos veja entrar furtivamente naquele barco salva-vidas e faça, perguntas.

— *Eu vou ver como Winnie está* — insistiu Leah com firmeza. — Você pode ficar aqui, se quiser.

Começou a tirar o pijama, olhou Lin de relance e, com os lábios firmemente comprimidos, juntou suas roupas e entrou no banheiro, fechando a porta.

Lin fitou a porta fechada, com um profundo suspiro, levantou-se da cama e vestiu-se. Estava esperando quando Leah saiu do banheiro.

No corredor deserto, tomou a mão de Leah. Estava fria e inamistosa, mas continuou a segurá-la.

— Já devemos estar bem no espaço — cochichou. — Está notando como nosso peso é quase normal? O jornal disse que devemos entrar em hipertração às nove horas. É mais ou menos daqui a oito horas...

Desistiu. O rosto de Leah estava marcado por linhas de preocupação por causa de Winnie. Era impossível desviar seus pensamentos.

Chegaram à portinhola com a inscrição BARCOS SALVA-VIDAS. Lin olhou para os dois lados, em seguida abriu-a rapidamente e ajudou Leah a passar. Depois de passar, espiou para trás e, de repente, enrijeceu-se.

— Que foi ? — cochichou Leah, sentindo a tensão dele.

— Psiu! — fêz Lin.

Leah debruçou-se sobre seu ombro. No fundo do corredor por onde haviam passado avistou um homem. Um estranho. Quando o viu, êle parou diante de uma porta e encostou a orelha nela. Leah não tinha certeza, mas pensou que era a porta de seu camarote.

— Aquele homem — cochichou Lin. — Como veio parar a bordo?

— Quem é êle? — sussurrou Leah.

Lin recuou rapidamente. Leah viu de relance o homem endireitando-se e avançando em direção ao lugar onde estavam, antes que Lin a empurrasse para trás. Cuidadosamente, Lin fechou a porta. Tomando a mão de Leah, caminhou rapidamente pelo corredor.

— Depressa! — disse.

— Quem era êle? — perguntou Leah, andando depressa ao lado de Lin.

Lin estava de testa franzida. Explicou: — Gregor Samsen. Foi quem entrou em contato comigo e arrumou tudo para que Winnie pudesse vir conosco. Mas eu pensei...

— O quê? — perguntou Leah.

— Êle me deu a entender... não com palavras claras, naturalmente... que ganhava a vida dando um jeito de pessoas trazerem clandestinamente para bordo seus vegies sem terem de pagar passagem. Mas eu supunha que êle ficasse em Vênus o tempo todo. E por que estaria escutando na porta de nosso camarote a esta hora da noite?

Chegaram à curva do corredor de barcos salva-vidas e olharam para trás. A porta por onde haviam passado começava a abrir-se. Lin empurrou Leah e fêz a curva rapidamente.

— Êle vêm para cá! — disse. — precisamos esconder-nos.

— Onde? — perguntou Leah. — com Winnie?

— Acho que não. Vamos entrar aqui.

Era o barco salva-vidas n.° 14.

Agacharam-se no escuro. Um momento depois viram Gregor Sam-

sen passar. Rastejaram para a frente e espiaram.

Gregor estava parado diante da abertura do barco salva-vidas n.° 16. Estava em pé na atitude, de quem escuta. Finalmente, deu uns passos cautelosos até a abertura e entrou, movendo-se muito devagar.

Ficou menos de um minuto, depois saiu e avançou na direção de Lin e Leah. Os dois afundaram-se para trás, quando êle passou. Depois espiaram para fora e viram-no fazer a curva, voltando por onde viera.

— O.K. — cochichou Lin. Saíram de seu esconderijo e foram até o barco salva-vidas n.° 16.

Leah entrou correndo e sussurrando: — Winnie!

Parou de repente e Lin quase caiu sobre ela.

Winnie estava em um dos vasos com os pedúnculos dos olhos pendentes e os braços caídos dos lados do tronco em forma de pêra, inconfundivelmente em sono profundo.

Lin riu baixinho.

— Esse é o vegy que não poderia viver sem seu vaso original — disse êle.

Lin e Leah voltaram silenciosamente pelo mesmo caminho. De volta ao camarote, Leah encaminhou-se para o banheiro a fim de despir-se. Lin disse: — Estou com fome. — Leah voltou.

Chamaram o centro de serviço e em poucos minutos sanduíches e café saíam do tubo de serviço para a mesa na parede.

— Gostaria de saber o que Samsen estava fazendo — disse Lin.

Por que não perguntou a êle? — indagou Leah.

— Não sei — respondeu Lin vagarosamente. — A maneira como ficou escutando em nossa porta. Será que êle não está aí fora agora, escutando?

— Lin — disse Leah. —Quanto você pagou a êle e Antone?

— Cinqüenta dólares galácticos para cada um — respondeu Lin.

— Só isso? — Leah franziu a testa, perplexa. — Como podem fazer isso por preço tão baixo?

Lin encolheu os ombros e disse: — Isso é com eles. Eu teria pago uns dois mil dólares... tudo quanto tinha para gastar. Talvez contrabandeiem vários vegies em cada viagem. Talvez Gregor Samsen tenha vários comissários de bordo trabalhando para êle em cada nave.

— Mas êle está a bordo — acentuou Leah.

— Não consigo entender isso — confessou Lin.

Leah olhou para êle e disse: — E se Winnie for o único vegy que eles embarcaram como clandestino?

Lin sacudiu negativamente a cabeça, — Desse jeito eles não poderiam ganhar o suficiente para valer a pena. — Franziu a testa e acrescentou: — A menos... Mas isso é absurdo.

— A menos o quê? — perguntou Leah.

— Isso só serviria para deixá-la desnecessariamente preocupada — disse Lin,   Percebeu imediatamente que havia cometido um erro e cedeu, sabendo o que isso significava. — O.K. Suponha que alguém desejasse deixar esta nave por alguma razão. Um barco salva-vidas seria o mesmo que um caixão de defunto sem um vegy para fornecer oxigênio, mas os vegies da nave não ficam nos barcos salva-vidas e eu duvido que um deles pudesse ser forçado a entrar em um barco salva-vidas contra sua vontade, mesmo sob ameaça de um revólver, pois uma dúzia de balas não o machucaria muito e eles são tão fortes quanto um homem. Mas se alguém pudesse ter certeza de que já havia, um vegy em determinado barco salva-vidas... Leah saltou da mesa.

— É isso! — exclamou ela. — Oh! minha pobre Winnie! Lin, temos de esconder Winnie em algum outro lugar. Já! Onde ninguém possa encontrá-la.

— Sentem-se — ordenou uma voz vinda da porta do armário.

Lin e Leah viraram-se. Antone Brush estava em pé na porta do armário, com uma arma apontada para eles, os lábios repuxados para trás sobre dentes firmes e brancos, com um sorriso em forma de cunha. Entrou no quarto.

— Sente-se! — ordenou raivosamente a Leah. Vagarosamente ela voltou para seu lugar.

— Não esperávamos que vocês desconfiassem de alguma coisa — disse Antone. — Gregor viu-os pelo canto dos olhos quando foi ao barco salva-vidas n.° 14 e chamou-me por um dos telefones do vestíbulo, para que eu me escondesse aqui e apurasse até onde iam suas suspeitas.

— Suspeitas de quê ? — perguntou Lin.

— Vocês logo descobririam — respondeu Antone. — Os diamantes. Vocês adivinharam a razão por que desejávamos um vegy em um dos barcos salva-vidas. Mas se não tivessem sabido que Gregor estava a bordo teriam conservadora boca fechada e imaginado que o autor do roubo dos diamantes havia tomado o barco salva-vidas n.° 16 por acaso. E mesmo

que vocês contassem tudo, nada poderiam provar contra nós, a não ser que havíamos recebido um pequeno suborno para contrabandear uma vegy. — Seus lábios repuxaram-se para trás ferozmente. — Agora vamos esperar. Só uma coisa pode salvá-los. Se Gregor fôr apanhado roubando os diamantes. Se isso acontecer, não será conveniente para nós uma acusação de homicídio. Se apanhar os diamantes e conseguir chegar até o barco salva-vidas com eles, no minuto em que apertar o botão que lança ao espaço o barco salva-vidas, soará um alarma geral na nave. E esse será o sinal para vocês serem liquidados. Compreenderam? Agora, fiquem quietos.

— Oh! minha pobre Winnie — gemeu Leah, quase desmaiando.

— Quanto tempo vamos esperar? — perguntou Lin.

Antone encolheu os ombros. — Talvez meia hora. Precisa ser logo. A "Astra" ganha velocidade a cada segundo que passa. Daqui a duas horas será tarde demais para que Gregor espere usar o combustível químico do barco salva-vidas a fim de reduzir a velocidade para pousar no esconderijo.

— Que acontecerá a... a Winnie? — perguntou Lin, cujo rosto estava branco.

— Que importa isso para você? — disse Antone. — No esconderijo temos um cozinheiro que faz um bom minestrone de vegy.

Jogou a cabeça para trás e riu.

Nesse momento Lin saltou.

Apanhou Antone inteiramente de surpresa, mas em poucos segundos percebeu que não tinha a menor probabilidade. Seus dedos rasparam na arma quando Antone a puxou para fora de seu alcance. Tardiamente Lin tentou mudar seu objetivo e acertar um golpe estonteante, talvez no queixo. Mas o queixo não estava onde golpeou e êle sentiu um joelho enfiando-se entre suas pernas um instante antes de explodir a dor e não poder mais respirar.

Depois algo quente roçou sua face direita. O mundo começou a girar à sua volta. Cegamente, estendeu os braços e sentiu que eles agarravam alguma coisa. Segurou firme, sabendo que se soltasse os braços nunca mais teria outra oportunidade.

— Você pode matar-me — gritou — mas deixe Winnie em paz. Deixe Winnie em paz! *Deixe Winnie em paz*!

— Eu não sabia que você se importava tanto, querido — disse uma voz presunçosa.

Lin abriu os olhos, assustado. Um instante antes, estava afundando em um abismo de trevas e gritos.

Não, as trevas existiam havia muito tempo, mas êle acabara de gritar: “*Deixe Winnie em paz*!”.

E agora...

Estava deitado em uma cama. Uma mulher com uniforme de enfermeira debruçava-se sobre êle com uma seringa hipodérmica, pronta para enfiá-la em seu braço nu. Ao lado dela havia um homem, evidentemente um médico. Estava em um quarto de hospital.

Aos pés da cama estava Leah, com seus olhos redondos e arregalados de preocupação. A seu lado encontrava-se Winnie, com três grandes olhos amarelos olhando-o, caçoando dele. Fora a voz de Winnie que ouvira.

Corou e disse furiosamente: — Cale-se e volte para aquele barco salva-vidas antes que alguém...

— Eles já sabem — vibrou Winnie. — *Está tudo perdido*!

Havia zombaria... e uma nova ternura na voz da vegy.

— Cale-se, Winnie — disse Leah. Deu a volta na cama e aproximou-se hesitantemente de Lin. — Você está bem agora? — perguntou.

— Que aconteceu ? — quis saber Lin. — Gregor fugiu com os diamantes ?

— Infelizmente, sim — falou o médico. — Contudo, graças a sua amiga vegetal, isso será a ruína dele. Esperam agarrá-lo logo, mas provavelmente já estará morto por falta daquele produto residual de todos os vegies, oxigênio.

— Mas você estava naquele barco salva-vidas dormindo! — disse Lin, fitando Winnie.

— Dormindo? — replicou Winnie indignada. — Acha que eu seria capaz de dormir com tal facilidade em um vaso estranho?

— Mas nós a vimos! — disse Lin.

— Eu estava fingindo -— explicou Winnie. — Ouvi vocês chegarem e não quis dar-lhe a satisfação de saber que eu não conseguia dormir.

— Oh! — fêz Lin, contendo um, sorriso. — E suponho que viu Gregor espiar onde você estava e imediatamente soube o que êle pretendia fazer.

— Claro — respondeu Winnie.

— Eu os segui até seu camarote e impedi que aquele estúpido comissário de bordo o assassinasse.

— Winnie fêz isso realmente? — perguntou Lin, olhando para Leah.

Leah sacudiu afirmativamente a cabeça, com os olhos cheios de lágrimas e as mãos estendendo-se para Lin.

— Enquanto isso — disse o médico — aquele outro bandido roubava a partida de diamantes e fugia no barco salva-vidas, pensando que sua vegy estava escondida lá. — Riu baixinho. — Existe um sistema automático de recompensa que lhe pagará três vezes o preço da passagem de Winnie, quando tudo isto estiver acertado. Não tem mais motivos para se preocupar. Estivemos ouvindo toda a história enquanto você permanecia inconsciente.

— Êle? — vibrou Winnie com um grito. — Quem fêz todo o trabalho? Eu! Só eu! — A vegy voltou todos os quatro olhos para Lin, com ar feroz. — E outra coisa, senhor Braquet, se depois de paga minha passagem restar da recompensa dinheiro suficiente, quero que meu vaso seja embarcado na próxima nave, com toda a terra que tem dentro. Entendeu?

Lin retribuiu o olhar feroz de Winnie, depois ergueu os olhos para Leah e um sorriso começou a formar-se nos cantos de sua boca. Estendeu o braço e tomou a mão de Leah na sua.

Depois disse baixinho: — Sim, Winnie, eu entendi.

À ESPERA DO FIM

Eis um conto que se desenrola num Asilo de Velhos, onde há doze leitos, mas um está vazio, Todos esperam a morte. Não há, porém, desespero nesta estória de Dean R. Koontz, como se perceberá ao ser encontrado o ocupante do décimo-segundo leito. O conto intitula-se “O Décimo segundo leito”. Não deixem de lê-lo no nosso próximo número.

DIABOS E GÊNIOS

O conto de autor nacional que aparecerá no 3.° número do MFC foi escrito por Walter Martins. É uma estória mais fantástica do que de FC, mas é muito boa e está dentro dos moldes desta revista. Vocês vão ver como se conduz um diabo entre os homens.

O PRIMEIRO POSTULADO

Gerald Jonas

Trad. de Aydano Arruda

17 de julho

Minha querida Ann:

Provavelmente eu não deveria estar escrevendo isto. Não posso acreditar que eles deixem passar alguma coisa e, se Otto descobrir estas páginas nem sei como reagirá. A ilha está completamente isolada há uma semana. Não sei o que lhe disseram ou como explicaram o caso ao público, mas pode ter certeza de que tudo quanto falaram é mentira. Ninguém aqui parece disposto a enfrentar os fatos, exceto Diaz, talvez. A reação de Otto é cada vez mais a de um chefete militar. Esta manhã instituiu uma forma de inspeção militar nas pequenas barracas da praia para onde nos mudamos no dia seguinte ao do incêndio. (Na realidade não são mais do que cabanas, espalhadas ao longo de uma enseada isolada, a alguns minutos a pé do local do velho hotel.) Otto enfileirou-nos sobre a areia branca do lado de fora das barracas com o uniforme mais completo possível — o que não foi fácil porque alguns de nós perderam tudo no incêndio e, até que nos atirem novos uniformes brancos, parecemos mais um bando de *chicleros* do que uma Missão de Pesquisa Médica. Otto não achou nada engraçado. Ficamos em pé do lado de fora, sob o sol quente, enquanto êle examinava nossos pertences. Como precaução contra baratas, explicou êle. (Diaz diz que todas as baratas da ilha foram exterminadas há vinte e cinco anos. Otto não quis ouvir. Naturalmente, todos nós sabemos que não é de baratas que êle tem medo.)

Não sei por que ainda lhe obedecemos. Hábito? Medo? Não sou o único a pensar que Nosso Líder sofreu a ruptura de alguns sinapses sob a tensão. Médicos que aceitam cargos administrativos na Organização Mundial de Saúde são mesmo sempre um pouco suspeitos. O Dr. Stewart, por outro lado — que eu pensei que ficaria arrasado pela perda de suas preciosas facilidades de laboratório — parece não ter sido quase afetado. Conseguiu salvar um punhado de instrumentos e instalou-os no que restou do porão do hotel. Está preparando o lançamento de novo equipamento que afirma ter-lhe sido prometido pelo chefe do Serviço Médico. Acho que na realidade está mais feliz agora do que antes. É o membro mais idoso de nossa missão (Idade-Anterior 102) e ainda ontem à noite ouvi-o falar excitadamente com um de seus assistentes sobre o desafio que só ocorre "uma vez na vida". Pelo que sei de Stewart, duvido que a ironia fosse intencional.

Êste é nosso décimo quinto dia na ilha. Os nativos — os pescadores e os trabalhadores *cocal* que aqui vivem — deixaram-nos completamente sozinhos desde a noite do incêndio. De fato, tratam-nos como párias, como leprosos, se você está familiarizada com essa antiga palavra. É como estar de quarentena dentro de outra quarentena. Felizmente, a ilha é bastante grande e estamos completamente isolados aqui em sua extremidade nordeste — com três quilômetros de monte densamente florestado entre nós e Santa Teresa, a cidade principal — e enquanto as Nações Unidas continuarem a lançar abastecimento pelo ar não haverá problema em relação à alimentação ou água...

Annie, se pelo menos eu tivesse violado os regulamentos e lhe insinuado o que ia acontecer antes de ter deixado Nova Iorque! A questão toda do Acordo é que qualquer notícia de "morte natural" precisia ser investigada, seja qual fôr a fonte, o que significa pelo menos meia dúzia de expedições como a nossa por ano, pesquisando no mundo inteiro alarma falso após alarma falso. Na maioria dos casos, uma rápida repetição da autópsia mostra que a Autoridade Médica Iocal simplesmente se atrapalhou com um envenenamento acidental ou um trauma asfixiante e entrou depois em pânico. Por motivos evidentes, as autoridades civis desejam que nós façamos tudo no maior sigilo possível, mas, medicamente falando, trata-se estritamente de rotina. Meu nome por acaso estava no topo da lista de serviço da Seção de Iso quando foi recebido o primeiro S.O.S. desta minúscula ilha ao largo da costa de Iucatã. Como disse, ninguém

ficou muito excitado, mas agimos rapidamente. Tínhamos como certo que viríamos aqui e voltaríamos em vinte e quatro horas. Nosso helicóptero avançado pousou na extremidade norte da Ilha Caracoles às 10,15 da manhã, hora local. Ao meio-dia, a notícia passava pela missão como um raio laser: pelo menos duas mortes haviam sido confirmadas como '' não-acidentais". Não era alarma falso. Pela primeira vez em quase quarenta anos algo saíra errado na imunidade.

Minha reação imediata (odeio admitir isso, mesno diante de você, Annie) não foi de medo, pânico, compaixão ou mesmo curiosidade, mas uma espécie de fria alegria. Se a isotopia desempenhasse algum papel no diagnóstico, eu sabia que seria mencionado no relatório final e, acontecesse o que acontecesse, o relatório certamente atrairia a atenção das mais influentes pessoas nos mais altos círculos governamentais. .. Isso lhe parece terrível insensibilidade, Ann? Nunca falamos sobre isso declaradamente, mas ambos sabemos que nossas probabilidades de obter um Certificado Familiar são quase nulas, a menos que eu possa conseguir uma Comissão de Segunda Classe no próximo ano e eu quase já perdia a esperança de conquistar algum ponto por mim mesmo na pesquisa pura... a maioria dos setores já está tão superlotada, que é bastante difícil descobrir um assunto, quanto mais contribuir com alguma coisa! Acho que deveria ter nascido em alguma época no começo do Século XX e ter vivido meu tempo antes do Congelamento... Não estou falando realmente sério, querida, a menos que pudesse tê-la comigo e mesmo assim, mesmo nas melhores circunstâncias, só teríamos passado alguns anos juntos, ao passo que agora quando digo que a amarei eternamente...

Logo que os helicópteros de carga pousaram, começamos a transportar nosso equipamento pesado para os aposentos vazios do primeiro e segundo andares do velho hotel de turistas. Não havia turistas desde muitos anos, naturalmente, mas o governo mexicano mantinha um quadro completo de pessoal nativo — como parte do Congelamento — de modo que o local não estava completamente em ruínas. Esterilizamos o edifício de alto a baixo e fizemos com que os dois corpos fossem trazidos do pequeno dispensário de Santa Teresa.

Otto convocou uma reunião para as 11 horas da noite no grande salão de baile circular do andar térreo. Éramos quarenta e seis ao todo, inclusive o Dr. Miguel Diaz Ramirez, autoridade médica local, um sujeito de aparência juvenil (I-A 57), de compleição muito leve e com um peque-

no bigode escovinha, que provinha de Santa Cruz e fora designado para cá por seu governo para um período de dez anos. Fora Diaz quem descobrira os dois *muertos*, como os chamava, em uma pequena cabana na extremidade sul da ilha, na base da pequena colina que os nativos chamam de Monte Itzá.

Os corpos, amarrados lado a lado em um divã protético portátil, foram levados até o salão de baile e colocados diante de um estrado redondo no centro do aposento. Otto, Diaz e o Dr. Stewart tomaram assento sobre o estrado e o resto de nós abriu cadeiras dobradiças e sentou-se em semicírculo irregular ao redor deles. A disposição parecia agradar ao senso dramático de Otto. Chegou até a beirada do estrado, olhou os *muertos* como se estivessem em um túmulo e depois ergueu os olhos vagarosamente e correu-os por todo o cenário. Quando falou, havia um ‘’ tremolo’’ incomum em sua voz geralmente retumbante.

Em primeiro lugar, agradeceu-nos pelo trabalho de equipe e pela eficiência demonstrados até então. Depois disse que teríamos de esforçar-nos ainda mais nos difíceis dias que tínhamos à frente. Em seguida, respirou fundo e falou: “A maioria de vocês provavelmente sabe que o diagnóstico preliminar feito por nosso colega, Dr. Diaz Ramirez, foi confirmado pelos Drs. Stewart, Kappell, Chiang e eu. Parece não haver dúvida de que estamos lidando com dois casos inter-relacionados de trauma microorgânico. De alguma maneira ainda não determinada, a Imunidade Polsaker deixou de funcionar — aparentemente não houve reversão da degenerescência incipiente de tecidos — e os dois pacientes sucumbiram a algo que parece ser... e permitam-me acentuar que essa conclusão é de natureza mais de tentativa, até que haja uma exaustiva repetição da autópsia... algo muito semelhante, de qualquer maneira, ao que conhecíamos antigamente como pneumonia “atípica” ou “a vírus”.

Otto fêz uma pausa para deixar que o choque penetrasse e alguém no salão de baile riu. Alto.

Houve um silêncio medonho. O rosto de Otto ficou vermelho vivo e todos olharam em roda indignados, para ver quem era o culpado. Na verdade, porém, Annie, poderia ter sido qualquer de nós. Havíamos trabalhado sob terrível tensão o dia inteiro sem a menor idéia do que tínhamos peja frente; os rumores haviam sido intensos, com a maioria das especulações girando em torno de certas mutações hipotéticas de parasitas tropicais raros — e Otto vinha então falar em “pneumonia a vírus “,

expressão que não se encontra em nenhum livro de texto padrão sobre a história da medicina. De acordo com a Teoria da Imunidade Permanente, a probabilidade de uma pessoa adquirir pneumonia a vírus é tanta quanto a de ser atropelado por um balão de tráfego... ou morrer de "velhice".

Naquele breve momento de silêncio, antes que Otto recuperasse o controle da reunião, olhei de relance a plataforma a fim de ver como estavam reagindo o Dr. Stewart e o Dr. Diaz. O Dr. Stewart parecia preocupado, como de hábito, e duvido que tivesse chegado a perceber a interrupção; seus olhos pareciam focalizados em algum ponto do forro, diretamente sobre a cabeça de Otto. Diaz, porém, olhava diretamente para baixo, para os dois *muertos*, e mostrava um dos sorrisos mais estranhos que já vi. Parecia um homem, que tivesse apostado toda sua fortuna em como o mundo ia acabar amanhã e fosse informado de que havia ganho a aposta.

Fiquei conhecendo bem Diaz depois disso, mas na ocasião êle era apenas mais um estranho em uma ilha de estranhos e estive nos dias seguintes ocupado demais para poder conversar com alguém.

Depois de ter-nos organizado, precisamos fazer uma centena de séries de gráficos no Isógrafo e as outras seções continuavam mandando mais trabalho para nós. Todos estavam trabalhando dezesseis, dezoito, vinte horas por dia. As únicas pessoas que tinham oportunidade de explorar o resto da ilha eram os veterinários, cuja função consistia em recolher amostragem da fauna da ilha — porco-do-mato, veado, iguana, cobras sortidas e aves das matas, peixes das águas vizinhas e os gigantescos caramujos comestíveis que dão à ilha seu nome — assim somo amostragem significativa dos animais domésticos da população local. Os veterinários informaram que a cidade de Santa Teresa era uma pequena e bela peça de antigüidade, que os habitantes eram reservados, mas não inamistosos e que os resultados de suas investigações iniciais haviam sido todos negativos: a vida animal na Ilha de Caracoles parecia perfeitamente normal em todos os sentidos.

Havíamos destinado os dois andares superiores do hotel a aposentos residenciais e eu fiquei com um grande quarto de esquina no último andar, com vista de todo o enclave "turístico" — cabanas não usadas; duas piscinas vazias; quadras de tênis cuidadosamente niveladas e sem redes; heliporto; palmeiras decorativas — tudo disposto sobre a mais brilhante areia branca imaginável e ligado por uma rede de caminhos, revestidos de conchas marinhas esmagadas. Onde terminava a areia branca, havia um

raso canal de água salgada atravessado por vacilante ponte de madeira. Do outro lado do canal, começava o monte verde-escuro. Toda manhã os nativos hasteavam a bandeira verde, branca e vermelha da República Mexicana no Mastro, diante do hotel; logo abaixo dela, Otto fazia com que hasteassem a flâmula amarela da Organização Mundial de Saúde com as letras vermelhas brilhantes proclamando a brava jactância do Primeiro Postulado de Polsaker: "A morte é uma doença curável".

Meus contatos pessoais com os ilhéus durante esse tempo limitaram-se a ocasionais olhares de relance da criadinha que limpava meu quarto, um sorriso vazio do sonolento funcionário da portaria e algumas palavras com o único garçon, que gostava de praticar seu minúsculo inglês de cardápio. A maioria dos nativos daqui fala uma mistura incompreensível de mau espanhol e pedaços de antiga língua maia, que eles conseguiram preservar através dos séculos. De acordo com Diaz, eles são extremamente orgulhosos de seu sangue índio "puro" e se dizem descendentes diretos dos maias originais que construíram aquelas cidades de pedra nas selvas da América Central há centenas de anos e depois as abandonaram sem razão aparente muito tempo antes da chegada dos espanhóis. O estranho é que eles mostram uma fantástica semelhança com aquelas figurinhas de argila pré-colombianas que se vê nos museus.

Em outros aspectos, porém, a ilha apresentava-se muito bem como parte do século XIX. Conseguimos confirmar através de todos os canais existentes — os superiores de Diaz. na Cidade do México, a Fundação Polsaker, em Genebra, a sede da O. M. S. em Nova Iorque — que o casal falecido, Manuel e Maria Ganche, Idade-Anterior 61 e 59 respectivamente, havia sido imunizado em 12 de junho de 1980, em uma clínica governamental provisória em Santa Teresa. Queria isso dizer que os Canches da Ilha Caracoles haviam sido os primeiros milhares de pessoas fora dos Estados Unidos e da Rússia Soviética a receber suas injeções imunizadoras. A razão dessa sorte quase incrível foi explicada por Diaz, o qual disse que o governo mexicano realizara seus próprios testes independentes (como fizera a maioria dos governos, apesar dos termos do Acordo) e as autoridades federais haviam escolhido propositadamente lugares de teste afástados como o Iucatã. Esses testes geralmente envolviam a deliberada infecção de voluntários recém-imunizados com todas as doenças, desde câncer até resfriado comum, e com muita freqüência, em nome da precisão científica, a infeeção de um grupo de controle que não havia sido

imunizado. De qualquer maneira, era claro que os Canches haviam sido protegidos pelo Efeito Polsaker durante quase quarenta anos e, de acordo com tudo quanto sabemos a respeito, a proteção deveria tornar-se ainda mais forte com o passar dos anos, à medida que o ajustamento entre o hospedeiro e o simbionte sub-bacteriano gradualmente se aperfeiçoasse.

Dois dias depois, Otto convocou uma segunda reunião no salão de baile do hotel e os chefes de todas as seções — Neuro, Rádio, Iso, Orto, etc.— leram seus relatórios em voz alta. Já os haviam apresentado por escrito, tendo sido distribuídas cópias a todos os membros da missão, mas Otto queria ter certeza de que todos nós estávamos familiarizados com o material. Cada orador voltava ao mesmo ponto, até à mesma, frase: “Um caso clássico de pneumonia a vírus, sem complicações”.

Otto, ergueu-se no fim para fazer o sumário. (Na realidade, essa era uma prerrogativa de Stewart, como médico categorizado, mas êle geralmente confiava tais coisas a Otto.) Otto pigarreou e correu os olhos pelas fileiras irregulares de cadeiras dobradiças, como se estivesse contando os espectadores. Se não servisse para outra coisa, o gesto oferecia a todos oportunidade da ver bem seu belo perfil; êle tinha quase cinqüenta anos quando recebera suas injeções, mas tem feito a mais aparatosa cirurgia plástica — nariz, queixo, pescoço, cintura — e agora parece mais ter vinte anos. E sua voz, naturalmente, é uma obra-prima de arte laringológica.

Começou dizendo que todas as dúvidas quanto à causa da morte haviam sido eliminadas e chegara o momento de enfrentarmos as conseqüências de nossas descobertas. Havia apenas duas possibilidades a considerar. Ou o vírus da pneumonia era uma selvagem variedade mutante, tão diferente de tudo quanto fora encontrado a ponto de a imunidade não poder enfrentá-lo (caso em que não teria reagido de maneira tão convencional aos processos padrões de diagnóstico) ou o próprio simbionte havia “morrido” de alguma maneira, deixando os hospedeiros completamente desprotegidos (o que representava uma contradição direta da Teoria de Imunidade Permanente). De qualquer maneira, disse êle, não temos outra escolha senão reexaminar tudo quanto sabemos a respeito da imunidade. Teríamos de proceder, para todos os propósitos práticos, como se nunca tivéssemos ouvido os Cinco Postulados de Polsaker. Com isso, deixou a reunião aberta a questões.

Uma corrente subterrânea de protesto começou a zumbir através da sala, mesmo antes que êle tivesse terminado de falar. Depois, metade

dos membros da missão levantou-se exigindo que lhe fosse dada atenção; todo o mundo discutia com alguém; pessoas sacudiam papéis e gritavam pedindo atenção. Otto procurou restabelecer a ordem, mas dois dos homens — ambos chefes de seção — recusaram sentar-se. Continuavam insistindo em que Otto havia deturpado suas conclusões; sim, haviam dito isto e aquilo, mas não tinham pretendido dar a entender isto ou aquilo! Bem, eu seria sem dúvida o último a defender Otto, mas nesse caso era perfeitamente claro que o atacavam por ter tirado conclusões que eles próprios não tinham, coragem de enfrentar. Não sei por quanto tempo se teria prolongado a discussão se o Dr. Stewart não se tivesse levantado de sua cadeira e erguido a mão direita para pedir atenção. Todos se calaram, tanto pela surpresa de vê-lo tomar a palavra, como por respeito ao homem e à sua reputação. Você se lembra dele, Annie... êle falou em minha formatura. Estava com quase sessenta e dois anos quando tomou suas injeções e, com sua longa cabeleira branca e os grossos óculos que ainda usa, parece-se mais com a figura clássica do cientista pré-Polsaker do que qualquer pessoa que eu já tenha visto, exceto o próprio Polsaker. Sua voz parecia fraca e trêmula em comparação com a de Otto, mas o que disse era bastante claro: "Cavalheiros, a verdade é que nunca soubemos muita coisa sobre a imunidade, a não ser que ela funciona. Enquanto funcionou, podíamo-nos divertir com teorias, postulados e discussões acadêmicas. Agora nos vemos diante de uma brecha em nossas defesas e penso não precisar lembrar-lhes que estão em jogo muito mais coisas do que nossas teorias. Sentou-se em meio a absoluto silêncio.

Sem dúvida a reunião teria terminado naquele momento, mas Otto levantou-se de um salto para anunciar que havia mais uma coisa a tratar: o prefeito de Santa Teresa pedira permissão para dirigir-se à missão e estava esperando na ante-sala. Não havia meio de deixá-lo de fora sem demonstrar grande descortesia ou revelar que havia algo errado.

O prefeito foi introduzido no salão de baile e Diaz levou-o pelo pequeno lanço de escada até o estrado. Era um homem muito pequeno, com um metro e meio de altura no máximo, braços compridos, enormes olhos pretos, cara de pescador pré-Congelamento, profundamente enrugado e marcado pelo tempo. Usava terno branco amassado, sapatos brancos, camisa esporte branca aberta no pescoço, e tinha sob braço direito o chapéu de palha de aba larga. A vista dos professores reunidos pareceu assustá-lo e êle olhou para Diaz à procura de apoio. Diaz inclinou-se para frente a

fim de, segredar-lhe alguma coisa; o homenzinho acenou afirmativamente com a cabeça, ergueu as mãos como se implorasse nossa indulgência e depois desatou em uma apaixonada oração que se prolongou por quase vinte minutos sem interrupção. Vários membros da missão conheciam muito bem o espanhol, mas êle falava tão depressa e com pronúncia tão excêntrica que não acredito tenha alguém entendido sequer uma palavra. Eu pelo,menos não entendi. Vi Otto torcendo-se em sua cadeira; êle sabia que Stewart o responsabilizaria pessoalmente pela demora em voltarmos aos laboratórios. Finalmente o prefeito perdeu o fôlego; antes que o pudesse tomar de novo foi escoltado em direção à porta com muitos apertos de mão e sorrisos de apreciação. Otto disse-lhe algumas palavras que Diaz aparentemente repetiu no dialeto local. Fosse o que fosse, o homenzinho pareceu satisfeito e houve mais apertos de mão em toda à volta antes que fosse possível fazê-lo atravessar a porta.

Depois que êle partiu, Diaz tomou a palavra e explicou de que se tratava. Pelo que podia saber, a população de Santa Teresa estava ofendida porque a missão não demonstrara bastante respeito pelos costumes locais. Ninguém sabia ao certo como aquilo começara, mas o prefeito se sentia obrigado a advertir-nos de que seu povo poderia tornar-se menos cooperativo no futuro, a menos que a missão adotasse medidas para demonstrar sua boa-fé. As exigências do povo eram bastante simples: desejava que os corpos dos *muertos* fossem devolvidos à cidade para o sepultamento. Imediatamente.

Diaz disse que a ilha fora dominada nos últimos dois anos por um “revivalismo religioso”, iniciado por um novo e fanático padre do continente, um dos chamados “maianistas”, que haviam ultimamente adquirido grande influência em Mérida, capital do lucatã. O movimento florescera combinando um catolicismo romano simplificado com estranhos fragmentos de mitologia da “idade de ouro” do Velho Império Maia; os crentes tendiam a ser intensamente xenófobos, disse Diaz, não só em relação aos gringos, mas também em relação a mexicanos de sangue espanhol como êle e de fato a quem quer que não tivesse ascendência maia. Haviam tornado seu trabalho cada vez mais difícil nos últimos meses e êle recomendava que os tratássemos com a máxima cautela. “Não é possível dizer o que esses índios malucos, podem fazer quando o espírito os move”.

Annie, estive falando com Diaz sobre aquela reunião ainda há pou-

cas horas e êle me disse que tivera na ocasião um pressentimento de que alguma coisa poderia sair desastrosamente errada, sendo esse o motivo por que se esforçara tanto por impressionar-nos com o perigo. Estávamos sentados do lado de fora de sua barraca, na praia, no começo da noite, comendo nossas rações da ONU e partilhando uma garrafa de tequila que êle conseguira arranjar. Desde o incêndio, êle é o único de nós que tem conseguido manter contato com os ilhéus ou pelo menos com alguns de seus ex-pacientes que têm motivos para ser-lhe gratos. (Suas duas enfermeiras, moças locais que haviam sido treinadas em Mérida, desapareceram na noite do incêndio êle não foi capaz de descobrir se elas fugiram voluntariamente ou foram seqüestradas, ou mesmo se ainda estão vivas.) Do lugar onde estávamos sentados na praia, podíamos ver o pico do Monte Itzá do outro lado da água; a Ilha Caracoles curva-se em direção ao continente como uma lua crescente e tem apenas seis quilômetros e meio de ponta a ponta. Diaz contou-me que o sacerdote, Pe. Chacuan, instalara uma capela secreta do lado do monte, poucos meses antes de nossa chegada; presumia-se que era dedicada a N. Sra. das Dores, mas Diaz disse ter certeza de que o padre a usava para cerimônias híbridas de sua própria invenção, cerimônias que mesmo o Arcebispo de Mérida, apesar de sua simpatia pelo movimento, poderia achar excessivamente "maianista" para a pequena catedral de Santa Teresa. De acordo com os rumores, a capela fora construída em torno das ruínas de um antigo templo de pedra, originàriamente dedicado a Ischell, a deusa da fertilidade maia. Toda a ilha fora outrora consagrada a Ischell, disse Diaz, e mulheres grávidas atravessavam os perigosos estreitos em canoas abertas a fim de implorar as bênçãos da deusa.

Quando o sol se pôs de todo, pudemos ver uma luz ardendo perto do cume do monte; toda noite, desde o incêndio, aquela luz era visível contra o céu. "Estão celebrando o triunfo da superstição", disse Diaz. Praguejou em espanhol e jogou a garrafa vazia na água luminescente. Já lhe contei que Diaz completara oito anos de serviço na ilha e que um seu parente altamente colocado no governo federal lhe garantira (no México, essa coisas são arrumadas mais facilmente, segundo eu soube) que quando terminasse seu estágio aqui, êle e sua esposa obteriam um Certificado Familiar? Para um menino!

"Isto é Purgatório", disse êle amarguradamente, observando a garrafa subir e descer com as ondas. "Estou sentenciado a dez anos de pe-

nitência neste pútrido banco de areia a fim de ter direito a um filho — e herdeiro! — e, exatamente quando começo a imaginar que o fim está à vista, esse novo padre chega e começa a pregar contra o controle da natalidade. Um padre, veja bem, que jurou obedecer ao Acordo. E não apenas pregando, "mas efetivamente encorajando o povo a violar a lei. Com meus próprios ouvidos, ouvi-o dizer aos paroquianos que seus ancestrais sepultavam as mulheres que morriam de parto com as honras geralmente reservadas aos heróis que tombaram em campos de batalha. E esses índios ouviam-no. As mulheres ficavam grávidas e procuravam a minha ajuda, e quando eu lhes dizia que os bebês teriam de ser destruídos — que eu não tinha alternativa nos termos do Acordo — cuspiam em meu rosto e chamavam-me de assassino de bebês. Recusavam submeter-se à esterilização e fugiam para o monte, onde a polícia local insistia em que não podiam ser encontradas. E durante todo o tempo o padre está ensinando a elas que eu sou pior do que o Rei Herodes. Finalmente, fui forçado a mandar minha esposa para casa — eu não sabia o que essa gente poderia fazer e meus superiores recusavam-se a levar a sério minhas advertências — e agora ela fica sentada em nosso apartamento em Vera Cruz, com seus gatos, seus pássaros, seus peixes e suas tartarugas, comprando todo dia alguma coisa nova para o quarto do bebê e eserevendo-me diariamente sobre o que comprou e exatamente quantos dias faltam para eu sair daqui e o Certificado ser conferido — 'pela graça de Deus', como diz ela." Diaz fechou os olhos como se sentisse dor física. "Agora, suas cartas estão sendo abertas por algum sórdido *maricón* em Punta Seca e só Deus sabe o que lhe estão escrevendo em meu nome..."

As estrelas antilhanas apareceram. Diaz havia bebido muito e, depois de algum tempo, começou a dizer insensatas tolices a respeito de fugir. Disse que tinha um bom amigo em uma aldeia pesqueira do outro lado da ilha e que estava certo de poder arranjar um barco. Afirmou que conhecia as águas do canal de Iucatã suficientemente bem para pilotar-nos até algum lugar desabitado do litoral de Quintana Roo. Disse-lhe que não pensasse nisso. Naquela mesma tarde, Otto havia recebido "instruções" pelo rádio da base temporária da ONU em Punta Seca, ordenando que todos permanecessem na ilha e executassem seu trabalho... Isto era exatamente o que dizia: "Espera-se que todos executem seu trabalho". Enquanto isso o estreito está sendo patrulhado por hovercrafts, jatos e helicópteros da ONU, com ordens para, trazer de volta quem quer que tente

deixar a ilha e destruir qualquer barco que procure romper a quarentena. Não temos escolha, Annie... devemos ficar na ilha até descobrirmos o que saiu de errado na imunidade e eles realmente não se preocupam com o que nos possa acontecer se falharmos. Temem que nós próprios fiquemos infectados e levemos de volta o que quer que seja, provocando uma epidemia capaz de acabar com todas as epidemias. Estou convencido de que se falharmos, se não pudermos isolar o problema e curá-lo, simplesmente esperarão que a tuberculose a vírus — (t. v.) nos leve a todos e depois vaporizarão a ilha inteira. Já ouvi rumores de que há mais dois nativos doentes. Um dos homens de Santa Teresa, um pescador que foi remendado por Diaz depois que seu canhão-arpão explodiu, introduziu-se em nosso acampamento ontem à noite e contou a Diaz que o padre proibiu seus paroquianos de procurarem assistência médica, sob pena de excomunhão.

Otto está absolutamente certo de que os ilhéus começarão a procurar-nos de novo quando muitos deles estiverem doentes, mas Diaz não pensa assim. Diz que eles estão muito amedrontados pelo padre para desobedecer-lhe, e eu acredito nisso. Você não seria capaz de imaginar alguém como este padre, Annie. É um pouco mais alto que o índio mediano da ilha, com pele vermelha como tijolo, cabeça raspada, comprido nariz adunco e imensos olhos prêtos, ligeiramente estrábicos — Diaz diz que olhos estrábicos eram considerados um traço de beleza entre os maias antigos, que provocavam esse efeito artificialmente balançando uma bola de goma presa por um cordel diante do nariz de seus filhos. Vi o padre pela primeira vez há uma semana — três dias depois de o prefeito ter-nos pedido que devolvêssemos os *muertos*. Otto livrara-se do prefeito com uma conversa dúbia sobre períodos de incubação e a necessidade de maior descontaminação. O que não lhe disse foi que os corpos já estavam sendo submetidos a uma segunda e grande autópsia, e que, fosse como fosse, não restaria muita coisa para enterrar. Contudo o prefeito pareceu contentar-se com a explicação e Otto evidentemente imaginou que pudesse contê-lo até estar concluído nosso serviço.

Depois o mensageiro do padre apareceu certa manhã na porta de entrada do hotel com a notícia de que o Pe. Chacuan desejava encontrar-se com nosso chefe precisamente dentro de uma hora na pequena ponte de madeira que liga o enclave turístico à ilha propriamente dita. Eram quase onze horas e o sol já estava ardente, por isso Otto sugeriu que haveria maior comodidade em seu próprio escritório dotado de ar condicionado.

O mensageiro limitou-se a repetir o convite original palavra por palavra e esperou um simples sim ou não. Recusar estava fora de cogitação; Diaz já tornara claro o extraordinário domínio que o Reverendo Padre tinha sobre seu rebanho. Otto, porém, não gostava da idéia de ser convocado para uma conferência com um padre no terreno escolhido pelo padre e com tão pouca antecedência. Para equilibrar um pouco a situação, decidiu levar consigo uma impressionante "delegação oficial", da qual pudesse agir como presidente e porta-voz. Fui chamado à sua sala e perguntado se me apresentava como voluntário para ser um dos doze "negociadores assistentes" da missão — "negociadores assistentes silenciosos", acrescentou êle, com aquele sorriso devastador. Penso que êle tinha certa idéia de que os ilhéus ficariam impressionados pela minha altura e pelos meus cabelos louros. Era evidentemente a espécie de cena que o atraía.

Poucos minutos antes do meio-dia reunimo-nos no saguão da frente do hotel — treze de nós, entre os quais Diaz — com nossos melhores uniformes brancos de gala e capacetes brancos, e descemos marchando pelo caminho de conchas esmagadas em direção à ponte. O calor era intenso; até Diaz fêz comentários sobre isso. Não havia sinal de vida em parte alguma, nem pássaros, nem caranguejos, nem lagartos, nem aranhas, nem mesmo brisa, nada a não ser o sol refletindo-se na areia branca e nas conchas brancas. Estávamos todos de óculos escuros exceto Otto — êle tinha uma teoria, baseada em observação casual de uma das criadas, de que os ilhéus os consideravam como sinal de fraqueza.

Aparentemente chegamos cedo, pois quando atingimos a ponte, o caminho de ambos os lados do canal estava deserto. Otto consultou o relógio; faltava um minuto para meio-dia. "Êle sabe o que está fazendo", disse Diaz, referindo-se ao padre. "Quer fazer-nos, suar um pouco." E suamos mesmo, ali em pé sob o sol quente, sentindo-nos cada vez mais tolos enquanto os uniformes brancos engomados se encolhiam em nossas costas, olhando através do canal para a convidativa sombra do monte que descia quase até a beira d'água. Do nosso lado, não havia a menor sombra.

Devemos ter esperado pelo menos meia hora. O único som, exceto o ocasional rangido de um sapato deslizando sobre as conchas secas, era o zumbido de cigarras, como um gigantesco computador resolvendo algum problema inimaginável no mato distante. Depois ouvimos um ruído de folhas secas na margem oposta; uma figura solitária saiu do mato, caminhou energicamente até o meio exato da ponte e parou.

Vestia comprida batina preta que cobria a parte superior de seus sapatos; só a mais fina tira de branco celerical aparecia acima da alta gola preta. Sua cabeça raspada estava descoberta e havia uma fina corrente de ouro em volta do pescoço, com alguma coisa pendendo dela, pouco abaixo do peito. Não pude identificá-la com precisão, mas tenho certeza que não era um crucifixo. Nós todos o olhamos e êle retribuiu o olhar. Finalmente, quando se tornou evidente que o padre não ia aproximar-se mais, Otto deu um passo em direção à ponte, estendendo a mão em um inconfundível gesto de amizade. Antes, porém, que pudesse pôr o pé na primeira tábua, o Pe. Chacuan atravessou a ponte com um grande movimento de roupa preta e deteve-se diretamente, em frente de nosso líder um tanto desconcertado. O padre ignorou a mão estendida de Otto até que êle a baixou. Não sou capaz de dizer-lhe como era impressionante aquela pequena pantomina: era evidente que o mato da margem oposta estava cheio de seus paroquianos e que o padre estava representando para seu público. Ocorreu-me que alguém capaz de superar em cena nosso Dr. Otto à primeira vista, evidentemente merecia respeito.

Os dois estavam apenas a alguns passos de mim, de modo que pude ouvir a maior parte da conversa. O padre falava em excelente inglês, com muito pouco sotaque. Lembro-me exatamente de suas palavras: '"Viemos buscar nossos irmãos perdidos". Foi isso, sem preâmbulo, nem cortesias.

Otto limitou-se a sorrir e começou a dirigir ao padre a mesma lenga-lenga que oferecera ao prefeito — sobre a possibilidade de contaminação geral se os corpos fossem liberados prematuramente — e assegurou a Chacuan que tão logo fosse seguro, a missão faria tudo a seu alcance para cooperar com as autoridades locais a respeito de todos os arranjos necessários, etc, etc

O padre ouviu durante alguns minutos sem alterar a expressão; depois sacudiu a cabeça vagarosamente e disse em voz baixa,. quase pesarosa, que os *muertos* teriam de ser devolvidos até às seis horas daquela tarde. Se não o fossem, êle não poderia mais responder pelo comportamento de seus paroquianos. Otto tentou dizer alguma coisa em resposta, mas o padre simplesmente virou as costas, atravessou a ponte e desapareceu no mato do outro lado. "Penso que fomos dispensados", disse um dos homens e o resto de nós riu nervosamente.

De volta ao hotel, tivemos uma improvisada reunião de estratégia

e decidimos — isto é, Otto decidiu — que podíamos com segurança ignorar o ultimato do padre. O Dr. Stewart, que fora chamado de seu laboratório e estava evidentemente furioso por ter sido interrompido em seu trabalho, disse que concordava plenamente com Otto e depois pediu licença para retirar-se. Diaz era favorável ao envio de alguém a Santa Teresa para tentar falar com o padre em particular, mas Otto disse que isso seria apenas perda de tempo e potencial humano. Estivera em contato com a sede da O.M.S. em Mérida e o pessoal de lá mostrava-se impaciente por resultados. "Falaremos com êle novamente dentro de alguns dias,'' disse Otto, "depois de êle ter tido tempo de perceber que não nos deixamos intimidar. Quando isso se tornar claro, penso que o encontraremos mais razoável." Diaz nada disse e a reunião foi encerrada.

Passei o resto da tarde no Laboratório de Iso, onde estiveramos trabalhando na pista mais promissora até então encontrada, baseada no fato de os maias terem o mais baixo índice de metabolismo de qualquer população homogênea do mundo, o que sugeria possível correlação entre... Bem, isso não importa realmente, pois os resultados de nossa primeira série de testes foram todos negativos. Às cinco horas estávamos de volta exatamente ao ponto de onde havíamos partido e todos estávamos cansados e deprimidos demais para iniciar alguma coisa nova, de modo que fechamos a seção até o dia seguinte. Subi para o meu quarto e tentei dormir um pouco antes do jantar, mas não consegui pegar no sono; fiquei deitado na cama com os olhos fechados e pensando em voce. Não preciso dizer-lhe o que estava pensando, preciso, Annie? Ainda acredito que temos probabilidade de obter um Certificado e certamente estou disposto a tentar durante mais cinco anos, se você quiser, mas não a atrapalharei se decidir não renovar o contrato em novembro. É a idéia de que você talvez diga sim, apesar de tudo, que me faz aferrar à mais remota possibilidade de sair inteiro desta maldita ilha.

Não percebi que seis horas já haviam chegado e passado senão quando ouvi a raspante voz gravada anunciar o jantar pelo interfone. O relógio da sala de jantar marcava 7,15 quando ocupei meu lugar em minha mesa habitual. Não vi Diaz em lugar algum e fiquei pensando se êle teria convencido Otto a deixá-lo fazer outra tentativa de dissuadir o padre. Depois do jantar, enchi uma segunda xícara de café — uma droga que eles serviam, mas neste momento eu daria um mês de salário por um gole dela — desci até a praia e encontrei um lugar sossegado sob enorme

coqueiro, não longe das cabanas abandonadas. A noite era úmida e encoberta, e havia um clarão vermelho no céu ao sul, em um lugar qualquer sobre o centro da ilha. Ocorreu-me que o padre poderia estar oficiando alguma espécie de serviço fúnebre ao ar livre. Estava ainda deprimido. pelo trabalho da tarde e me sentia muito, muito longe de você, preocupado com a idéia de que o trabalho poderia demorar muito mais tempo se o padre ordenasse a seus adeptos que não cooperassem conosco. Eu acabara de tomar a última gota de café e estava debatendo comigo mesmo se regressava a meu quarto para escrever-lhe uma carta ou se voltava ao laboratório para escrever meu relatório sobre o malogro da tarde, quando vi alguém sair furtivamente de trás de uma árvore mais abaixo da praia e mover-se silenciosamente pela beira d'água em minha direção. Havia luz apenas suficiente para que eu distinguisse suas feições. Era Diaz. Como lhe disse, eu não tinha muita amizade com êle nessa ocasião, mas pensei que se lembraria de mim em nossa expedição até a ponte, por isso lhe disse "alô" e perguntei se havia saído para um passeio noturno. Êle parou e olhou-me cautelosamente à distância; quando viu quem eu era, chegou mais perto e disse emi voz baixa: "Fui a Santa Teresa". Perguntei-lhe se estava acontecendo alguma coisa. Contou que o padre estava oficiando uma missa solene de réquiem na catedral; a cidade inteira encontrava-se lá; o edifício estava repleto e a multidão quase enchia a praça central. O clarão vermelho que eu vira no céu era das tochas que carregavam. Diaz disse que o interior da catedral estava inteiramente ornamentado de preto e, no lugar do altar, havia dois esquifes dispostos lado a lado, também cobertos por pano preto, com uma única vela nos pés de cada um. Os esquifes estavam, abertos e vazios. "Nunca vi um serviço igual", disse Diaz. '' Era todo em maia e eu não consegui entender nem metade das palavras, mas pelo que ouvi... " Interrompeu-se e eu ouvi minha própria voz, reduzida a um sussurro, perguntando: "Quê? Que é?".

"Penso que êle lhes estava oferecendo absolvição se viessem buscar os corpos à força."

Voltamos às pressas ao hotel para procurar Otto. Êle estava sozinho em sua sala. Diaz repetiu exatamente o que me dissera. Falou que não podia ter certeza, mas achava que estavam planejando tentar alguma coisa naquela noite. Sugeriu que uns dois homens fossem colocados com rádios na ponte de madeira. Otto sacudiu negativamente a cabeça. "Penso que não posso levar tão a sério esse seu melodramático clérigo", dis-

se êle. “Sentinelas parecem-me um pouco excessivo, não acha doutor!” Exatamente nesse momento o aerofone sobre sua mesa tocou; era um de seus assistentes administrativos chamando para comunicar que todos os empregados da casa haviam deixado o serviço — o pessoal da cozinha, as mulheres da limpeza, os garçons, os carregadores, todos. Otto, para fazer-lhe justiça, nem mesmo pareceu surpreendido. “Provavelmente foram à cidade para o espetáculo”, disse. “Bem, nós não lhes negaremos uma noite de folga”. Recomendou a seu assistente que providenciasse no sentido de todas as tarefas absolutamente: essenciais serem divididas entre o pessoal da missão naquela noite e voltasse a informar de manhã se os ilhéus não tivessem regressado até às sete e meia. Depois disse a Diaz: “Se conservar essa gente afastada amanhã, iremos ter outra conversa com êle. Mas penso que você verá que isso não será necessário”.

Deixamos a sala juntos. Fora, Diaz afastou-se altivamente, evidentemente furioso por sua advertência ter sido ignorada. Senti um pouco de pena dele, mas não pude deixar de concordar com Otto. Era inconcebível que os nativos interferissem no trabalho de uma Missão de Pesquisa Médica, quando suas próprias vidas poderiam estar em jogo. Diaz estivera na ilha tempo excessivo, só isso.

Contudo, senti-me inquieto depois da entrevista e, em, lugar de ír para meu quarto, resolvi voltar ao laboratório e acabar de bater meu relatório. Isso levou mais tempo do que esperava e era tarde — mais de meia-noite — quando fechei a porta do laboratório depois de sair e tornei a atravessar o saguão do hotel em direção ao elevador. Um dos homens de Otto — um neuroanestesista que eu conhecia ligeiramente — estava sentado à mesa da frente, folhando um grosso maço de resumos de pesquisa. Disse que se oferecera como voluntário para o primeiro turno como “guarda noturno” enquanto durasse a greve, pois em geral ficava mesmo trabalhando três ou quatro horas nesse horário da noite e podia fazer seu trabalho de escrita tão facilmente ali quanto no laboratório. Perguntei-lhe quanto tempo achava que duraria a “greve” e êle respondeu rindo: “Até passar a bebedeira de todos eles”.

O elevador subiu rangendo os quatro andares. Da janela de meu quarto pude ver que o céu ainda estava encoberto e que o clarão vermelho ao sul era ainda mais brilhante. Disse comigo mesmo que isso só confirmava á teoria de Otto: o serviço fúnebre provavelmente se transformara em vigília bastante festiva.

Não sei quanto tempo dormi, mas deve ter sido bastante, pois me lembro de ter saído de um sonho sombrio e desagradável com a vaga sensação de que havia algo errado. O ar no quarto estava absolutamente parado e não havia o menor som. Percebi que o aparelho de ar condicionado deixara de funcionar. Desci da cama e fui até a janela ver o que podia fazer com os controles. Pelo que pude ver, alguma coisa explodira dentro: a unidade parecia ter pelo menos vinte e cinco anos. Felizmente o hotel tinha janelas antiquadas que se abriam como portas para um pequeno balcão de concreto. As dobradiças estavam corroídas pela exposição ao ar salgado, mas consegui abrir a porta depois de puxar e empurrar um pouco. Havia uma ligeira brisa e saí para o balcão a fim de recebê-la no rosto. O céu ao sul ainda estava brilhantemente vermelho. A princípio, pensei que talvez fosse algum efeito do vento sobre as nuvens que fazia o centro brilhante do clarão parecer estar-se movendo em direção à nossa ponta da ilha. Em seguida ouvi o que pareciam ser gritos , à distância; um minuto depois, pude perceber pontos separados de luz bruxuleando aqui e acolá entre as árvores do monte. Quando chegaram mais perto, serpenteando em direção ao canal por algum caminho invisível, tentei contar as luzes balouçantes, mas havia muitas. Observei até quando os primeiros participantes da marcha saíram da mata ao lado da ponte e começaram a atravessar o canal, com a luz de suas tochas refletindo-se na água escura; depois vesti uma calça e saí para o hall. Aparentemente eu era o único que vira a procissão; o resto do edifício parecia adormecido. Atravessei correndo o hall até o elevador e apertei o botão de chamada. Não houve resposta. Apertei de novo, esforçando-me por escutar o som da maquinaria antiga, pondo-se em movimento no fundo do poço. Nada. Pensei por um momento se tudo não poderia ser apenas um pesadelo. Depois disparei para a escada e desci correndo, dois, três e quatro degraus de cada vez, rezando para não ser o único no saguão quando la chegasse... Cheguei ao último lanço e virei o canto da escada; o saguão estava escuro; o guarda noturno e dois outros homens estavam em pé ao lado da porta de vidro da frente; sobre suas cabeças pude ver uma fileira aparentemente interminável de tochas balançando-se ao longo do cintilante caminho que vinha da ponte. Alguém — não eu, Annie — acionou o alarma contra incêndio, que deve ter funcionado com a energia de sua própria bateria, pois compainhas começaram a tocar em todo o prédio. Pessoas desceram correndo a escada, de pijama e roupa de baixo, ou com toalhas enroladas

na cintura. Alguém começou a gritar: "Fogo, fogo, fogo, fogo!" Do lado de fora; os carregadores de tochas eram então claramente visíveis. A frente da procissão, não carregando uma tocha, mas iluminado por todas as luzes resplandecentes às suas costas, estava a inconfundível figura do padre com sua longa batina preta. Na cabeça usava um estranho capacete, com o que parecia ser um espeto dourado saindo diretamente da testa, logo acima dos olhos. A maioria de nós. estava comprimida contra as portas de vidro e eu ouvi Otto gritar aos homens para que o deixassem passar. Depois êle e Diaz colocaram-se ao meu lado. Diaz apontou para o capacete do padre e disse alguma coisa a Otto... a única coisa que consegui entender foram as palavras "deus do trovão". A procissão estava quase junto a nós. Parecia ser toda a população de Santa Teresa, inclusive mulheres e crianças e todos, com exceção do padre, carrregavam tochas. Formavam uma parede humana diante do hotel e o padre parou na frente. De novo preciso fazer justiça a Otto: êle pode ser o que fôr, mas não é covarde. Abriu as portas de vidro e, sem hesitação, saiu para o terraço de pedra. Vi Diaz dar um passo, como que para segui-lo; depois mudou de idéia e fêz a porta girar até ficar encostada em seu pé, deixando-a aberta apenas o suficiente, para ouvir.

A confrontação foi breve. Fêz-se absoluto silêncio quando o padre ergueu sua mão direita. Êle gritou três palavras em espanhol: "*Denos los muertos*!" ("Dêem-nos os mortos.!"). Pude ver Otto cruzar as mãos sobre o peito, como se estivesse rezando; depois deu um passo em direção ao padre, a abrindo os braços falou em seu espanhol claro e preciso: "Amigos, precisam acreditar-me quando lhes digo que o que pedem é impossível. Nosso único propósito aqui é descobrir a causa dessa terrível tragédia que roubou a vida de dois de seus compatriotas e protegê-los contra o perigo. Para sua própria segurança, portanto, fomos, obrigados a utilizar, os corpos em um exame científico..."

O padre ergueu de novo a mão direita, só que agora com o punho fechado, "Não estamos interessados em causas ou segurança. Tudo quanto aconteceu foi previsto e tudo quanto foi previsto passará. Eu prego a Imitação de Cristo e os Modos Antigos. Jesus morreu na Cruz e Chac chorou chuva doce, e nós devemos segui-los ao Vale da Sombra da Morte onde crescem as Orquídeas da Redenção. Não há outro caminho.'' Evidentemente estava falando, não para Otto, mas para seus próprios adeptos. Seu capacete cintilava à luz da massa de tochas e eu pude ver que aquilo

na sua testa não era um espeto, mas um negócio comprido e escamoso com uma volta no fim, que poderia representar uma serpente enrolada para dar o bote. Antes que Otto pudesse falar de novo, alguém na multidão gritou ‘’*Denos los muertos*” e os demais acompanharam imediatamente, como um cântico. Não tenho certeza de que o padre haja planejado daquela maneira, mas depois de começarem não sei como êle poderia tê-los detido. Continuaram repetindo aquilo vezes e vezes, enquanto seu padre permanecia imóvel com os braços cruzados sobre o peito, olhando diretamente para o céu vermelho como se esperasse outras instruções... Depois alguém na multidão — talvez a um sinal do padre, mas eu não o vi — jogou uma tocha no terraço, deixando de acertar em Otto por uma questão de centímetros. A ponta acesa bateu na porta de vidro. Eu estava bem perto e, por alguma espécie de reflexo, abri a porta e joguei a tocha longe com um pontapé, enquanto Otto se virava e entrava correndo no edifício. Êle conseguiu pôr-se em segurarrça do lado de dentro, mas antes que pudéssemos fechar a porta após sua passagem, uma chuva de tochas caiu no terraço e uma delas escorregou para o saguão através da porta aberta. Em um segundo, as cortinas estavam em chamas. O antigo sistema de chuveiro no forro começou a funcionar e depois parou. Um momento depois o saguão estava um inferno...

Não tentarei descrever o resto, Ann. Alguns de nós conseguiram sair pelas janelas ou portas do fundo do hotel, onde há uma área de rochas negras e denteadas abertas para o mar. Agarramo-nos às pedras pelo que pareceu serem horas enquanto o hotel ardia. Ao amanhecer, quando o rugido das chamas começou a morrer, pudemos ouvir os remanescentes da turba ainda gritando e dançando em volta dos destroços fumegantes do edifício. Minhas roupas estavam todas chamuscadas e rasgadas. Eu estava queimando da cabeça aos pés. Não sei com muita “clareza o que aconteceu em seguida — é possível que eu tenha estado delirante durante algum tempo— mas penso que os gritos mudaram quando o fogo morria e o sol se erguia. Pareceu-me que depois de algum tempo, em lugar de “*Denos los muertos, denos los muertos*”, os ilhéus começaram a gritar “*Denos la muerte, denos la muerte*” (“Dêem-nos a morte, dêem-nos a morte”). Diaz, que estava quase morto quando fugimos, pensa que eu talvez tenha razão.

.Tivemos mais uma reunião com o padre depois do incêndio. Desta vez êle chegou à ponte com uma delegação de dez discípulos todos vestin-

do batinas pretas e usando capacetes com idênticos motivos de serpente enrolada. Tentamos impressioná-los dizendo que todos na ilha poderiam morrer se não cooperassem conosco, mas o padre limitou-se a rir, como se lhe estivéssemos contado algo que já sabia. Depois disse: "É melhor morrer como homens do que viver como cobaias". E seus dez discípulos murmuraram sua aprovação.

Só restam vinte e dois de nós. Otto insiste em que ainda podemos completar nossa missão se permanecermos unidos, mas não sei quanto tempo poderemos aguentar, mesmo que a ONU continue jogando alimentos e suprimentos para nós. Tememos que a p. v. possa devastar a população nativa e há sempre a possibilidade de nosso enclave ser afetado. Vários homens já comunicaram diversas queixas suspeitas — febre ligeira, calafrios, dor de garganta, dispnéia — mas sem nosso equipamento não é possível saber até que ponto isso pode ser atribuído a uma reação psicossomática. Diaz acha que é loucura tentar continuar sem os resultados de nosso trabalho anterior, sem nossas anotações, sem os *muertos*. Ainda que pudéssemos pôr novamente os laboratórios em funcionamento — ainda que a O. M. S. jogasse para nós equipamento suficiente para construir um hospital do nada — os ilhéus voltariam e o queimariam, provavelmente matando-nos desta vez. E o verdadeiro horror é que provavelmente nada faríamos para defender-nos. Diaz diz que os ilhéus aprenderam novamente a aceitar a idéia da morte (Imorte como sacrifício, morte como libertação) e por isso, em certo sentido, sentem-se com liberdade para matar, mas nós nunca poderíamos tirar a vida de outrem, mesmo em defesa própria, porque a própria vida tornou-se preciosa demais para nós. Tudo quanto nos ensinaram nos últimos quarenta anos condicionou-nos contra a violência e deixou-nos indefesos diante dela. Diaz tem certeza de que a ONU nem sequer intervirá se os ilhéus tentarem expulsar-nos pelo fogo. Mas, pelo mesmo raciocínio, pensa que temos probabilidade de escapar à quarentena... ainda que as patrulhas nos localizem, êle não acredita que atirem.

Não sei o que pensar, Ann. Há rumores de que voluntários terão permissão de aterrar aqui para ajudar-nos; um dos homens de Otto afirma que os pormenores estão sendo combinados pelo rádio. Mas o problema é que quem vier terá de ficar com o resto de nós até que o mistério seja esclarecido. Não sou capaz de imaginar alguém de fora assumindo esse risco. Outro rumor diz que o próprio Polsaker poderá vir da Suíça para

tentar consertar de novo seu mundo, mas não acredito nisso. A verdade é que estamos presos nesta ilha como uma espécie de cultura virulenta em um vidro fechado e somos tão perigosos quanto ela para quem lidar conosco.

Diaz tem sua própria teoria sobre o que aconteceu. Explicou-a para mim ontem à noite após termos acabado a garrafa de tequila. Pensa que o mundo entrou em estado de choque quando Polsaker descobriu casualmente a imunidade. De repente as regras do jogo foram mudadas. Ou melhor, percebemos pela primeira vez o que estávamos pondo em jogo. Homens mortais — homens que sabiam que, por mais cuidadosos que fossem, doença ou "morte por causas naturais" os levaria por fim — sentiam-se livres para ousar qualquer coisa, assumir riscos que hoje nos parecem criminosos ou insanos, viajar milhares de quilômetros para ver uma paisagem diferente, desperdiçar sua força física por esporte, ir à guerra pela glória ou por princípios, por ambição ou mesmo tédio, desfechar um golpe fatal em nome de Deus ou da Justiça, ou em um acesso de bebedeira. Depois nos deram a imunidade, a torturante perspectiva de vida sem limite, de mundo sem fim — e respondemos instintivamente com o Congelamento. Se a morte nada mais era que um acidente evitável, quem desejaria arriscar sua parte no milênio dando um passo em falso?. Ou, no mesmo sentido, dando qualquer passo?

Fatalmente, porém, teria de haver contra-reação, disse Diaz, onde começaria ela senão no México, onde o povo sempre adorou a morte? Êle não quer dizer que estajam ansiosos por dar fim à própria vida. Pelo contrário — pensa que a imunidade lançou um peso desumano sobre todos nós: "Matamos o Destino. É por isso que os índios estão tão desesperados por deter-nos. Desejam que a decisão seja novamente tirada de suas mãos".

Diaz é francamente favoráve à fuga esta noite. Não se importa em levar a t. v. para fora da ilha. Pelo que sabemos, diz êle, o mundo pode estar esperando que alguma coisa — ou alguém — quebre o encanto. Talvez êle tenha razão. As pessoas costumavam falar em "morrer bem"; achava-se que essa era a prova final de um homem. Annie, eu não sei o que fazer. Ainda que consigamos sair vivos desta ilha, eu nunca poderia chegar até você enquanto houvesse a menor probabilidade de ser um portador e nós não podemos saber com certeza qual é o período de incubação. Além disso, há sempre probabilidade de o Dr. Stewart, de Polsaker ou de alguma

outra pessoa fazer um milagre aqui desde que os ilhéus nos deixem em paz... mas naturalmente eles não deixarão e, se o padre os dirigir novamente contra nós, isso seria o fim... Oh, minha querida Ann, tenho tanto medo, sinto tanta falta de você e não desejo viver sem você, mas não quero morrer. Não agora. Não ainda. Nunca.

O NOCTÍVAGO

Larry Brody

Trad. de Nilson D. Martello

O primeiro teste não se desenrolava tão bem qiuanto o esperado.

Frank Whalen coçava-se.

Êle estava deitado no chão pedregoso, olhando intensamente o Centro de Pesquisas Espaciais da Força Aérea, cem metros além. Era um grupo de construções baixas de concreto e alvenaria, agrupadas atrás da cerca eletrificada, e cada construção guardava em seu interior projetos ou equipamentos de algum plano altamente secreto. Seria tão fácil! Nada o poderia impedir.

Salvo a comichão.

O problema de Whalen eram suas meias. O material elástifco coaptava-se a seu corpo para que não existisse perigo de provocar uma queda ao prender a roupa em qualquer coisa e a cor negra-profunda tornava-o virtualmente invisível na noite sem luar. A única coisa que êle não considerara fora a possibilidade de uma alergia, uma reação desfavorável de seu organismo ao material que vestia. De início tomou tento apenas de um aborrecimento que o perturbava, algo que poderia ser ignorado. Agora, entretanto, todo o seu corpo, particularmente suas pernas, queimava e tudo que êle podia fazer, era evitar pôr-se aos berros. Praguejando silenciosamente, curvou-se para coçar a coxa, sabendo que isso não lhe daria alívio.

“É o bastante”, disse para si mesmo. “Vamos, agora não é possível desistir.” Sentiu que estava ficando vesgo, portanto apertou um molar

com a ponta da língua e aumentou a iluminação. Muito melhor. Passou a ver como se o sol estivesse brilhando no firmamento. Agora, teria de ser agora, enquanto os guardas estavam do outro lado. Êle saltou em pé e, bombeando com os braços, correu para a cerca eletrificada o mais rápido que conseguiu.

Por um instante interrompeu a corrida e ficou resfolegando, certificando-se de que a sentinela que acabara de aparecer à sua direita ainda estava muito distante para percebê-lo; então deu uma coçadela rápida e ineficiente no estômago e saltou para a frente, agarrando a cerca de arame com as mãos enluvadas e, ao mesmo tempo usando a língua para apertar outro botão no painel de controle de sua boca. ("O que", filosofou êle em vão, "pensará meu dentista?".) Subindo rapidamente até o topo saltou para o outro lado no concreto e respirou aliviado. "Graças a Deus pelos reflexos, pensou êle. Se tivesse de pensar antes de agir jamais teria nervos suficientes para enfrentar a situação. Êle desconhecia a teoria que alicerçava o que fizera, mas funcionava. Estivera apto a interferir com a corrente naquela seção da cerca metálica e era tudo que importava. Os resultados é que contam.

Mas se ao menos êle pudesse se livrar daquela comichão.

Olhou em torno para situar-se e encaminhou-se a trote para a construção que lhe interessava. As medidas de segurança não eram o que deveriam ser. Mas o fato é que ninguém esperava o ataque de um único homem. Alcançando a construção começou a contorná-la em busca da porta. Parou. Uma sentinela estava de guarda, o fuzil nas mãos e um cão ao lado. Whalen não se preparara para aquilo. Ora, não teria muita dificuldade em "trabalhá-los".. Ligou um dente. Um simples toque e eles desmaiariam. A menos que seus corpos aguentassem um choque elétrico de alta voltagem.

O cachorro rosnou e virou-se para Whalen, sentindo sua presença, e Whalen escondeu-se atrás da parede, ouvindo a sentinela murmurar qualquer coisa para o cão. Ouviu um passo hesitante, então outro, conforme a sentinela e o animal se aproximavam. No momento em que a cabeça do cão apareceu na esquina, Whalen saltou para a frente. O cão também saltou mas suas mandíbulas fecharam-se no ar, enquanto Whalen esquivava-se sob elas e atingia o guarda. Houve o crepitar da eletricidade e o soldado caiu inconsciente. O cachotrro investiu de novo. Seu focinho tocou o estômago de Whalen, o cachorro ganiu e também rolou para o

chão. Whalen desligou a corrente e ajoelhou-se para ver se ainda estavam vivos. Não queria matar ninguém. Nem animal algum. Não *agora*.

Voltando a atenção para a porta percebeu que estava trancada. Não havia tempo para revistar a sentinela, portanto Whalen buscou uma pequena ferramenta no bolso de trás e com ela abriu a porta com toda a facilidade. Sorriu. Jamais o teria conseguido se não tivesse freqüentado a Universidade. A animosidade dos colegas estava pagando seus dividendos. Afinal das contas, para se limpar a carteira de um inimigo a gente tinha, inicialmente, de entrar em seu quarto... Ficou imaginando o que seus "irmãos" de tempos atrás estariam fazendo neste instante, se estariam alegremente sentados, em seus lares, recuperando-se de um "exaustivo" dia em seus escritórios. Tinha certeza que o julgariam insano se soubessem o que estava fazendo agora. E talvez estivesse mesmo.

Entrando na sala dirigiu-se para um enorme fichário. Também estava fechado, porém abriu-o ainda mais rapidamente do que o fizera com a porta. Vejamos, que queria êle? Ah! ali, estava um, e este outro. E, é claro, aquele. Sua face, irritada com a máscara negra que a cobria, queimava horrivelmente, portanto retirou-a e jogou-a sobre uma escrivaninha. Deixou-a ali ficar. Uma recordação. Uma pista completamente inútil para preocupar as altas-patentes. Arrastou a sentinela e seu cão para dentro do edifício, fechou a porta, trancou-a e saiu por onde entrara. Coçando-se!

Assim terminou o primeiro teste.

O segundo teste foi ainda imais fácil: voltou na noite seguinte. Claro, existiam mais sentinalas mais cães, porém êle estava mais seguro de si, e uma roupa de baixo inteiriça evitava o contato direto do uniforme negro com a pele. (Ficara preocupado pois percebera, na manhã seguinte, que seu corpo se cobrira de brotoejas avermelhadas.) Foi um problema simples para Whalen voltar ao edifício, devolver os planos secretos ao fichário, e deixar uma nota cuidadosamente escrita à máquina pregada na porta... pelo lado interno. Era uma velha foto de John Wayne de uniforme, proclamando: "Êles não nos conseguirão vencer!". Abaixo do cabeçalho escrevera: "Pois foi um prazer. O Noctívago". Então perturbou tôda a radiotransmissão da área e desligou o alarma dos portões principais. Só para dar alguma ocupação às sentinelas extras. '' Engraçado'', pensou êle, "agora seus dentes serviam para qualquer coisa, exceto mastigar."

Mas para Whalen o teste número dois se revelou anti-clímax. Não tivera de atingir ninguém.

Agora era a hora de ver os resultados.

Douglass, o homem da CIA, era alto e magro, de olhar duro. Agia como um homem que tivesse lido muito Ian Fleming, pois desempenhava o papel de James Bond até o fio do cabelo. Virando-se da janela, sorriu friamente.

— Bem, John — disse para o homem gordo sentado do outro lado da sala — parece que o Sr. Whalen provou seu ponto de vista.

Whalen sentara-se numa cadeira junto à secretária do agente da CIA, olhando "John". O gorducho aparentava ter uns quarenta e poucos anos, parecendo um atleta que se desleixara. Whalen não estava realmente seguro de quem era êle. Vestia-se como um civil, mas alguém na sala de recepção dirigira-se a êle como "Coronel", portanto Whalen presumia que êle fosse um representante do Pentágono. Deixá-los ter seus pequenos segredos. Podiam fazer tantas charadas quantas lhes apetecesse, Whalen não se importava. O coronel riu sem prazer.

— É, parece — foi tudo o que disse.

— Você concorda então? — perguntou Douglass.

O coronel suspirou.

— Tal como as coisas se apresentam, êle é um perfeito comando. Mas eu preferia ter os segredos dele do que a sua própria pessoa.

— Creio que isso é impossível — disse Whalen. — As anotações, os trabalhos, as gravações, tudo foi destruído. E o homem com quem eu trabalhava, o que realizou a operação, está morto.

Êle sentava-se quase sufocando, o corpo tenso, odiando pensar sobre o passado.

O coronel encolheu os ombros e Douglass disse:

— Esqueça, John. Nós já discutimos tudo isso antes. A coisa realmente importante é que o Sr. Whalen deseja colocar seus talentos ímpares à nossa disposição.

—Não gosto disso — disse o coronel. — Whalen, você é muito bom. Não gosto do fato de que o acontecimento, no Centro de. Pesquisas Espaciais pudesse facilmente ter sido real.

— Foi real, — afirmou Whalen — para eles. Não sabiam. Eu arrisquei minha própria vida para provar-lhe que estou do seu lado. Agora você terá de confar em mim.

— Ao menos presentemente — comentou o coronel com secura.

O homem da CIA interrompeu antes que a argumentação crescesse até à erupção. — Vamos ao que interessa — disse, acendendo um cigarro mas cuidadosamente deixando de oferecer aos demais. — Sr. Whalen, desde agora o senhor trabalha para mim, e o tratamento “senhor” antes de seu nome deixará de existir ao menos no que me diz respeito. John não está muito feliz com o acordo, mas de resto êle nunca está feliz com nada. Não se preocupe com êle.

Whalen sorriu, relaxando-se. Coçando o pescoço, disse:

— Ótimo. Quando começo?

Douglass sentou-se em sua secretária e o coronel se inclinou para a frente, respirando na face de Whalen.

— Agora — disse o coronel.

Eu, pessoalmente, escolhi sua primeira missão. Esperemos que seja tão eficiente contra o inimigo, quanto o foi contra nós.

Mas por algum motivo Whalen não acreditou na sinceridade de suas palavras.

Whalen nunca estivera antes numa prisão, e agora não gostava da experiência. Embora não tivesse maneira de compará-las, estava seguro de que as cadeias dos E.U.A. eram mais confortáveis que suas equivalentes na China Vermelha. Êle acocorou-se nu no piso da minúscula cela e ligou um dente, passando a ouvir uma rádiotransmissão de Formosa. Há três dias que êle ouvia velhos rock-and-roll americanos, e pensou que enlouqueceria com pouco mais. Nenhuma tortura chinesa poderia ser tão ruim quanto isso. Mas êle tinha de continuar sintonizando a ilha para acompanhar o correr do tempo. Ao menos lá eles falavam inglês, por vezes.

Não comia desde sua captura, e imaginou que sua musculatura pela qual tanto trabalhara, estava se desmilinguindo. De início um homem esguio, angular e grande, olhava-se agora e se assegurava de que suas costelas avultavam mais que os músculos peitorais. Todo aquele levantamento de peso jogado fora. Fêz alguns exercícios sem muita energia. Era hora de sair. Tinha visto tudo o que precisava.

Sua missão — chamá-la “suicida” seria um eufemismo, pensou êle com amargor — parecera muito simples. Deveria libertar o agente americano que havia sido descoberto e preso. Rader, professor universitário, fingira desejar passar para o lado dos chineses. Visitara várias instalações militares e, enquanto os chineses tentavam convencê-lo da correção de

suas pretensões, vira muitas coisas consideradas altamente secretas. Uma semana atrás, quando subia no avião que o levaria de volta aos Estados Unidos para ”pensar bem antes”, fora preso como espião, destruído o seu disfarce. O serviço de Whalen era ajudar Rader a escapar ou, falhando nisso, obter dele todas as informações que pudesse e trazê-las de volta.

Nada demais. Exceto que alguém (provavelmente o coronel) decidira que a maneira mais rápida de Whalen chegar a Rader seria enviá-lo à mesma prisão. Então, vestido em sua pouco confortável roupa negra, Whalen pulara de pára-quedas de um jato de Formosa, após mal esboçada e amedrontadora instrução, aterrissando perto de, Pequim e encontrando-se cercado pela polícia chinesa. E enquanto era detido por entrada ilegal no país (de acordo com os planos) viu seu avião explodir nos céus.

E ontem êle soubera a ironia que tudo coroara. Rader era realmente um traidor. A estação de Formosa anunciara sua deserção, contando como se fizera prender por temer por sua vida, porque pensara que seus amigos americanos iriam matá-lo e a seus familiares em casa. Numa entrevista à imprensa contara como havia pensado que, pretendendo ter sido preso, poderia viver na China sem que nenhum perigo ameaçasse aqueles que amava. Mas por fim, dissera Rader, compreendera a hipocrisia de tudo. Ao expor a chantagem imperialista venceria os inimigos do povo. Foi um lindo discurso. Whalen quase vomitou.

Portanto, agora êle estava na prisão e por nada. Se Rader estava falando a verdade, tudo fora inútil. Mas a única maneira de o saber era escapar e fazer uma visita ao professor, antes de deixar o país. Whalen amaldiçoou a incapacidade do coronel. Êle tinha de sair.

A pesada porta de aço deslizou e o carcereiro entrou seguido de outro homem que trazia as roupas de Whalen. A metralhadora do carcereiro estava apontada exatamente para Whalen, e Whalen duvidou ser tão veloz para desarmar o homem antes de ser atingido. Ao invés de atacar, recostou-se contra a parede fria.

— Bom dia, Chink — disse êle.

— Vista-se e siga-me, — disse o homem.

— Por fim serei ouvido?

— Vista-se.

Whalen pegou o monte de roupas e procurou:

— Onde está minha roupa de baixo ?

—Vista as roupas. — O guarda movimentou a metralhadora como

se fosse um porrete. Se Whalen queria fazer alguma coisa, agora seria a ocasião oportuna. Mas sentiu-se fraco e decidiu esperar.

Vestiu-se rapidamente e a comichão recomeçou. Era quase todo psicológico, por enquanto, mas seria real em pouco tempo. Esses chineses diabólicos! — E minha máscara, amigo? — Máscara — Hmmm, êle tinha um vocabulário mais extenso do que Whalen pensara de início.

— A coisa que vai sobre minha cabeça e esconde meu rosto bonito, você sabe — êle fêz o gesto.

— Você não precisa dela.

— Oh?

— Vamos.

O homem gesticulou para que Whalen saísse na frente, e êle deixou a cela. Dois outros homens armados esperavam-no do lado de fora. Um de cada lado, escoltaram-no pelo corredor, três lances de escada, até um pequeno escritório.

Um jovem oficial sorridente sentava-se atrás de uma mesa imaculadamente limpa.

— Bom dia, espião — disse êle, amàvelmente.

— Um prazer — respondeu Whalen. Com sua roupa de Noctívago êle sentia muito mais autoconfiança. "Estar nu não é bom para o velho ego", pensou.

—Veremos quanto a isso, — disse o oficial chinês. — Sou Yang. Sou tenente. Você também deve saber que sabemos tudo sobre você.

— Realmente? Importa-se que me sente?

— Não há cadeira.

— E quanto ao chão! Não sou orgulhoso. — Acomodou-se, percebendo o olhar surpreso de seu captor numa face agora séria. Suas pernas e estômago começavam a coçar, e êle coçou-se com a maior sem-cerimônia.

— Se eu fosse americano, também não seria orgulhoso, — disse Yang. — Mas vamos, qual é sua versão? Para que serviu sua inútil missão?

—Pensei que soubessem. Pretendiam que eu fosse capturado para investigar as condições reais de suas prisões. Assegurarmo-nos de que as coisas estavam bem. Sobre a comida que vocês não servem ...

— Besteira. Eu lhe direi por que veio. Você deveria "libertar" certo professor Philip Rader. Ou assim pensava você. O que não lhe disseram foi que êle não poderia ser libertado simplesmente porque não queria

voltar ao seu país. Você foi usado como um simples peão num jogo muito perigoso.

— Posso tomar conta de mim mesmo.— Mas uma suspeita vaga começou a tomar forma em seu espírito. Quase fazia sentido. Teria o coronel mentido deliberadamente ?

— Devo dizer qual seu real propósito? Você é uma vítima a ser sacrificada, embora o governo de seu país possa não o saber. Você foi enviado até aqui para testar o nosso poder. Um Super-soldado americano contra um Super-soldado chinês.

— Isso é absurdo! Olhe para mim. Não sou um super-homem.

— Ah! mas você é, meu caro senhor, nós todos o sabemos. Você é uma espécie de gladiador, de certa forma. E esta tarde será sacrificado numa arena, pois mesmo com todo seu poder não terá a menor chance.

— Que poder?! — *Como eles souberam sobre você?*

— Muito bom, muito bom, quase um protesto. Olhe, você foi traído. Nós o esperávamos. Eles deveriam ter-lhe contado a verdade; teria sido mais elegante — disse Yang.

— Ouça, eu sou um espião. Admito-o, mas é tudo!

— Então explique as notas que seu país enviou a várias embaixadas em Pequim. Os franceses receberam um relatório detalhado de sua própria CIA, e a CIA sabe que qualquer coisa de que os franceses tomam conhecimento, nós também tomamos. Nossos pequenos microfones-transmissores estão muito bem localizados. Você é Frank Whalen — não me interrompa, eu sei que já admitiu isso. Mas você também é conhecido por outro nome: você se intitula o Noctívago. — Isso bate com essa roupa justa que está usando, creio eu. Você é rápido, é hábil e possui alguma espécie de eletricidade no corpo. Vergonha, não é mesmo, que as nossas fechaduras não sejam elétricas? Você poderia ter saído calmamente se o fossem.

Whalen coçava-se, silencioso, recusando-se a admitir ou desmentir o que quer que fosse. A face de Yang pareceu se dissolver dando lugar à do coronel. O coronel, olhando em desaprovação, pensando que Whalen não era apenas dispensável, mas que deveria ser dispensado o mais rapidamente possível.

— Nós na Mãe China — continuou Yang — também desenvolvemos um protótipo de soldado superior. A menos que prefira trabalhar para nós, você deverá lutar contra êle e, é claro, virá a perder. Esta infor-

mação será então liberada aos mais altos níveis do governo de seu país e aqueles que o suportam e perceberão, então, quão inútil será tentar barrar nosso caminho. Sua máscara — algo infantil —e a célula de energia que tiramos de você quando foi capturado, ser-lhe-ão devolvidas para o encontro. Entretanto preferiríamos que admitisse nossa superioridade e se juntasse a nós. — Fez uma pausa, aguardando a resposta.

Era tudo muito conveniente, muito simples. Whalen ainda não acreditava nele, ao menos não ainda.

— E o que acontecerá se eu ganhar!

Evidentemente Yang não sabia que a fonte de energia de Whalen estava em seu próprio corpo, no lugar onde tivera o apêndice anteriormente, ligada diretamente a seu sistema nervoso. A célula de energia que trouxera fora apenas uma reserva que entraria em ação se houvesse alguma falha em sua própria.

— É impossível que você ganhe — disse o oficial secamente.

— Por que não?

— Porque deste momento em diante todas as definições da palavra "Poder" não têm mais sentido. Este homem, este destruidor, é o próprio Poder.

— Não poderíamos tentar uma terceira, alternativa? — indagou Whalen.

Êle não compreendeu inteiramente a situação até que o encaminharam de volta à cela. Tudo-o que lhe disseram era lógico, isso era o pior. Como êle o vira, o coronel — o gordo "John" faria o papel de vilão até que encontrasse outro — raciocinara que, se Whalen ganhasse esta pequena peleja o prestígio dos Estados Unidos subiria e os podêres de Whalen, sua própria existência seriam justificados. E se êle perdesse, bem, ninguém estava realmente seguro com Whalen por perto, e sempre se poderia veicular a informação de que seus podêres nada tinham a ver com o governo. Mas por que não lhe disseram simplesmente a verdade! Fora uma jogada inteligente, só que não iria funcionar. Whalen não lutaria.

Êle apertou um dente, eletrificando-se. Atirou-se ao chão e chutou o guarda que o seguia, jogando-o ao piso com um estalido. Rolando o corpo para a direita fêz outro guarda tropeçar, empurrando-o desacordado contra o terceiro. Um golpe de pescoço manteve-o inconsciente. Desligando a voltagem, Whalen pegou suas armas. Ligou outro interruptor e passou a orientar-se em direção às várias ligações elétricas do prédio, lo-

calizando as fontes de tensão para os alarmas. Desativou-os, embaralhando a corrente daquela maneira estranha que êle era incapaz de explicar. Agora seu único pensamento era sair e êle desceu correndo as escadas, buscando algo que se assemelhasse a uma porta.

Alcançando o piso onde se localizava sua cela, continuou descendo, planejando.. Uma vez fora, teria de se localizar exatamente e imaginar como sair do país. Hong Kong parecia ser a melhor saída.

Desceu mais dois lances de escada e encontrou-se num corredor diferente dos demais. Era mais amplo, e a luz do sol penetrava por uma janela larga, no fim do corredor. Whalen correu até a abertura e lá ficou, ofegando, desejando que lhe tivessem dado comida para não se cansar desse jeito. Não sabia quanto poderia agüentar.

Viu que estava apenas um piso acima do solo, mas também percebeu que não poderia estar em Pequim como presumira. A cidade podia ser vista à distância, mas a prisão estava em meio a uma planície estéril. As únicas estruturas próximas eram uns poucos e velhos barracos, remanescentes do que deveria ter sido uma vila.

Ouviu algum ruído atrás de si e voltou-se. Descendo as escadas vinha um grupo de soldados, armas apontadas, tagarelando entre si em chinês quando o avistaram. Bem, desde que sua tentativa de fuga havia sido descoberta, não havia sentido em manter os alarmas desligados. Whalen ajustou a corrente, ligando todos os apitos e sirenas do prédio. Chocados com a confusão subitânea, os chineses pararam por um instante, alguns dêles deixando cair as armas, outros apenas olhando estupidificados. Whalen correu na direção deles e aumentou o volume, ao, mesmo tempo baixando sua própria sensibilidade auditiva de maneira a não ser afetado. Os homens o ignoraram e voltaram-se correndo e gritando, tentando escapar ao estrépito.

Êle aumentou ainda mais o grito das sirenas, ao máximo possível, ajustando-se de maneira a ouvir apenas um murmúrio. Dessa maneira poderia estar seguro de tomar tento se alguém conseguisse desligar o ruído. Felizmente, no entanto, todos teriam de fugir do prédio e êle estaria seguro por algum tempo, ao menos até estar preparado. Coçou-se, rindo.

Nos corredores as portas se abriam e homens de casaco branco juntavam-se aos soldados em fuga. Whalen olhou-os a fugir, sentindo-se êle mesmo de novo. Uma boa refeição e deixá-los-ia trazer o tal supersoldado, seu... — o que Yang o chamara? — ... devastador. Afinal das contas,

êle era o Noctívago, e o oficial não o considerara uma arma secreta americana.

Olhou pelas janelas uma vez mais. Centenas de homens corriam pelos campos áridos, corriam para a vila destruída, caindo por vezes no chão gretado. Jogando fora as três armas que portara até então — não se julgava capaz de manejá-las, de qualquer forma — dirigiu-se para a porta mais próxima perguntando-se por que ninguém saíra dela.

Êle fechou a porta e ficou imóvel, transido.

O *silêncio* era ensurdecedor.

Êle podia ouvir seu próprio coração batendo, seu sangue correndo pelos vasos — e nada mais. Nenhum ruído de fundo, nenhuma sirena. Rapidamente ajustou sua audição para o normal.

— À prova de som. A China não é inteiramente selvagem, você sabe, — disse-lhe uma voz familiar. A sala era um laboratório biológico de algum tipo, cheio de gaiolas com ratos e cães. Por detrás de uma alta mesa aproximou-se o Tte. Yang, desarmado. — Não fique assim surpreso. Vocês têm elevadores privativos para a elite, na América, não têm? E eu devo tomar contato com todo o meu projeto.. Imaginei que você tentaria alguma ação temerária. Você é formidável, mesmo sem o equipamento extra. Eu o subvalorizei.

Whalen encolheu os ombros, enquanto olhava em torno da sala, e Yang disse:

— Fazer soar o alarma foi muito inteligente. Esta é a única sala à prova de som, portanto o projeto não será perturbado. Um laboratório numa prisão? Aonde mais você poderia encontrar voluntários tão ansiosos para colaborar? Mas até agora você não conseguiu muita coisa, não é? Causou um pouco de dor, mas os reais sofrimentos foram provocados nos homens fechados nas celas lá de cima, pois não podiam escapar ao som. Portanto, por que não desligá-lo? Você ainda tem de encarar...

— Onde está seu projeto? Não creio que êle exista.

— Você está simplesmente verbalizando um desejo. Aqui está êle. Por baixo da pele de um prosaico soldado chinês encontra-se uma fina malha de aço que o torna praticamente invulnerável e, é claro, êle não está preparado para sentir dor.

— Que lindo!...

— E devido a uma modificação da química de seu organismo, a uma alteração na própria natureza de seus tecidos musculares, sua resis-

tência e força não têm limites.

— Só acreditarei quando chegar a ver — disse Whalen. Mas temia estar propenso a crer que não teria muito a esperar.

— Que tal agora? — disse Yang sorrindo afàvelmente.

Whalen sentiu-se tenso e proiito a ser humilhado.

— Muito bem. Se existe... — Mas sua boca estava rígida e difícil de articular as palavras.

— É pena que isto deva ser jogado fora. Pois não haverá testemunhas...

— Mande-o entrar! *Mande-o entrar*!

— Mandá-lo entrar? Mas caro Sr. Whalen, é contra mim qué o Noctívago terá de lutar.

Estupefato, Whalen viu o oficial virar-se, estender o braço e levantar um maciço banco de aço como se fosse de papelão. Yang sacudiu o banco para cima e para baixo, rindo, e estendeu seus incríveis braços, atirando com o móvel para cima de Whalen que se deixou cair no chão, livrando-se do impacto. O banco caiu atrás de si. “Sou muito rápido”, pensou Whalen desesperado; “tenho de ser. Êle não conseguirá me vencer se não conseguir me atingir. E se eu puder pegá-lo.... “

Yang saltou para a frente, os braços estendidos, tentando agarrá-lo, mas Whalen esquivou-se facilmente, girando sobre si mesmo. Whalen saltou por sobre um balcão, aterrissando em cima de pequenas gaiolas e fazendo-as voar sob o impacto.

— Ah! ? O pânico já se instalou ? Ora, vamos... — Yang afetou um sorriso...

— Você fala demais, — disse Whalen. Ao mesmo tempo em que saltava com ambas as pernas estendidas para a frente, ligou sua própria corrente e atingiu-o. O contato foi sòlidamente estabelecido no estômago do oficial, e êle ouviu um agradável som cavo seguido do estralejar elétrico. Aquilo daria conta do outro.

Mas Yang apenas meneou o corpo, dando um passo atrás ao invés de cair ao solo. E não parecia atingido.

— Invulnerável, — zombou êle, e avançou para Whalen.

Whalen escapou mesmo na hora, rolando o corpo de lado e saltando em pé. Esperou pela próxima jogada de Yang. Se sua eletricidade não produzia efeitos, teria de lutar na defensiva, rezando por uma oportunidade. O lado de seu corpo doía com a batida nas gaiolas e êle sentia-se um

pouco zonzo. Era melhor aquela oportunidade se apresentar logo.

Yang parou diante dele. Afastou os braços como a pedir que seu oponente o atacasse.

— Está bem — disse Whalen. Aumentou sua própria corrente, deu um passo adiante apoiando o peso do corpo sobre a ponta dos pés, e enviou uma sólida esquerda ao queixo do outro. Era um erro, êle o sabia, mas tinha de fazer algumia coisa. O punho cerrado chegou ao destino e êle ouviu um ruído de esmagamento. A punhalada da dor atirou seu braço para cima enquanto êle pulava pará trás em defesa. A dor era quase insuportável e, embora tentasse, não conseguia mexer os dedos. Yang riu-se.

— Venha. Agora a outra mão. Venha.

Whalen buscou cegamente a seu lado com a mão boa e pegou uma gaiola vazia. Atirou-a e viu com amargura a gaiola pular de volta ao encontrar o peito de Yang. O homem não impressionava muito, mas sua jactância provava ser real. Não podia ser vencido. Tudo o que Whalen poderia desejar era escapar. Se êle ao menos pudesse parar esse deus da guerra, apenas por um instante.

Desligando a audição, êle fingiu ir numa direção, então correu para outra, buscando a porta. Yang atirou-se para onde Whalen fingira ir, percebeu o erro e corrigiu-se e Whalen, cansado e em dores, os reflexos amortecidos, correu para uma das pernas estendidas do oficial, ouviu o familiar crepitar elétrico agora inútil, e tropeçou. Esparramou-se no chão, sem conseguir respirar direito, enquanto Yang atirou-se sobre êle.

Whalen torceu-se convulsiva mente, tentando desligar o zumbido em seus ouvidos, a dor que sentia por todo o corpo machucado. Utilizando-se de toda a pouca energia que ainda lhe restava, rolou para o lado, forçou-se a ficar em pé, e abriu a porta num rapelão Agora!

Porém nada aconteceu. O alarma com o qual contava para ensurdecer Yang não mais tocava e nem Whalen nem o oficial vermelho ouviram nada mais senão o próprio respirar. Yang levantou-se rápido do chão, que estava esmagado e trincado aonde caíra, e segurou o braço machucado de Whalen.

Milhares de volts correram pelo corpo de Yang, mas foi o de Whalen que caiu. Nada mais havia a fazer. Alguém fora o suficiente inteligente para cortar a força elétrica dos alarmas. Era apenas questão de tempo para que as pessoas voltassem ao prédio. Mas agora a caçada não tinha mais razão de ser. O Noctívago estaria morto. Esperou.

— Ah! — disse Yang — mesmo que você fosse capaz de produzir ainda maior corrente, isso não o auxiliaria. Você já está exausto, enquanto eu nem alterei minha respiração. Mas você tentou.

‘”Obrigado” pensou Whalen amargamente. Êle queria que tudo acabasse. Fora por culpa do coronel, tudo por sua culpa. Yang apertou os dedos e elevou o braço para o murro final, enquanto Whalen amaldiçoava-se. Supersentidos, de que serviam? Eletricidade, o que tinha ela ajudado? Sem seu traidor, sem seus podêres, não estaria metido nisto. Eletricidade!

Êle encarou o rosto sorridente do oficial e tentou imaginar que tipo de mente se escondia por detrás dele. Que espécie de mente poderia...

Mente?

A mente humana, o cérebro humano, não funcionava emitindo ondas eletromagnéticas? Essas ondas não tinham sido detectadas pelos cientistas? E as próprias sinapses nervosas, também eram de natureza elétrica! Talvez, apenas talvez, toda esta luta não fosse necessária — não, fora necessária desde que levara a esta realização, a esta descoberta. Ondas eletromagnéticas. Se êle estivesse certo... E por que não, ? Freneticamente trabalhou com a língua, cortando seu próprio campo elétrico e buscando em desespero a freqüência correta. Não havia muito tempo.

De súbito o sorriso de Yang desapareceu e êle tornou-se têso. Aos poucos o punho do oficial afrouxou e êle caiu ao solo, gemendo suavemente.

Não podia haver proteção contra isso. Nenhuma malha de metal poderia cobrir o interior do cérebro de Yang — estava apenas sob a pele. Whalen soergueu-se ao lado dele, consciente de um zumbir em sua própria cabeça. Funcionara. Conseguira embaralhar as ondas cerebrais do homem, mas trabalhando às cegas como fizera, poderia ter perturbado suas próprias freqüências. Arrepiou-se.

Mas não havia tempo para descanso ainda. Recobrando seu autodomínio Whalen segurou Yang pelos cabelos e arrastou-o laboriosamente até a sala de experiências. Ficando de pé, fechou a porta. Encontrou uma escrivaninha num canto e, por entre latidos e ganidos de cães atemorizados, buscou pelas gavetas até encontrar informações sobre o Destruidor, guardando-as sob a roupa negra. Então inclinou-se sobre o homem e cuidadosamente desligou a corrente. O zumbido em sua cabeça se interrompeu, mas Yang continuou inconsciente. Whalen ficou pensando se o

homem jamais recobraria os sentidos e, se o fizesse, como explicaria sua derrota. Mas possivelmente estaria com alguma célula danificada; talvez muitas.

Suspirou. Dar-se-ia quinze minutos de descanso e então procuraria sair. Apesar de suas dores, apesar da fome, apesar da exaustão, Whalen sentia-se estranhamente seguro. Se êle conseguira sobreviver a Yang, sobreviveria a qualquer coisa.

Qualquer coisa.

Pensou em como lhe haviam mentido e como fora utilizado. Teria de lutar para conseguir voltar, mas voltaria aos Estados Unidos um homem muito mais sábio.

E êle praticaria com esta sua nova capacidade, recém descoberta, refiná-la-ia, tornando-a segura para si mesmo, de maneira poder ter uma conversinha com seus empregadores, fazer-lhes uma demonstração. Por certo se interessariam. E quando êle terminasse a demonstração, o coronel não mais duvidaria dele. Aliás, depois disso o coronel não duvidaria jamais de ninguém. Whalen sorriu.

Coçou o peito. Ora, se ao menos êle conseguisse interromper aquela comichão!

LUKAS, O LOBO - LUKAS, O HOMEM

L. J. T. Biese

Trad. de Noé Gertel

— Este — concluí — não vai ser um de meus dias.

Esperei na fila durante meia nora, no escritório do American Express, com a débil, porém doce esperança de que alguma espécie de gentil providência me enviasse uma oferta de experiência ou de emprego, só para me ver esmagada pelo gesto negativo do enfastiado jovem atrás da escrivaninha. Fiquei tão esmagada, de fato, que teria saído sem verificar o quadro de avisos e perdido o cartão por completo, se o salto alto de minha sandália não se prendesse num buraco do pavimento, obrigando-me a inclinar-me contra a parede para manter o equilíbrio. Era imperceptível entre uma dúzia de outras notas — pequeno e tão elegante e esmerado como um convite em gravação.

“Precisa-se. Pajem de cachorro. Deve querer permanecer neste cargo durante seis meses no mínimo. Valioso conhecimento de línguas. Salário generoso.”

‘’ Logo vi!”, disse eu, um hábito que peguei do meu avô, o qual foi um ator daquele jeito e que me criou depois que meus pais morreram. Desta vez, minha bolsa forneceu papel e lápis na primeira busca que fiz. Anotei o endereço, deslizei pela porta e peguei um táxi imediatamente, desculpando a involuntária despesa com o pensamento de que a rapidez seria possivelmente da essência do negócio. Só depois que o táxi se embaraçou com o tráfego vespertino de Roma, foi que me ocorreu que eu já poderia estar por demais atrasada, que empregos com generosos salá-

rios acessíveis a estrangeiros eram bem raros para fazer germinar filas de candidatos como uma velha batata faz germinar brotinhos. Já tinha, nos últimos tempos, mais do que suficiente experiência com velhas batatas.

Ao menos em parte, acertara. Mesmo à fraca luz do amplo saguão de entrada, pude distinguir grandes grupos de esperançosos candidatos afetadamente sentados em cadeiras de estilo antigo, relaxados contra uma parede atapetada, mas principalmente acumulando-se em torno do personagem magrinho que acabava de sair de uma das portas que conduziam para fora do saguão. Resmunguei para mim mesma: “Logo vi!”. E de novo: “Logo vi!”. E comecei a abrir caminho através da multidão engrossante. Depois de cinco minutos de manobras, encontrei-me mais longe do que nunca do meu objetivo, com falta de ar e com as costas apoiadas numa das outras portas, que escolheu justamente este instante para abrir, depositando-me firmemente em decúbito dorsal ao sopé de uma escadaria carpetada.

Não, decididamente não era um dos meus dias. De qualquer maneira, foi o que pensei até que cessei de me lamentar e olhei para cima, em direção ao misterioso abridor e fechador de portas.

Era o que se costuma entender quando se diz alto-moreno-e-simpático. Um verdadeiro protótipo de sedução masculina.

— Machucou-se! — perguntou o protótipo de mais de um metro e oitenta de altura.

— Logo vi! — respondi, fracamente.

— Devo pedir-lhe desculpas?

— Não. Não estou machucada. Não estou, na verdade.

— Venha — disse o protótipo, ajudando-me a pôr-me de pé. — Estou certo de que deve estar agitada... e meio esmagada por esta turba no saguão. Um copo de vinho não lhe fará mal.

Subimos então as escadas, passamos por ensolarada galeria e entramos numa espécie de gabinete de estudos de altas janelas, das quais se via um jardim convencional. O protótipo pensativamente me acomodou na poltrona mais suave, encheu para cada um de nós um copo de vinho e, então, se sentou atrás de enorme escrivaninha burilada.

— Agora, se já se recuperou um pouco, podemos passar aos negócios. Nome?

— Jane Geneth Arbuthnot: solteira; vinte e oito anos; 1,70 de altura; 57 quilos; cabelos de tonalidade castanha; olhos azuis; nacionalidade

— norte-americana; ocupação — professora de escola primária; emprego atual — nenhum. Desculpe (senti-me enrubecer), mas ultimamente preenchi tantos formulários de candidatura a emprego, que a lista inteira é automática. O senhor é a pessoa, não é, que pretende contratar um pajem de cachorro, Sr... ?

—Von Vlk. Barão Lukas von Vlk. Sim, estou à procura de um pajem de cachorro. Um com qualificações bastante incomuns. Mas é que eu tenho um cachorro bastante incomum. Que línguas fala?

— Inglês e italiano, naturalmente; francês, espanhol e alemão — todas fluentemente —, com umas tinturas de lituano e turco. O seu cachorro é... digamos... poliglota?

O barão riu, respondendo :

— Não, mas os seus admiradores, em sua maioria, são. Creio que sé dará muito bem, Srta. Arbuthnot, muito bem certamente. Isto, se não precisa voltar ao seu trabalho de professora...

— Mas não, não! Desisti de meu posto de professora para vir à Europa como governanta de duas crianças perfeitamente terríveis do Texas. O pai delas começou a fazer mágicas, de modo que o empurrei para dentro do Grande Canal de Veneza e êle me despediu. Assim é que me encontro mais ou menos encalhada até que possa ganhar o dinheiro para uma passagem de volta.

Neste momento, houve uma batida na porta e um velhinho magro espiou.

— Desculpe-me, barão — disse êle com um sotaque forte que tinha tudo de romeno. — Não sabia que se encontrava ocupado. O senhor talvez me chame quando...

— Entre, Silvanus. Srta. Arbuthnot, este é meu fiel conselheiro e secretário, Silvanus. (Fêz um gesto em minha direção.) Então, velho amigo, que acha?

Ambos me fitaram de maneira a provocar grande nervosismo.

— Excelente — disse o velho pensativamente. — Como são suas outras qualificações?

— Melhores não teríamos o direito de esperar. Você talvez desejasse ensinar-lhe um pouco de grego, mas isto é um detalhe secundário. (Voltou-se para mim.) Uma pergunta mais, antes que decidamos. A senhorita é uma jovem muito graciosa. Será que não está comprometida ou, de alguma maneira, impedida?

— Não. Na realidade, eu...

— Excelente. A questão é que este emprego impõe um horário muito inabitual e a senhorita talvez não quisesse reduzir sua vida particular.

— Não tenho nenhuma.

— Nenhuma o quê?

— Vida particular. Ou, de qualquer modo, nenhuma que eu não me sentisse muito feliz em reduzir.

— Então, está combinado. Silvanus, pode dizer aos outros candidatos que o cargo foi preenchido.

Quando o velho saiu, o barão tornou a encher ambos os copos de vinho e sorriu para mim, dizendo suavemente:

— À nossa proveitosa associação.

Eu daria uma resposta encantadora e graciosa, mas o caso é que não consegui imaginar dizer coisa alguma, exceto — "Ôba!".

— Agora — disse o barão — vamos aos negócios. Providenciarei pessoalmente seu guarda-roupa, embora, está claro, a senhorita tenha a palavra final. Silvanus e eu concordamos que não seria sensato que vivesse aqui — ao menos ainda não —, de modo que adquiri uma deliciosa pequena vila fora da cidade. Silvanus consulta-la-á a respeito dos móveis. Seu salário básico será de vinte e cinco mil liras mensais, sem incluir as despesas... Que é que há?

Devia estar usando uma expressão muito peculiar. Na realidade, eu me sentia um bocado peculiar.

— Agora veja, barão — disse-lhe —, não sei que espécie de moça o senhor tem em vista para passear com seu cachorro, mas estou com uma leve suspeita de que não sou eu.

— Mas por quê? Talvez se o seu salário fosse...

— São somente... apenas relutâncias, se o senhor me compreende.

— Não, não posso dizer que compreendo.

Dirigiu-me um olhar perplexo, completamente sedutor. Tática desleal. Apressei-me e disse:

— Bem, permita-me deixar claro. Com que exatamente se espera que eu retribua por este novo guarda-roupa, por esta "deliciosa pequena vila" e mais quatrocentos dólares mensais?

— Levar meu cachorro a recepções.

— *Recepções* ?... Levar seu *cachorro* a recepções? Pode esclarecer-

me por quê? Quero dizer, por que quer êle ir a recepções, em primeiro lugar... e por que o senhor mesmo não o leva e...

— Não posso de modo algum esclarecer suas perguntas — disse o barão suavemente. — Por infelicidade, não sou capaz de lhe dar uma resposta satisfatória. Faria melhor, creio, se o atribuísse simplesmente a um capricho excêntrico.

— Ah, sim! — exclamei porque não parecia haver outra maneira de responder.

Êle se inclinou para a frente, seus estranhos pálidos olhos procurando os meus.

— Permita-me apresentar com toda clareza seus deveres. Depois que me ouvir, pode aceitar ou recusar, como queira.

— Bastante leal — disse eu cautelosamente.

— Muito bem, então. A senhorita passará a residir na vila. Toda tarde virá para cá, pegará o cachorro e passeará com êle durante duas horas — não importa onde. Jantará comigo ao menos três vezes por semana e, quando eu fôr convidado, a senhorita e o cachorro virão comigo. Fingirá duas coisas: primeiro, que o cachorro lhe pertence e, segundo, que a senhorita e eu... bem, vamos dizer, estamos comprometidos. Ao fim de seis meses, revisaremos a situação. Se, a esta época, desejar deixar meu serviço ou eu estiver insatisfeito com seu desempenho, divulgaremos que discutimos, que o “compromisso” está rompido e a senhorita sairá de Roma ... irá para os Estados Unidos ou para onde queira. Se, pelo contrário, ambos estivermos satisfeitos com a combinação, esta continuará por outros seis meses, ao fim dos quais tornaremos a fazer balanço, e assim por diante. Em momento algum, será a senhorita chamada a fazer algo que seja ilegal, não ético ou imoral.

Eu ainda vacilava. O barão Lukas von Vlk não se assemelhava em absoluto, ao tipo irracional e parecia que a única maneira, por meio da qual poderia descobrir os propósitos ocultos por sua bizarra proposta, era aceitá-la. Afora isso, não havia dúvida de que eu necessitava do dinheiro.

— Muito bem, barão. O senhor acaba de contratar uma noiva-com-pajem-de-cachorro. Meus amigos me chamam J. G.

Ele pareceu aliviado, dizendo: — Chamá-la-ei Jane Geneth e a senhorita me chamará Lukas. O nome do cachorro, por sinal, também é Lukas.

— Muito conveniente — murmurei divertida.

Os três dias seguintes foram como um sonho de pobre convertido em realidade. Às sete horas da manhã seguinte à minha entrevista com Lukas, fui despertada por vigorosa pancada na porta do meu quarto de cem liras por dia na pensão onde me alojava, após o fiasco de Veneza. Suspirei, rolei e abri a porta um pouquinho só, sem sair da cama (era realmente mais um quarto de privada do que aposento de moradia).

— Ciao — disse com voz arrastada — e, por fazor, vá embora. Estou muito doente.

Na realidade, não era mentira. As manhãs — especialmente as primeiras horas da manhã — me encontram em condição de muita fraqueza. Além disso, não poderia ver nada, o que não surpreende, uma vez que os meus cabelos — que são longos e lisos e (conforme creio já ter mencionado) de tonalidade castanha — obstruíam qualquer visão que pudesse alcançar àquela hora. Tentei fechar a porta de novo, porém não foi possível.

— Bom dia, Signorina — disse uma voz ligeiramente familiar, com pesado sotaque romeno.

Afastei a mecha de cabelos e respondi :

— Ah, sim, alô Silvanus. Creio que sonhei com o senhor.

O seu sorriso era apenas um pouquinho perceptível. Disse-me:

— Trouxe alguns homens para fazer a mudança de seus pertences para a vila. Pode ficar pronta em meia hora?

— Hum — grunhi. A porta se fechou de novo.

Na manhã seguinte, havia mudado, com bagagem e tudo (tal como era), para uma pequena e ensolarada vila nos arredores da cidade. Os móveis constituiam quase inteiramente de sólidas peças magnificamente cuidadas, de estilo antigo, exceto no que se refere ao banheiro e à cozinha. Dispunha até de uma ajudante — uma mulher de rosto alegre de cerca de cinqüenta anos, chamada Maria a qual, segundo me foi dito, se encarregaria sozinha de cozinhar, limpar e outras atividades do gênero.

Ganhei também um novo guarda-roupa — conjuntos, vestidos, casacos, camisas, roupas de descanso, roupas íntimas, sapatos — o qual teria enchido um quarto três vezes maior do que aquele em que estivera morando. Passei meia hora lendo etiquetas e me admirando.

Entrei no trabalho sério de experimentar tudo em mim. Havia conseguido meter-me numa coisa de seda estampada, com lantejoulas, e sem costas, quando Lukas chamou ao telefone.

— Tudo satisfatório?

— Satisfatório — irradiei. — Oh, Lukas, nunca me diverti tanto desde que meu avô me deixou à solta com o seu baú de roupas de teatro, quando eu tinha oito anos.

— Excelente. Mando um carro para pegá-la dentro de uma hora. Jantaremos juntos, esta noite.

Foi, naturalmente uma refeição perfeita, a espécie de coisa que lemos nas velhas edições de Emily Post, com criados de libre e diferentes vinhos para cada prato. Através de tudo isso, Lukas mantinha uma conversação polida e interessante, enquanto eu careteava como uma macaca. Não podia conter-me. Quando nos encontramos cheios de prazer e excitação, o excesso precisa escoar em alguma parte e, no meu caso, isto significa uma grande exibição dos dentes.

À hora do brandy, Lukas disse:

— Não deve pensar que sempre jantaremos tão à grande, mas julguei que uma pequena comemoração do nosso compromisso de noivado vinha a calhar.

Inclinou-se e pegou minha mão. Estávamos ambos sentados perto um do outro à cabeceira de uma vasta mesa, cuja branca toalha se prolongava na sombra.

Quase me esquecia do meu papel ... e Lukas abria a boca de novo para falar, antes que me ocorresse que os criados não participavam da mascarada. Ergui sua mão à minha face e olhei apaixonadamente para os seus olhos.

— Para nós, não são necessárias comemorações, Lukas.

Isto soava selvagemente convincente. Acrescentei:

— Pompa e circunstância são somente decoração — ornamentos de janela.

Impressionada com minha própria autenticidade, estava para continuar, quando Lukas retirou sua mão e fez sinal para o criado mais próximo, que prontamente desapareceu através da porta em direção do saguão. Um momento mais tarde, entrou Silvanus entregando ao seu amo um estôjo ornamentado de ouro, retirando-se a seguir.

Lukas enfiou o anel em meu dedo, com expressão indecifrável. Passei pela prova sem sabê-lo. Dirigi silencioso agradecimento ao meu avô pelo treinamento teatral subliminar, que me proporcionara.

Lukas beijou a palma de minha mão e disse: — Venha.

Segui-o.

Numa extremidade do salão de baile, seis músicos tocavam à luz de velas. Lukas sorriu e perguntou:

— Gostaria de dançar, Jane Geneth?

Também sorri.

Depois de meia hora ou menos — ou mais — disse-me, muito perto do meu ouvido:

— Está contratada.

Olhei para cima a fim de responder, porém não o fiz, porque êle me beijou e, tanto quanto saiba, não há boa resposta para isto.

Mais tarde, disse:

— Lukas...

— Hem?

— Não vi o cachorro.

Êle me olhou susprêso, sorrindo depois. Levou-me dançando para os pórticos franceses, que conduziam a um balcão, do qual se via metade de Roma o os fundos de sua propriedade. Alisou meus cabelos (à vista da orquestra), riu e me conduziu pela mão, por uma curva escadaria de pedra, para o jardim.

Num dos lados, encostado a um alto muro cinzento que marcava os limites de sua propriedade, havia um cercado de arame. Lukas fêz um barulho estranho. Olhei para êle e, depois de novo para o cercado. Era lua cheia.

— Lukas...

— Sim?

— Desagrada-me ser a primeira a dizer-lhe... Lukas, isto não é um cachorro.

— Não?

— Não. É um lobo.

Começava a compreender porque êle se empenhava em pagar tanto por um pajem de cachorro. A besta era enorme, prateada à meia-luz da lua.

Lukas pôs seu braço em torno dos meus ombros.

— É um caçador de lobos da Transsilvânia. Muito raro. Muito valioso. São criados para ter este aspecto, querida.

Não fiquei convencida, mas era uma noite magnífica. Escorreguei meu braço em torno de sua cintura e disse:

— Por vinte e cinco mil liras mensais, eu é que sou bastante valiosa.

— Êle levará focinheira para os passeios com você.

Os olhos de Lukas estavam lânguidos, enquanto me olhava. Houve um ruído atrás de nós, no balcão. Êle se empertigou e disse:

— Apenas uma coisa mais.

— Que coisa?

— A senhorita nunca permitirá a ninguém que fotografe o cachorro. Em nenhuma circunstância. Compreendido?

Encarei-o sorrindo e repliquei:

— Nada de fotografias. Nada de amistosos turistas com Brownie Boxes, nada de jornalistas com Rolleiflexs armadas. Por quê?

Silvanus, bastante perto para me fazer dar um salto, disse:

— Há quem tente falsificar a raça. Nós procuramos dificultá-lo para esta gente.

E assim comecei minha vida de embuste, gozando todo momento dela. Pelas tardes, levava a passeio Lukas-o-cachorro, enquanto passava as noites com Lukas-o-barão. Devo dizer que o desempenho do papel de devotada noiva do barão não exigia muito das minhas inexperientes aptidões de atriz. Mas excitava-me a imaginação.

No primeiro baile solene ao qual comparecemos, aproximou-se de mim. uma loira de olhos verdes, usando sólida armadura dourada com cintilação de esmeraldas e expressão de açucarada malícia.

— Estava morrendo de vontade encontrá-la. Então, a senhorita é a mais recente amante do barão ...

— Não — disse eu, aplicando meu olhar de pureza —, Lukas e eu estamos noivos.

Uma sobrancelha perfeitamente pintada se ergueu numa fração de centímetro... não o suficiente para rachar a fachada de porcelana.

— Mas que... encantador. Quando será o casamento, querida?

— O casamento? Ah, bem. Não antes de um ano, pelo menos. Minha família tem tradição de noivados muito compridos.

— Verdade? Bem intrigante. Mas quem é seu pessoal?

Lukas chegou neste momento e interrompeu:

— Jane Geneth, vejo que se encontrou com Lady Trimbelle. Ângela é uma dessas mulheres que consideram o dinheiro igual à licença de ser rude. Mesmo que se trate de dinheiro recentemente adquirido. Como está Ângela!

Ângela não respondeu de imediato. Senti-me quase pesarosa por

causa dela. Atrás das camadas de pintura, sua face travava uma luta titânica entre a cólera e a indignação, por um lado e o esforço para parecer encantadora, por outro lado. Lukas, devo mencioná-lo, se não o fiz antes, era um homem loucamente atraente. Por fim, ela disse:

— Estou muito bem, querido Lukas, e penso que sua noiva é perfeitamente um amor. Onde se encontraram ambos ?

— No fórum.

— Nova Iorque ?

Os olhos verdes brilharam, de modo que eu disse depressa:

— O Fórum dos Doze Césares. É um restaurante em Nova Iorque.

Depois, quando estávamos dançando murmurei para Lukas:

— Seria bom que acertássemos nossas estórias. Quem sou eu? Quero dizer, que está dizendo aos outros a meu respeito?

Senti que êle ria. Respondeu-me :

— A senhorita é uma mulher misteriosa, meu amor. Não estou dizendo nada a ninguém e Ângela é uma das poucas pessoas que chegam a se atrever a perguntar. Lamento que tivesse de enfrentar esse assalto sozinha. Essa mulher é uma ameaça à civilização.

— Não se desculpe, Ah, Lukas estou vivendo um momento maravilhoso!

— Também eu — respondeu, com sentido, oculto de divertimento e um pouco de surpresa, — Também eu.

Continuávamos à nossa moda, quando aprendi que Lukas levava perfeitamente a sério a questão de não serem tiradas fotografias de Lukas-o-cachorro. Nós o havíamos levado conosco, como sempre fazíamos, mas porque Lukas-o-barão se preocupava ainda constituía um mistério, uma vez que o cachorro passava estas noites acorrentado num dos dormitórios de reserva, num cubículo de guarda-roupa ou em qualquer quarto de despejo, que houvesse naquela mansão de determinada noite. Lukas-o-cachorro sempre se comportava muito bem. Entesado com dignidade, verdadeiramente.

Uma ocasião, o barão retirou o cachorro e meu agasalho e começamos a descer a longa curva de uma escadaria barroca que conduzia à rua, quando fomos surpreendidos pelo clarão de lâmpadas de flashes. Lukas ordenou-me que ficasse atrás com o cachorro, enquanto descia em direção aos três jornalistas, que se aglomeravam teimosamente ao sopé da escada. Saudo-os com cortesia e respondeu — seletivamente — ao seu

dilúvio de perguntas a meu respeito e do seu noivado, bem como numerosas outras que não eram da conta deles. Eu apenas me mantive ali, ouvindo e tentando não me tornar visível, atrás do grande e marmóreo vaso de flores que encimava a balaustrada, enquanto, simuiltaneamente, procurava esconder Lukas-o-cachorro com as pregas do meu vestido.

Houve um súbito flash, muito mais próximo, e Lukas-o-barão estava de pé entre eu e o jornalista, levantando um deles pelo colarinho do paletó.

— Pensei ter tornado claro — disse êle com uma branda ameaça — que a Srta. Arbuthnot não deseja ser fotografada.

Fêz algo muito rápido e ágil e o agitado jornalista se viu escarranchado no vaso marmóreo de flores, enquanto Lukas calmamente retirava o filme da câmara.

— Vamos indo, querida.

Os dois Lukas e eu descemos com dignidade e não fotografados. Entramos no carro, que aguardava. O barão depositou a câmara vazia no meio-fio e Silvanus nos levou.

Já notaram que a literatura mundial está abarrotada de estórias acerca de mulheres *para as quais tudo vai indo completamente a favor* e que deitam tudo a perder por se tornarem curiosas? A Caixa de Pandora, Cupido e Psique. O Leste do Sol e o Oeste da Lua. Coisas assim.

Comigo, a coisa começou mais como ambição. Uma coisa do gênero. Decidi, uma manhã, que seria pajem de cachorro mais eficiente se soubesse um pouco mais a respeito de cães. Particularmente a respeito de cães caçadores de lobos da Transsilvânia.

Caçadores de lobos irlandeses, sim. Caçadores de veados escoceses, sim. Perdigueiros, cães basset, caçadores de raposas, de tudo havia. Em parte alguma, porém, encontrei sequer passageira referência à possibilidade de que houvesse uma raça como o caçador de lobos da Transsilvânia. Após semanas de pesquisa clandestina, cheguei à conclusão (com um desalentado "logo vi!") de que Lukas-o-cachorro era um lobo.

Naquela tarde, dei o meu primeiro passo lunático no caminho da traição. Disfarcei-me em turista americana — era o dia livre de Maria — e peguei um ônibus para a cidade. Entrei audaciosamente na maior loja de artigos fotográficos, que pude encontrar, e comprei uma dessas submicrominiaturas que se vêem em filmes de espionagem, bem como vários rolos de filme.

Quando cheguei em casa, o telefone chamava. Era Lukas.

— Jane Geneth ? Que é que há ? Parece... esquisita.

— Ah, não é nada. Encontrava-me fora no jardim, quando o telefone tocou.

Na realidade, sentia-me terrificada. E não adiantava convencer-me de que, apenas por haver comprado o instrumento inimigo, isto não significava que teria de usá-lo, uma vez que sabia que o usaria. Nunca fui notavelmente bem sucedida na racionalização das coisas.

Lukas chamara-me para me dizer que não poderia ir recepção de Ângela Trimbelle naquela noite, mas que eu devia ir de qualquer maneira. Coisas assim já tinham acontecido várias vezes antes e, habitualmente, não importava muito para mim, desde que, a esta altura, já conhecia — e apreciava — um bom número de velhos amigos de Lukas. Tal número, entretanto, não incluía Lady Trimbelle.

— Oh Lukas, como posso ir com esta gripe?

Pude perceber o sorriso atrás de suas palavras:

— Somente esta vez, querida. Creio que posso lhe fazer a promessa de que, depois desta noite, não mais terá de vê-la de novo.

Senti que era possível ficar enlevada e desgraçada ao mesmo tempo: enlevada, porque era a única reação possível a um tom de voz como aquele de um homem como Lukas, e desgraçada porque sabia que, quando (não "se", pois não me iludia) êle descobrisse minha bisbilhotice, nunca mais me falaria dessa maneira.

Vesti-me de preto, em manifestação de tristeza. Apenas acabava de enfiar a câmara na minha bolsa para noite, reluzentemente negra, quando Silvanus chegou com Lukas-o-lôbo e o carro.

Notei, conforme já o havia feito antes, que, quando Lukas-o-barão não ia conosco, Lukas-o-lôbo agia diferentemente. Era mais vivaz, menos dignificante e mais afetuoso. Nessa noite, deitou-se no banco ao meu lado, com a sua cabeça no meu regaço, durante todo o percurso até o hotel de Ângela. Cocei-o melancolicamente atrás das orelhas.

À parte Ângela, havia um bocado de gente simpática na recepção. A criada pegou meu casaco e eu conduzi Lukas-o-lôbo através da suite até o dormitório, que lhe fora reservado. Quando cheguei ali, Lukas-o-lôbo não queria ficar.

— Que é que há com você, Lukas. Comporte-se!

Disse-o firmemente, respirei fundo e fiz força para conservar meu

controle, senão minha dignidade, enquanto êle me rebocava com a mesma firmeza, de volta pelo caminho por onde tínhamos vindo. Êle insistia, ao que parece, em ser deixado na biblioteca.

— Muito bem, já que insiste — disse eu, amarrando sua correia à maçaneta da porta. Havia uma chave na porta e tive repentina idéia.

— Pará que você não assuste qualquer pobre inocente que se desencaminhe por aqui, vou fechá-lo, velhinho.

Durante um momento, a despeito das tiras de couro da focinheira, que amarravam suas mandíbulas, poderia jurar que o lobo fazia gentil arreganho para mim. A seguir, deitou-se mansamente, cruzou as patas dianteiras e fechou os olhos.

Não hesitei um instante. Tirei a pequena câmara, apontei-a em sua direção e empurrei a avalanca. O clique foi quase inaudível, mas Lukas-o-lôbo suspendeu suas orelhas e seus olhos se abriram instantaneamente. Quando virou sua cabeça, empalmei a câmara e tirei a chave.

— Vejo-o depois — disse e fechei-o.

A esta altura, sentia-me não só envergonhada de mim mesma, mas também perplexa, admirando-me por que ficara tão nervosa por ter deixado que Lukas-o-lôbo me pegasse tirando sua foto. Será que pensei que êle falaria a meu respeito? Loucura! disse em voz alta, enquanto um garçon surgia perto com uma taça de champanha e uma tigela de castanha de caju.

A noite não foi tão chata como esperava. Ângela mostrou suas unhas uma vez ou duas, mas aparar seus golpes verbais se tornara para mim uma segunda natureza e, de qualquer modo, logo me vi cercada por uma zona protetora de amigos do barão e de pessoas amáveis.

Talvez fosse a champanha. Normalmente, disponho de uma espécie de comutador psíquico para o álcool: se bebo demais, uma luz de advertência aparece em alguma parte dos obscuros recessos do meu cérebro e simplesmente desisto de beber. Mas a chamapanha me dá curto-circuito.

Lá pela meia-noite, peguei Lukas-o-lôbo, dei a Ângela um adocicado adeus e encorajei alguém para me conduzir ao carro para esperar. Imediatamente, apertei o botão que abaixava o vidro atrás do motorista.

— Silvanus — disse, num impulso de quem está tocada — seja bonzinho e me leve para ver o barão, antes de me conduzir para casa.

Sua face mirrada se virou de perfil. Pensei que pudesse estar sor-

rindo, o que é difícil dizer de Silvanus.

— É muito tarde. O barão talvez esteja dormindo.

— Silvanus...

— Sim, senhorita?

— Por favor. Se êle estiver dormindo, prometo que irei direto para casa, sem fazer caso.

O lobo ao meu lado fêz um ruído de ron-ron.

— Muito bem, senhorita.

Sorri maliciosamente e afaguei meu amigo de pele cinza durante todo o caminho.

Silvanus pegou a correia do lobo à porta, dizendo-me:

— Vou var se o barão está em cima. Quer esperar no gabinete?

Subi a escada com muita dignidade. Às cortinas estavam baixadas e uma luz apenas começava a surgir sobre a terra. Caminhei para as janelas e puxei o pano de lado.

Surpresa, surpresa. Enquanto esperava, Silvanus apareceu à porta da cozinha com Lukas-o-lôbo. Tudo muito bem, exceto que já havia um Lukas-o-lôbo no cercado. Deixei que a cortina caísse atrás de mim, tirei minha câmara e comecei a bater fotografias. Tinha duas esperanças de aproximadamente igual força: 1) que o homem da loja de artigos fotográficos mentira acerca da velocidade do filme, de modo que as fotografias provando a duplicidade de Lukas não ficariam boas; e 2) que êle não mentira. Silvanus e os dois lobos desapareceram no pequeno abrigo que servia de casinha de cachorro. Ou de casinha de lobo.

Armei a câmara para outro flagrante, hesitei, depois afastei a cortina e avancei através da sala. Encontrava-me a meio caminho na escada antes que Silvanus se materializasse ao seu sopé.

— O barão a verá agora, senhorita.

— Não, eu... Silvanus, leve-me para casa. Bebi champanha demais e não devia ter vindo.

No topo da escada, Lukas disse: — Jane Geneth? Para onde está indo!

— Para casa, amor. Volte para cama. Ligo para você pela manhã.

Senti-o sorrir.

— Boa noite.

— Boa noite, Lukas.

Minha única esperança era que êle não me pudesse ouvir derra-

mando lágrimas.

Na manhã seguinte, despertei lúcida e cedo. Bastante cedo, em todo caso. Peguei de novo o ônibus para a cidade. Lukas oferecera um carro para meu uso pessoal, mas recusei. A *vita* — até então, pelo menos — havia sido demasiado *dolce* para que a arriscasse como uma neófita no tráfego de Roma. Tirei o rolo de filme num lugar que anunciava serviço pronto no mesmo dia para fotos em prêto-e-branco, disse ao homem que iria buscar à tarde e voltei para a vila, onde passei o resto da manhã em horrível estado de ânimo e embrulhando meus pertences originais numa gasta maleta de roupa, com a qual chegara cerca de três meses antes.

Não deixaria Maria ajudar-me nesta tarefinha, além do que esta boa alma normalmente alegre vez por outra ficava confusa e sombria. Não, Lukas e eu não brigamos. (Ainda não.) Não, meu avô estava muito bem. Recebera uma carta sua um dia antes. Sim, ainda amava a Itália.

Quando Silvanus chegou com o carro e Lukas-o-lôbo, ainda não me encontrava pronta. Pude ouvir Maria tagarelando desabaladamente com êle. Bem, estava muito bem. Pela noite, tudo isto estaria acabado, de qualquer forma. Que fiquem curiosos por mais umas poucas horas.

Silvanus me levou para o carro com o seu usual sinal obscuro de cabeça. Desta vez, fiquei contente que não fosse, em absoluto, do tipo falador. Deixou-nos fora umas poucas quadras distantes do lugar de revelação do filme e combinou de me encontrar ali duas horas mais tarde. Lukas-o-lôbo e eu erramos sem objetivo pelas ruas de Roma. O tempo, com calculado propósito de desmancha-prazeres, se tornou chuvoso. Parei num café e o deixei sem tocar no copo de vinho que havia pedido e pago.

Por fim, o tempo melhorou. Peguei o envelope com as fotos e enfiei-o calmamente na bolsa. Parecia pesar uma tonelada.

Maria estava vendo comerciais de televisão na cozinha, quando cheguei. Fiz-lhe uma saudação e fui direto paia meu quarto, fechando a porta atrás de mim, pela primeira vez. Nem sequer tirei meu casaco e o tremor de minha mão, quando tirei as fotos de minha bolsa, manchou o envelope com gotinhas de chuva.

Não eram muito boas, porém não precisavam sê-lo. A primeira mostrava um homem espreguiçado sobre um tapete oriental. A segunda estava muito confusa, mas mostrava, dois homens. A terceira era melhor. Silvanus estava de costas para mim, abrindo a porta para o cercado do lobo, mas Lukas-o-barão era visto nitidamente de perfil e meia frente de

Lukas-o-lôbo estava claramente visível num lado.

— Logo vi! — disse e rompi em lágrimas.

Quero dizer, como agiriam se se vissem loucamente apaixonados por um lobisomem?

Houve uma leve batida na porta. Empurrei as malditas fotos na minha bolsa e fui abrir. Ouvi Maria dizer:

— O barão telefonou, signorina.. Disse que jantaria com a signorina esta noite, aqui. Cozinharei alguma coisa do outro mundo.

Ela, então, começou também a chorar e nós duas nos abraçamos, soluçando.

Maria se superou a si mesma naquela noite, mas eu mal tive coragem de tocar em minha comida. Lukas parecia não notar. Após o jantar, entramos e nos sentamos ao pé do fogo. Estava quente e o odor das flores, que me trouxera, enchia a sala. Rajadas de vento gemiam através dos pinheiros, lá fora, e faziam as janelas retinir. Lukas sentou-se na fofa poltrona e eu me enrosquei no capacho de pele aos seus pés, minha cabeça descansando nos seus joelhos, olhando o fogo. Êle disse:

— Nossos lugares deviam estar invertidos, Jane Geneth. Eu deveria estar de joelhos diante de você.

Olhei-o. Sorria e seus olhos brilhavam. Minha expressão devia ser algo cômica, porque êle riu e se curvou para me beijar.

Virei o rosto, afastando-o.

— Jane Geneth, não lhe perguntarei o que está errado. Isto porque tenho algo muito mais importante para lhe pedir. Desejo que.... quer você desistir de ser minha noiva e se tornar minha esposa?

— Oh! — disse com voz que não era minha. Então, tivemos nossos braços ao redor um do outro e eu chorava como se meu coração fosse romper-se. Creio que se rompeu, na verdade.

Segurou-me muito perto.

— Quer, Jane Geneth?

— Ah, não — repliquei chorando.

Êle se empertigou e me afastou de si, falando:

— Lamento. Pensei... Pensei que você estava..Bem, esqueça. Agora. Está tudo muito bem. Não quero impor-me a você. Vou andando, agora.

O sofrimento em sua voz me fêz chorar mais ainda. Balancei a cabeça e finalmente, consegui desabafar :

— Por favor, Lukas. Espere. Apenas um minuto.

Livrei-me, arremeti escadas acima, agarrei o envelope e arremeti para baixo, devolta. Êle se achava de pé, fitando o fogo, os ombros caídos.

— Lukas — disse, entre soluços — sou uma miserável. Eu... eu o traí.

Empurrei-lhe o envelope e me joguei com o rosto para baixo no sofá, já nem mesmo chorando, apenas aguardando, em suspense, enquanto a porta atrás dele batia.

O som não veio. Após uma hora ou duas, ou talvez cinco minutos, êle se aproximou e se sentou na borda do sofá, ao meu lado. Sua mão alisava meus cabelos.

— Foi você quem fêz isto?

Eu assenti.

— Mostrou-as a alguma pessoa? Neguei com um balançar de cabeça.

— Então você realmente, em absoluto, não me traiu!

Reuni bastante coragem para encará-lo. Sorria muito tristemente.

— Ah Lukas. Amo-o tão desesperadamente! Seu sorriso mudou de registro.

— Mesmo sabendo que eu sou... um lobisomem?

Levantei-me e lancei meus braços em torno dele.

— Eu o amaria ainda que fosse javali-homem. Ou um hipopótamo-homem. Como, porém, poderá jamais confiar em mim?

Êle se ergueu e começou a lançar as fotos e os negativos às chamas.

— Se tivesse concordado em casar comigo, eu lhe falaria a meu respeito — disse êle tranqüílamente, — Contaria tudo, Agora, contarei de qualquer forma. Depois, se ainda quiser, pode regressar à América ou continuar como até este momento — numa situação de negócios — ou pode.... considerar minha proposta anterior...

O último negativo estalou e se incendiou e êle veio, sentando-se de novo ao meu lado.

— Um lobisomem, Jane Geneth, é simplesmente um homem. Tanto quanto saiba, a aptidão para mudar de forma, para realmente se converter em outra espécie de criatura, é um mito. O que eu posso fazer é levar as pessoas a pensar que mudei de forma. Isto parece ser algo como uma hipnose involuntária, em massa. Quando quero, todo mundo que me

olhar, me tocar ou me ouvir, me perceberá como um lobo.

— Ah, bem. Mas uma câmara fotográfica.

— Não pode ser hipnotizada. E uma foto não pode, por si mesma, hipnotizar ninguém. Se eu tivesse estado com você quando pela primeira vez olhou estas fotos, poderia ter feito com que visse um lobo em todo lugar onde minha imagem aparecia.

Enfiei minhas mãos nas dele.

— Mas você não estava.

— É um talento como mover as orelhas, e é também hereditário. Nos tempos antigos, parece ter havido um número maior de pessoas com esta aptidão, mas, especialmente na Idade das Trevas, isto se tornou mais um defeito do que uma qualidade para a sobrevivência. Eu represento um tipo de atavismo.

— Mas, Lukas, por que o faz? Quero dizer, por que este refinado arranjo com uma noiva de impostura? Por que é que você ao sentir a necessidade ou qualquer outra coisa que tome conta de você, por que simplesmente não perambula pela casa com as cortinas abaixadas?

Êle riu e beijou a palma de minha mão.

— Não há necessidade, mesmo com a lua cheia. Mantenho completo controle, meu amor, e seria capaz de viver de hoje até o dia do juízo final sem virar lobisomem e isto não me causaria a mínima preocupação. Não, isto é parte do meu trabalho.

— Seu trabalho? — indaguei, surpresa,

— Sim. Não sou apenas um lobisomem, Jane Geneth, sou um espião.

— Um esp... um agente secreto?

— Na última noite, quando você tão atentamente me fechou no gabinete de Lady Trimbelle, finalmente encontrei a prova concludente de que ela vinha transmitindo informações aos comunistas. Ela foi agarrada esta manhã e deportada a toda pressa de volta para a Inglaterra.

Voltou o rosto para mim e perguntou :

— Provei ou não que confio em você, minha querida?

Assenti.

— Bem. — Beijou-me delicadamente e se levantou, continuando:

— Crê que... amanhã seria muito cedo para que eu saiba a sua resposta?

— Ah, eu já sei agora..

Levantei-me e passei os braços em torno dele, lutando para que as palavras atravessassem o bolo em minha garganta. Afinal, explodi:

Lukas, se você não se casar comigo, difundirei sua estória por todos os jornais da cidade.

E assim nos casamos. Nossa triunfante equipe constitui algo de lendário, nos anais não escritos da espionagem. Agora, que me tornei parceira ativa, podemos planejar nossas operações com muito maior precisão. Houve alguns difíceis embaraços, mas foram poucos. .. e, de qualquer modo, o quartel-general não gosta que assumamos riscos desnecessários.

Que mais? Ah sim. Estamos mais apaixonados do que nunca e mais felizes do que um casal jamais teve efetivo direito de ser. De fato, existe apenas um problema. A raça de Lukas é legítima. Nossos filhos gêmeos de dois anos gastam três quartos de suas horas de vigília fazendo de filhotes de cachorro.

Já tentaram encontrar adequados companheiros de brincadeiras para pequenos lobisomens?

BABY

Dirceu Borges

Sou uma pessoa simples. Sem muitas letras. Acho que por causa disto sinto tanto apego pelas coisas de Deus, de jeito que são, sem pensar no carreador complicado que tiveram que percorrer para vir a ser. Gostei, amei mesmo de amor Baby, assim que a vi. Chorava triste e forte no desolado da invernada. Deus meu! Como pôde aquela criatura surgir de aparecida daquele modo, em pleno sol queimante, longe de gente, de casa, de povoado? Nada a vestia, nem um trapo, nuazinha como se naquela hora tivesse sido parida ou desabrochada. Nem me lembrei mais da rês alongada que campeava. Envolvi com cuidado muito, as mãos grosseiras, mal tocando, aquele corpinho rosado e quente. Ela me notou, parou o choro, roçou o narizinho com o punho e dormiu.

— Que flor de lindeza! — assim disse Marta, minha mulher, na mesma hora que já providenciava banho, roupinha limpa das crianças, bem me parecendo não acreditar piamente na estória que lhe contei de onde achado. E minha família, com quatro filhos, aumentou de um mais. Ela foi um rebuliço, uma alegria na casa, os meninos adorando, rodeando, rindo de qualquer bobajinha que fizesse, um mexer de cabeça, um espirro. Eu cismado da sua proveniência, mesmo mistério, logo deixado esquecido, preocupação dando lugar ao encantamento da coisa-nova. O apelido nasceu bem antes do nome de batismo, idéia de Carminha, minha mais velha, coisa de escola: Baby. Nós a aceitamos de maneira tal, e tão plenamente, que só enxergávamos a formosura de seus olhos azuis de conta, o frescor de sua pele, sua meiguice. Por isso estranhas nos soaram as palavras da comadre Eudóxia:

— Vocês dizem que Baby só tem seis meses? Ah! qual... é do tamanho da Nena!

Olhamos nossa caçula de sete anos, Nena, e de fato ela pareceu estranhamente pequena ao lado de Baby. O mais pior do amor é ser cego, de maneira que achamos aquilo vantagem, saúde de bom trato. O preocupar veio mais tarde, quando a bebê consumia sozinha mais de meio balde de leite, e tivemos que acomodá-la em cama de adulto. Fui à cidade, trouxe o Dr. Camargo, e Baby gostou dele. Brincou com seus aparelhos de exame, fez gracinhas. Mas o doutor pareceu assustado quando me disse:

— Olhe, trata-se de uma espécie de gigantismo, você compreende, um crescimento demasiado... Olhe, vou lhe dar o nome de um médico em São Paulo, uma sumidade em hormônios...

Não que a gente fosse pobre, mas vivia do render do sítio, da criação, do plantio pouco. Naquela hora não estava prevenido, planejei a viagem para o mês. Sabe, para nós um mês sempre havia sido um dia seguido do outro, e aquele foi o somar dos dias, um acumulamento de horas, coisa que a gente as tivesse empilhando. Baby crescia de maneira demais rápida. Carecia cuidar muito. Ela rolava na cama, queira engatinhar, um problema para Marta trocar-lhe as roupas. Em duas semanas a pobrezinha mal podia passar pela porta. E ao fazer suas brincadeiras com a gente, apesar de coisas de bebêzinho, brutas se tornavam, um perigo. E quando, por fim, consegui dinheiro para a viagem, Baby estava com quase o dobro da minha altura e não podia de nenhum jeito ser retirada do quarto. E mais desatinos: o povo gosta mesmo de comentários. Até gente amiga, que havia visto Baby e nosso martírio, contava aos outros como se o fato de ter visto fosse glória de seus olhos e de sua pessoa. Resultado é que veio gente de longe, estranhos, curiosos, e tivemos que contratar camaradas para ficar na porteira, impedindo a entrada. Procuramos ajeitar nosso paiol, grande e de boa altura, para ser a casa de Baby. Para fazê-la se mudar, tivemos que abrir uma parede. Nessa época ela estava principiando a engatinhar. Chamei :

— Vem com o papai, Baby. Vem...

Parece que ela compreendia os problemas e queria agradar a gente. Parou no meio do quarto, onde mal e mal estava cabendo, começou a brincar, escondia o rosto com as mãos, fazendo vergonha. Era um bebê muito lindo, meigo e gentil e nós todos o amávamos muito. Marta começou a chorar, foi para dentro, e Baby, como para tranqüilizá-la, engatinhou

me seguindo, até o paiol. Naquela noite reunimos toda a família, os amigos, rezamos dois terços para N. Sra. das Dores, pedindo-lhe que olhasse por Baby. Na manhã seguinte embarquei para São Paulo, com uma carta do Dr. Camargo. Dentro de cinco dias voltava com o Professor da Faculdade e mais dois doutores. Quando a gente já ia chegando, ouviu uma gritaria medonha, e de longe a cabeça de Baby, enormidade, furando o telhado do paiol. Rodeando, como uma quermesse, com vendedores e tudo, o povo, assanhado. Não sou homem de perder estribeiras, porém naquela hora, fiquei que nem louco e nem me lembro como consegui enxotar toda aquela gente. Baby me reconheceu, mas seu choro ainda era sentido e assustado, Marta e as crianças estavam derreadas.

— Ela está com fome, papai.

Os doutores aplicaram injeções em Baby. Retiramos as paredes do paiol para que ela pudesse se deitar. Dormiu soluçando. Examinaram-na de todas maneiras, e, mal comparando, eram como moscas em cima de um boi. Usaram aparelhos complicados, tiraram sangue dela.

— Essa rapidez de reprodução celular é inconcebível num ser humano!

Um deles me pediu para ver o lugar onde achara Baby; examinou longo tempo as plantas e a terra de perto. Conversava simples comigo, como se fosse criança. Depois fomos visitar alguns vizinhos, perguntar. Todos faziam o pelo-sinal e juravam não ter visto ouvido nada de estranheza, barulho, nada no céu ou terra, no dia em que encontrei Baby. Voltamos.

A noite vinha chegando, havia um ventinho de chuva. Cobrimos o bebê com encerados e acendemos perto uma fogueira. Os doutores estavam inquietos, nervosos. Um foi em busca de telefone. Fiquei, mais as crianças, zelando por Baby, que dormia lindo de bonito, calma. A noite esfriava, eu temia que chovesse. O povinho que havia ficado espiando de longe já tinha ido embora, Os doutores discutiam lá dentro de casa, as crianças dormiam ao pé do fogo.

Daí um pensamento foi tomando conta de mim. Baby era o nosso nenê e o amor que tínhamos por ela maior que o seu tamanho. Todo aquele movimento não nos levaria a nada, e não estávamos tranqüilos com aquilo. Conhecia um lugar, além da invernada, o Varjão, terra-de-ninguém. Uma pedreira, lugar bonito e sossegado. Por que não esconder Baby ali, até que passasse a zoeira, a curiosidade? Cheguei-me de manso até seu rosto. E êle era quase de minha altura. Mexi em seu cabelo louro;

sua face fresca e vermelhinha de nenê.

— Baby.

Ela dormia, sono pesado.

— Acorde, anjinho do papai. Vamos!

Mexeu-se. Abriu os olhos, resmungando. “Baby”. Sorriu.

— Vamos, Baby.

Ficou feliz, entendia. Corri na frente, ela arrastou-se de mansinho, mesmo que cuidadosa, corri, ouvia ela me seguindo. Ouvia e sentia os arbustos, as árvores, sendo esmagados por suas pernas. “Vamos, Baby. Vem com o papai! Depressa, depressa!”. Meu peito doía do esforço, corria de perder o fôlego. “Venha, Baby!” Voltava-me e via meu bebê cada vez: maior, crescendo sempre, uma montanha, um mundo. Passamos pela invernada, pelo local onde a vira pela primeira vez, a tomara no colo, corria, tudo muito confuso, as coisas deixando de existir, tudo ficando sem importância, só grande o nosso fôlego branco e espesso, espuma de água, turbilhão. O esforço muito que me abateu. Acordei de dia, a chuva grossa batendo em meu rosto. À minha canhota a pedreira, um rasgo, um lanhado como se aberto na rocha por um gigantesco machado de fogo. E paz. Uma grande paz no verde teimando em nascer por entre as pedras. No horizonte ali pertinho se encontrando com o céu. Na chuva de Deus que mistura as poeiras dos séculos. Meu coração apressou-se por meu nenê. Levantei-me, olhei para os lados e para o alto.

— Oh! Baby. ..

O PRIMEIRO METAL

Isaac Asimov

Trad. de Renato J. Ribeiro

Volta e meia alguém me pergunta de que modo eu escolho o tema para um artigo. A resposta é clara e direta: — Não sei.

Algumas vezes, contudo, acontece que consigo reter, antes que se esfume e fuja de vez, um fugidio vislumbre do processo mental envolvido.

Assim, algumas semanas atrás, deparei com alguns comentários, numa revista de química, referentes ao metal gálio. É esse um metal interessante em dois aspectos: teve papel melodramático na elaboração da tabela periódica, e tem ponto, de fusão que desperta o interesse.

Isso sugeria a possibilidade de um artigo sobre a tabela periódica ou, alternativamente, sobre ponto de fusão de metais. Pareceu-me que se fosse discutir o ponto de fusão do gálio, deveria antes ter de discutir o ponto de fusão do mercúrio.

E caso discutisse o ponto de fusão do mercúrio, teria antes de mencionar algumas outras poucas coisas sobre ele, notadamente o fato de ter sido um dos sete metais conhecidos pelos antigos.

Nesse caso, boa idéia seria um artigo, primeiramente, sobre os metais antigos. E é justamente o que vou escrever, sentando-me aqui, tencionando meter mãos à obra até o mercúrio, e depois ao gálio.

Essa é a .forma pela qual escolho os artigos que escrevo — pelo menos neste caso.

Os sete metais conhecidos pelos antigos eram (em ordem alfabéti-

ca) : chumbo, cobre, estanho, ferro, mercúrio, ouro e prata. A descoberta de cada um deles perde-se nas névoas do passado, mas tenho forte suspeita de que o ouro foi descoberto primeiro e de que foi o primeiro metal.

Por que não? O ouro pode ser achado ocasionalmente como uma pequena e cintilante pepita. Sua cor bela e brilhante atrairia facilmente o olhar, e seria um ornamento natural.

Uma vez tocado, o ouro mostraria quase de imediato ser uma substância notável, muito diferente das rochas, madeiras e ossos, com que a humanidade vinha trabalhando desde centenas de milhares de anos. Não somente teria côr brilhante, como seria consideravelmente mais pesado do que uma pedra ordinária do mesmo tamanho.

Daí, suponha-se ainda que o dono da pepita quisesse trabalhá-la em formato mais simétrico. No caso de uma pedra, êle usaria de pequenas pancadas com cinzel, também de pedra, e finas lascas seriam arrancadas do objeto trabalhado.

O ouro não se comportaria da mesma maneira. O cinzel iria simplesmente amassar o ouro. Batido com um bastonete, não se esfarelaria como a pedra, mas se achataria numa folha fina. Poderia também ser estirado num fio muito fino, o que certamente com nenhuma pedra se poderia fazer.

Outros metais foram mais tarde descobertos; outros objetos que tinham lustro e peso fora do comum, e que eram maleáveis e dúteis. Conquanto nenhum tão bom quanto o ouro, nenhum tão brilhante e pesado. Mais ainda, outros metais tendiam a perder o brilho mais ou menos rapidamente, se expostos ao ar por longos períodos; o ouro nunca.

Somando-se a essas, tinha ainda o ouro uma propriedade que o valorizava: era raro, embora os outros metais também o fossem. A crosta terrestre é formada sobretudo de rochas, e os ocasionais pedaços de metais eram ocasionais mesmo.

A própria palavra “metal” parece vir da palavra grega “metallan”, significando “à procura de”, num duplo tributo à sua raridade e busca.

Os químicos modernos determinaram a composição da crosta terrestre em termos de cada um de seus vários elementos, incluindo os sete metais antigos. Eis aqui as cifras para os sete, dadas em gramas de metal por tonelada de crosta terrestre, e na ordem decrescente de suas concentrações:

Metal	Concentração (g/ton)
Ferro	50.000
Cobre	80
Chumbo	15
Estanho	3
Mercúrio	0,5
Prata	0,1
Ouro	0,005

Como se vê, o ouro ganha longe como o mais raro dos sete; uma concentração de 0,005 g/ton é equivalente a uma parte em duzentos milhões.

Ainda assim, a quantidade total de ouro é apreciável quando se considera o tamanho da crosta terrestre. Nessa percentagem, a massa total de ouro na crosta é de cerca de 155 bilhões de toneladas.

Existe também ouro nos oceanos, na forma de fragmentos submicroscópicos, chegando à concentração de 0,000005 gramas por tonelada, perfazendo o total de 9 milhões de toneladas de ouro nos mares.

Esse ouro dos oceanos é tão diluído que seria antieconômico tentar extraí-lo, razão pela qual seu aproveitamento ainda não foi tentado. Em terra a concentração é maior, mas o trabalho no solo é mais difícil. Fosse o ouro igualmente espalhado por toda a crosta terrestre, e seria todo ele inaproveitável.

Mas isso não acontece. Casualmente espalhadas, existem regiões onde a concentração de ouro é suficientemente alta para permitir a mineração lucrativa, mesmo com equipamentos primitivos, onde pepitas de bom tamanho podem ser encontradas, com ouro metálico razoavelmente puro.

E, dessa forma, apenas uma fração mínima de todo o ouro existente encontra-se à nossa disposição. Coisa alguma tem sido tão avidamente procurada como o ouro, ao longo dos seis mil anos de história civilizada; ainda assim, com toda essa procura, estima-se que a quantidade total de ouro extraída do solo pela humanidade chega apenas a 50 000 toneladas.

Mais ainda, as minas mundiais estão produzindo o metal na razão de apenas umas mil toneladas por ano (metade na África do Sul), e assim mesmo o fim das reservas mineráveis da Terra parece estar no fim.

Seria interessante visualizarmos como uma quantidade tão pequena de ouro serviu para afetar a história humana de maneira tão grandiosa. Fosse todo esse ouro já extraído da Terra condensado num cubo, este cubo teria 88 metros de cada lado. Já se esse ouro todo fosse usado para recobrir uma área do tamanho da Ilha de Manhattan (cerca de 58 quilômetros quadrados), a camada metálica teria espessura de apenas 1 milímetro (o que põe sob outro aspecto a noção antiga dos imigrantes de que as ruas de Nova Iorque eram pavimentadas de ouro. Seria, no máximo, um calçamento de segunda classe).

Sendo o ouro o mais raro dos sete metais, surge então a questão de como pôde ser êle o primeiro metal a ser descoberto.

A resposta encontra-se na atividade relativa dos metais, isto é, sua tendência relativa em combinar-se com outros elementos para formar, compostos não metálicos.

A atividade dos metais pode ser medida como “potencial de oxidação”, em volts (pois a corrente elétrica pode fazer os átomos metálicos se retirarem como átomos livres ou ir para uma solução na forma de íons metálicos). Ao elemento hidrogênio (que possui algumas propriedades metálicas, sob o ponto de vista químico), é dado arbitrariamente um potencial de oxidação de 0,0 volts. Os elementos que são mais ativos do que o hidrogênio têm potencial de oxidação positivo; os de atividade menor são negativos.

Eis aqui os potenciais de oxidação para os sete metais antigos:

Ferro + 0,44
Estanho + 0,14
Chumbo + 0,13
Cobre - 0,34
Mercúrio - 0,79
Prata - 0,80
Ouro - 1,50

Como se vê, o ouro ganha longe como o menos ativo dos sete e se coloca distanciado como o de maior chance de existir numa forma metá-

lica livre. Assim, embora muito menos comum do que o ferro, átomo por átomo, as pepitas de ouro são muito mais comuns do que pedaços de ferro metálico. Na verdade, por uma razão à qual chegarei logo, pedaços de ferro não são encontrados de forma alguma. Além do mais, o brilho amarelo do ouro é muito mais facilmente notado do que o cinza sujo, ou preto, do ferro.

Acontece pois que enquanto objetos de prata e cobre (também entre os elementos mais inativos) podem ser encontrados em tumbas egípcias predinásticas que datam de 4.000 anos a.C, objetos de ouro, acredita-se, antecedem de vários séculos essa marca.

No início da história egípcia, a prata era mais cara do que o ouro, simplesmente porque era mais fácil de ser encontrada em pepitas.

Na verdade, podemos generalizar que os metais antigos são os metais inertes. E contudo a pergunta nos vem se não existiriam metais inertes desconhecidos dos antigos. A resposta, é: sim,

Existem seis metais, do “grupo da platina” — a própria platina, mais o paládio, o ródio, o ósmio, o rutênio e o irídio — que também se qualificam. Platina, ósmio e irídio são um tanto mais inertes do que o ouro, e os outros são pelo menos tão inativos quanto a prata. Ora, por que então não eram eles conhecidos dos antigos?

Seria fácil dar como razão a raridade desses metais. Quatro deles: rutênio, ródio, ósmio e irídio, são consideravelmente mais raros do que o próprio ouro, com concentrações na crosta terrestre de apenas 0,001 g/tonelada. Estes, juntamente com o rênio, têm a distinção de serem os metais menos comuns na Terra. (O rênio tem a distinção única de ser o último dos elementos estáveis a ser descoberto — mas isso é uma outra história.)

A platina, contudo, é tão comum quanto o ouro, e o paládio duas vezes mais comum. Se pepitas de ouro podem ser achadas, por que não pepitas de platina? Ou de paládio?

Por um lado o ouro, amarelo, é bem mais notado do que a platina branca. Por outro, os melhores minérios de platina não são encontrados em lugar algum perto dos territórios das antigas civilizações no Oriente Médio.

Aí, também, suspeito que elas eram na verdade encontradas, uma ou outra vez e tomadas como sendo prata. Muito menos maleável do que a prata, a platina não é facilmente trabalhada. Chego a ver o primitivo ourives, olhando para tais pepitas com desgosto, murmurando “prata es-

tragada", e jogando-as fora.

A semelhança aparente com a prata marca a platina até hoje. Foi reconhecida claramente como um metal distinto, pela primeira vez, em 1748, quando o químico espanhol Don Antônio de Ulloa descreveu amostras do metal que localizara no curso de suas viagens pela América do Sul. Êle chamou-a de "platina" a partir de "plata", seu nome espanhol. De modo que pelo menos em nome, ela ainda permanece um tipo de prata.

Nem por outro lado é surpresa, em vista de tudo isso, que o ferro, bem mais comum do que os outros sete metais — quinhentas vezes mais que os outros seis juntos — perdesse e levasse desvantagem em outros aspectos. No final das contas, era o mais ativo dos metais antigos, o mais apto a combinar-se, o mais difícil de separar-se após combinado.

O simples fato de ser conhecido pode ter sido o resultado de uma catástrofe cósmica a milhões de quilômetros da Terra.

Pois afinal, no que se refere aos princípios da química, o ferro só deveria ser conhecido na Terra na forma de compostos metálicos, mas nunca como metal livre. Contudo não é isso que se dá.

Pois veja, existe tanto ferro na Terra, e está tão concentrado em direção ao seu centro, que um terço da massa do planeta é um núcleo líquido de ferro mais seu metal irmão, o níquel, numa razão de dez para um.

Em si mesmo, isso não afeta a crosta terrestre, mas deve haver outros planetas com tal núcleo de ferro e níquel, e tudo leva a crer que um deles explodiu (presumivelmente, aquele, entre as órbitas de Marte e Júpiter, órbita agora marcada pelos asteróides, os fragmentos daquela explosão). Os fragmentos menores dessa explosão bombardeiam a Terra, e alguns deles são fragmentos do núcleo de ferro e níquel. Se o fragmento é grande o suficiente, sobrevive ao atrito com a atmosfera e ainda atinge nossa crosta, onde se fixa como "pepitas" de ferro caídas do céu.

Pedaços pequenos de ferro-níquel (indubitavelmente de origem meteorítica) são encontrados em tumbas egípcias datando de 3500 a.C. Estão lá à guisa de ornamentos.

Enquanto os metais só pudessem ser usados quando encontrados na forma livre de pepitas ou seixos, estavam destinados a ser excessivamente raros, mas em um certo momento, anterior a 3500 a.C, deu-se a verdadeira descoberta dos metais. Qualquer tonto, no final das contas, pode esbarrar com uma pepita ou seixo de metal. Foi preciso um homem, contudo, para reconhecer o que havia acontecido quando um seixo me-

tálico foi achado nas cinzas de uma fogueira acesa sobre uma pedra azul.

Foi um pensamento ousado, reconhecer que de uma rocha se pudesse obter metal.

A ciência da metalurgia teve início, e o homem começou a procurar não apenas metais, mas minérios, rochas que, aquecidas num fogo à lenha, expeliam um metal.

Começou o cobre a ser obtido principalmente dessa maneira, tornando-se o metal maravilhoso da época. Era 16.000 vezes mais comum do que o ouro, uma vez levados em conta os minérios, e conquanto ocorresse na forma de compostos rochosos, não era tão ativo a ponto de estar fortemente ligado a esses compostos. Uma cutucada ligeira, quimicamente falando, era o suficiente para deixá-lo livre.

Sozinho, o cobre era apropriado apenas para ornamento e para alguns utensílios — é mole demais para qualquer outra coisa. Foi quan- do outra descoberta acidental deve ter sido feita. Minérios de estanho poderiam ser manuseados tanto quanto os de cobre, e se alguns desses minérios contivessem ambos, o metal-mistura ("liga") que resultava era muito mais duro e rijo do que o cobre apenas. Chamamos essa liga de "bronze". Os antigos aprenderam a misturar cobre e estanho de propósito e usar a liga para armas de guerra. Iniciou-se assim a idade do bronze. No Oriente Médio, lugar das mais velhas civilizações do homem, a idade do bronze iniciou-se cerca de 3.500 a.C, e durou coisa de dois mil anos. .

Mas o problema aqui era o estanho. Sendo 1/25 menos comum do que o cobre, suas reservas no Oriente Médio chegaram ao fim enquanto o cobre ainda era encontrado em quantidades satisfatórias. Como resultado, os cantos mais distantes do mundo tiveram de ser percorridos na procura de estanho. Os navegadores fenícios, os melhores e mais arrojados do mundo antigo, fizeram-se ao mar e encontraram o caminho das "Ilhas do Estanho" com esse propósito.

Os fenícios guardaram segredo da localização dessas ilhas ao longo de sua história, mas é quase certo que navegavam para o Atlântico, rumo norte, até Cornwall, na extremidade sudoeste da Grã-Bretanha.

Cornwall é uma das poucas regiões da Terra rica em minério de estanho. Em vinte e cinco séculos de mineração contínua, cerca de três milhões de toneladas de estanho já foram removidas dessas minas, e a área ainda não está exaurida. Apesar disso, sua produção hoje é mínima, comparada com as minas da Malásia, Indonésia e Bolívia, ainda mal tocadas.

Todavia, enquanto o bronze era pau para toda obra, os antigos sabiam muito bem que havia um metal ainda mais duro e rijo e que era potencialmente muito melhor para armas de guerra e ferramentas. Era o ferro — aqueles seixos de metal apanhados do chão apenas uma vez ou outra; na verdade raríssimas vezes.

Havia, naturalmente; minérios de ferro, da mesma forma como de cobre ou estanho. Mais que isso, era óbvio que os de ferro eram extremamente comuns. O problema era que o ferro (muito mais ativo do que o cobre), prendia-se fortemente ao seu lugar nos compostos. A mesma técnica, suficiente para extrair o cobre metálico, não dava certo para o ferro. Pois dava-se que esse ferro, assim extraído dos minérios, era recheado de bolhas de gás, quebradiço, e não servia para nada.

Técnicas especiais, envolvendo em particular um fogo mais forte, faziam-se necessárias, juntamente com um carvão de alta qualidade. Mesmo quando se alcançavam temperaturas suficientes para derretê-lo e retirar as bolhas, conseguindo-se de fato prepará-lo numa forma pura, ainda assim o produto final era um desapontamento. O ferro obtido de minérios não chegava perto, em dureza, daquele dos seixos meteoríticos, além de não manter, tampouco, uma aresta afiada. O problema era que o ferro meteorítico continha níquel (metal desconhecido dos antigos).

Mas, aos poucos, processos foram desenvolvidos para produzir ferro no qual algum carbono do carvão era introduzido. Na realidade uma espécie de aço foi conseguida e isso, pelo menos, era o metal de que se necessitava.

Foi em alguma época ao redor de 1.500 a.C, que o segredo de produzir-se bom ferro em quantidades aproveitáveis foi desenvolvido em algum lugar ao sul das faldas das montanhas do Cáucaso. Deu-se isso no lugar assim conhecido como o reino de Urartu (o "Ararat", onde a Arca de Noé aportou). A área achava-se nesse tempo sob controle dos hititas, cujo centro de poder ficava a este da Ásia Menor. O reino hítita tentou conservar o conhecimento da nova técnica como monopólio, mas o aproveitamento dessa nova arma era lento. Antes que os hititas pudessem transformar o metal num recurso militar de força mundial, foram eles próprios batidos por uma combinação de guerra civil e invasão estrangeira.

A queda dos hititas veio logo depois de 1.200 a.C, e o segredo da tecnologia do ferro foi para a Assíria, a terra logo ao sul de Urartu. Gradualmente, os assírios levaram o ferro a um ponto sem precedentes, de sor-

te que, lá por 800 a.C, estavam jogando em campo um exército completamente armado à base de ferro. Armazenaram lingotes de ferro, da mesma forma como hoje em dia se armazena urânio, e com o mesmo propósito. Por duzentos anos os assírios varreram tudo à sua frente e construíram o maior império que o Oriente Médio já viu até hoje. Até que suas vítimas aprenderam a tecnologia do ferro por seus próprios meios.

É interessante notar, a propósito que, a despeito de sua abundância, não é o ferro o metal mais comum na Terra. Existe um outro, ainda mais comum, porém ainda mais ativo. Em conseqüência, seu aproveitamento atrasou-se ainda muito mais.

O metal mais comum na crosta terrestre é o alumínio, cuja concentração é de 81,3 g/tonelada. É 16.000 vezes mais comum que o ferro, e seu potencial de oxidação é de 1,66, também consideravelmente mais alto que o do ferro.

Isso significa que a tendência do alumínio para formar compostos é ainda maior, e que é muito difícil forçar o alumínio para fora desses compostos, do que o ferro dos seus. Mais ainda, não havia seixo de alumínio caído do céu para dar à humanidade idéia de que um tal elemento existisse.

Como resultado, o alumínio continuou, para os antigos, completamente desconhecido (como metal puro). Não foi senão em 1825 que o químico dinamarquês Hans Christian Oersted conseguiu forçar para fora de seus compostos, o primeiro pedaço de alumínio metálico. E não foi senão em 1886 que se descobriu o primeiro método razoável para produção barata e em quantidade do metal puro (mas isso também é uma outra história).

Os metais são, em geral, mais densos do que as pedras. Se medirmos a densidade em gramas por centímetro cúbico, teremos:

Estanho	7,2 g/cm^3
Ferro	7,9 g/cm^3
Cobre	8,8 g/cm^3
Prata-	10,5 g/cm^3
Chumbo	11,4 g/cm^3
Mercúrio	13,6 g/cm^3
Ouro	19,4 g/cm^3

Do momento em que uma rocha, em média, tem densidade de cerca de 2,8 gramas por centímetro cúbico, mesmo o menos denso dos sete metais ainda é 2,5 vezes mais denso; enquanto o ouro o será sete vezes.

Densidade alta tem suas aplicações. Se você quiser juntar um monte de peso num pequeno volume, preferirá usar metal em vez de pedra; e quanto mais denso o metal, melhor. Nesse ponto o ouro é o melhor, mas ninguém vai usar ouro como lastro; é por demais valioso. Mercúrio, sendo líquido, será difícil demais de ser manuseado.

Isso deixa o chumbo como a terceira escolha. É realmente barato para um metal e é quatro vezes mais denso do que a rocha. O chumbo tornou-se, portanto, representante e sinônimo do que é pesado. A frase “pesa como chumbo” entrou na linguagem como chavão que tem muito mais força de expressão do que frases como “pesado como ouro”, ou “pesado como platina”. (Na verdade o que se quer dizer é “denso”, e não “pesado”, mas não vem ao caso.) Ainda dizemos “meus olhos pesam como chumbo”, para expressar sono que não pode ser evitado; “caí que nem chumbo na poltrona”, indicando cansaço em demasia.

Um sujeito muito trabalhador não arreda pé do serviço, e como é difícil tirá-lo dali, fica evidente por que o chamamos de “pé de chumbo”.

Tudo isso permanece, muito embora já sejam conhecidos agora seis outros metais, além do ouro e do mercúrio, que são mais densos que o chumbo. Três deles, platina, ósmio e irídio, são mais densos que o próprio ouro. O ósmio tem uma densidade de 32,5 gramas por centímetro cúbico, e os outros dois não ficam muito atrás.

Um outro ponto: os metais, em geral, têm pontos de fusão mais baixos do que as rochas. Essas fundem, geralmente, a temperatura de 1.800 a 2.000 °C. Isso já é o suficiente para permitir que materiais rochosos sejam usados para construir fornos e chaminés.

Eis aqui os pontos de fusão dos sete metais antigos:

Ferro - 1535^{0}C
Cobre - 1083^{0}C
Ouro - 1063^{0}C
Prata - 961^{0}C
Chumbo - 327^{0}C
Estanho 232^{0}C
Mercúrio - -39^{0}C

O ferro tem um ponto de fusão bastante alto para um metal, o que é uma das razões de ter sido um osso duro, metalúrgicamente, para os antigos roerem. Cobre, prata e ouro estão numa faixa intermediária, mas dê uma olhada no chumbo e no estanho.

Esses dois são fáceis de fundir em qualquer chama ordinária, e uma mistura dos dois derreterá à temperatura menor ainda do que de qualquer deles separadamente, isto é, a 183 °C. Essa liga de estanho e chumbo é a "solda", que pode ser facilmente fundida, derramada entre as pontas de duas peças metálicas e a seguir esfriada.

Estanho contendo um pouco só de chumbo é outra liga. Reis e nababos usavam pratos de ouro e prata para comer, apesar do custo e da dificuldade em trabalhá-los, num exemplo típico de consumo conspícuo. Os pratos dos pobres eram de argila e madeira e tinham aparência feia. No meio, os remediados usavam pratos feitos com a liga de estanho.

Era fácil, em especial, trabalhar com o estanho ou o chumbo para fazer tubos e existe um caso a contar para cada um deles. A forma metálica ordinária "estanho branco", é estável apenas a temperaturas relativamente quentes. No frio do inverno, começa a haver uma tendência para transformar-se na forma não-metálica e quebradiça de "estanho cinza". Essa passagem dá-se lentamente a não ser que sejam alcançadas temperaturas consideravelmente abaixo de zero.

A catedral de São Petersburgo, na Rússia, instalou um órgão magnificente com belíssima tubulação de estanho. Veio um inverno frio, frio, e os tubos se desintegraram. E foi assim que os químicos descobriram a natureza do estanho branco e cinza, embora eu duvide que o pessoal da catedral ficasse particularmente lisonjeado por sua contribuição ao conhecimento científico.

É bastante razoávei construir os canos de um órgão de estanho, mas para os plebeus, em seu encanamento ordinário de água, o estanho era por demais dispendioso. O outro metal de baixo ponto de fusão, chumbo, era então usado. Nas partes do Império Romano onde se instalava uma central de suprimento de água (na própria cidade de Roma, por exemplo), usavam-se canos de chumbo. — E como o nome chumbo vem do latim "plumbum", ainda hoje em inglês o encanador é "plumber", muito embora já não se usem encanamentos de chumbo e o nome inglês do metal seja "lead".

Mas como se sabe, e os pobres romanos não sabiam, os compos-

tos de chumbo são fortemente venenosos e atuam cumulativamente. Sob certas condições, pequenas quantidades do cano de chumbo dissolviam-se e o suprimento de água tornava-se perigoso por longos períodos.

Existe mesmo quem tenha sugerido recentemente que o Império Romano caiu, em parte pelo menos, porque os homens-chave do governo e da liderança social da cidade de Roma estavam sofrendo de “plumbismo”, isto é, envenenamento crônico pelo chumbo.

No entanto, nem o estanho nem o chumbo são o metal de ponto de fusão mais baixo entre os antigos metais. O recorde ficava (e ainda fica até hoje) com o mercúrio — e isso nos leva mais um passo dentro da cadeia de ruminações que descrevi no início desse artigo.

O mercúrio será o assunto do próximo mês.

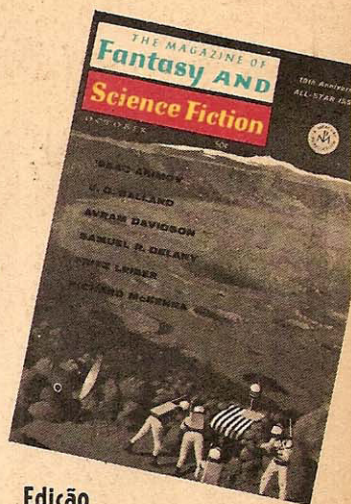
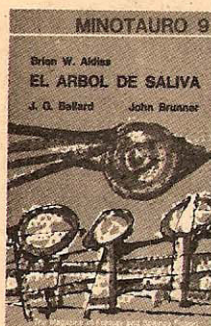
Cartas

Magazine de Ficção Científica manterá uma seção de conversa com seus leitores, por motivos óbvios. Tratando-se, como se trata, da única revista no gênero no Brasil, reunirá, certamente, em torno de suas páginas, leitores que até o momento não dispunham de meios para diálogo aberto sobre esse gênero literário que empolga todos os que o descobrem.

Nesta seção, amparada pela Associação Brasileira de Ficção Científica, responderemos a todas as perguntas, consultas e curiosidades dos leitores, seja sobre ficção científica (autores, obras, detalhes biográficos, etc), seja sobre ciência, neste caso até onde o pudermos fazer com a ajuda de consultores especializados. Por razões técnicas, esta seção será efetivamente aberta apenas a partir do quinto número do MFC. As cartas recebidas até lá serão respondidas diretamente aos interessados.

Os escritores que desejem submeter seus trabalhos à nossa apreciação para publicação na revista, têm toda a liberdade para nos consultar ou mandar diretamente seus contos.

Tanto para consultas como para colaboração, queiram dirigir-se a Jeronymo Monteiro — Avenida Vieira de Carvalho, 179 - Ap. 9-D — São Paulo.

Esta revista é a edição brasileira de THE MAGAZINE OF FANTASY AND SCIENCE FICTION, a mais difundida publicação no gênero. Mensalmente, Você encontrará aqui estórias vigorosas e de ilimitada imaginação, assinadas pelos mestres da ficção científica: Robert Heinlein, Isaac Asimov, Avram Davidson, Poul Anderson, Theodore Sturgeon, Arthur Clarke, Ray Bradbury e muitos outros.

Edição Americana

Edição Espanhola

Edição Francesa

Edição Alemã

PUBLICAÇÃO DA REVISTA DO GLOBO S.A. **Pôrto Alegre - RS**